



Relatório Final

Inquérito à Transição Ensino- Emprego dos Finalistas Universitários

Final Report on the Survey of School-to-Work
Transitions of University Students

Maputo
Novembro de 2019



Relatório Final do Inquérito à Transição Ensino-Emprego dos Finalistas Universitários

Sam Jones, Ricardo Santos, Gimelgo Xirinda

Maputo
6 de Novembro de 2019

Prefácio

Este relatório documenta as principais conclusões do Inquérito à Transição Ensino-Emprego dos Finalistas Universitários. A pesquisa foi planificada e implementada por pesquisadores do United Nations University World Institute for Development Economics Research (UNU-WIDER), o Grupo de Pesquisa em Economia do Desenvolvimento (DERG) da Universidade de Copenhaga (UCPH), e do Centro de Estudos de Economia e Gestão (CEEG) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) em Maputo. A pesquisa e a análise subsequente foram implementadas sob alçada da Direcção de Estudos Económicos e Financeiros (DEEF), CEEG, UNU-WIDER e UCPH-DERG, no âmbito do programa *Crescimento Inclusivo em Moçambique – Reforçando a Investigação e as Capacidades*, apoiado financeiramente pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros de Dinamarca (DANIDA), o Ministério das Relações Exteriores da Finlândia (MFA) e Ministério dos Negócios Estrangeiros da Noruega.

Resumo

Resultados principais:

- Este relatório traz os resultados do seguimento de mais que 2.000 estudantes universitários Moçambicanos durante a sua transição para o mercado de trabalho.
- Um inquérito de base foi implementado em 2017 com finalistas em seis das maiores universidades do país, localizadas nas cidades de Beira e Maputo. A partir do início do ano de 2018 e até Setembro de 2019, os mesmos participantes foram contactados via telefone pelo menos seis vezes para saber da sua situação económica e laboral.
- Depois de terminar os cursos, 40% dos finalistas conseguiram um trabalho de imediato (ou já tinham emprego à espera) e, até a última ronda, 61% obtiveram um emprego.
- Todavia, nosso seguimento dos participantes mostra que, para muitos, a transição para o mercado de trabalho não é um processo fácil.
- Há uma segmentação distinta nas transições pós-ensino dos participantes:
 1. Um primeiro grupo (~40%) conseguiu obter um *'bom emprego'*. Estes empregos são principalmente nos ramos de serviços públicos, tecnologia, finanças e construção. Oferecem salários relativamente altos e têm condições contratuais melhores (ex., Contracto fixo). A maioria dos participantes que obtiveram estes empregos estudaram cursos específicos, tais como medicina, as ciências naturais, engenharia e educação. Deles, um número significativo ou já tinha emprego antes de concluir os seus estudos ou encontraram seu emprego logo depois.
 2. O segundo grupo, constituído por quase 1 em cada 3 dos participantes, apenas conseguiu obter um *'mau emprego'*, tendo um salário relativamente baixo e condições mais precárias (ex., sem contrato). Muitos destes maus empregos encontram-se no ramo de serviços comerciais (ex., comércio) e são mais ligados a algumas áreas de estudo específicas, tais como letras e humanidades, ciências sociais e agricultura.
 3. O terceiro grupo (~30%) não conseguiu um emprego durável. Até a última ronda, 23% estavam desempregados e 7% não estiveram no mercado de trabalho. Também, 10% dos estudantes nunca conseguiram emprego e apenas 1 em cada 3 trabalhou por menos de seis meses durante o período de seguimento.
- Pouco mais de metade dos participantes que encontraram um emprego continuavam a procurar uma outra posição laboral e, nas suas posições actuais de trabalho, apenas metade exige formação a nível de ensino superior. Assim, este resultado sugere que **a economia moçambicana não está a gerar postos de emprego suficientes e satisfatórios** para este nível.

Resultados principais (continuação):

- As oportunidades de emprego provêm principalmente do sector de serviços. Na última ronda, apenas 12% dos finalistas empregados se encontraram no sector primário ou no secundário e 55% trabalharam nos serviços públicos (ex., educação, saúde).
- Ao longo do tempo de seguimento, a qualidade média de trabalho (ex., em termos contratuais) tem melhorado e mais participantes obtiveram um emprego fixo.
- As estimativas do valor monetário do ensino superior (medido em termos do incremento salarial), são muito elevadas para as áreas de engenharia e saúde, reflectindo os altos salários realizados por finalistas destas áreas (comparado com outras áreas).
- Há disparidades notáveis entre homens e mulheres nas suas experiências de transição para o mercado de trabalho, sendo as mulheres as que enfrentam mais dificuldades relativamente aos seus pares masculinos. Menos mulheres conseguiram um emprego de imediato e tiveram que procurar emprego durante mais tempo, quando comparado com os seus pares homens com a mesma área de formação. Até a última ronda, o salário mediano por sector era geralmente menor para as mulheres (2000 MZN menor).
- Os finalistas preferem permanecer nas grandes cidades urbanas (com destaque para Maputo). Até a última ronda, apenas 10% dos finalistas residiram fora de Maputo Cidade, Maputo Província, ou Sofala.
- As estratégias de procura que resultaram em emprego são principalmente as informais (ex., contactos pessoais). Os canais formais (ex., *media*, jornal) são menos eficazes; mas a Internet está a ganhar alguma importância principalmente para participantes com experiência laboral.
- Apesar das dificuldades nas suas transições, quase todos os participantes acreditam que valeu a pena ter frequentado o ensino superior e a grande maioria iriam escolher a mesma universidade de novo.

Conteúdo

1	Introdução	1
2	Metodologia	2
3	Perfil dos finalistas	9
4	Transições pós-ensino	11
5	Fluxos migratórios	23
6	Tipo de trabalho	27
7	Estratégias de procurar emprego	37
8	Qualidade do trabalho	44
9	Remuneração	49
10	Reflexões sobre a experiência pós-ensino	56
11	Conclusão	60
	Referências	65
A	Figuras adicionais	66
B	Tabelas adicionais	69
C	Lista de cursos classificados por área de estudo	78
D	Questionário do inquérito de seguimento (exemplo)	80

Lista de Figuras

1	O número de graduados universitários em Moçambique, por ano	2
2	Número de contactos por participante durante o período de seguimento	7
3	Situação económica por ronda de seguimento (%), todos	12
4	Situação económica por ronda e género	13
5	Variações na situação económica entre a 1ª e 6ª ronda de seguimento, todos . . .	14
6	Variações na situação económica entre a 1ª e 6ª ronda de seguimento, homens .	16
7	Variações na situação económica entre a 1ª e 6ª ronda de seguimento, mulheres	18
8	Distribuição do tempo à procura da primeira posição de trabalho (meses)	20
9	Distribuição do tempo à procura da primeira posição de trabalho (meses), por género	21
10	Distribuição do tempo à procura da primeira posição de trabalho, por área de estudo (meses)	22
11	Província onde frequentou a escola primária vs. província de residência em 2019	25
12	Proporção dos participantes na última ronda a residir na mesma província da sua escola primária	26
13	Sector de trabalho por ronda (%)	28
14	Sector de actividade no último trabalho reportado, por área de estudo (%)	29
15	Tipo de empregador (organização), por ronda (%)	33
16	Tipo de empregador na última posição de trabalho, por área de estudo (%)	33
17	Estratégias para encontrar emprego (%)	38
18	Finalistas a trabalhar, por número de rondas (%)	45
19	Número de posições (diferentes) de emprego/trabalho ao longo das rondas de seguimento	45
20	Salário mediano por ronda de seguimento e género	51
21	Distribuição cumulativa dos salários realizados na primeira e última posição ocupadas (%)	52

22	Salário mediano por género e sector de trabalho, última ronda observada	54
23	Salário mediano realizado vs estimado sem licenciatura, por área de estudo (6ª ronda)	59
24	Salário mediano realizado vs estimado sem licenciatura, por sector (6ª ronda) .	59
A1	Situação económica por ronda e local da universidade	66
A2	Situação económica por ronda e tipo de universidade	67
A3	Situação económica por ronda e emprego inicial	68

Lista de Tabelas

1	Proporção de estudantes graduados por área de estudo e género	3
2	Dimensões das sub-amostras e amostra total teóricas	5
3	Dimensões das sub-amostras actuais e margens de erro com um intervalo de confiança de 95%	6
4	Número de entrevistas realizadas por ronda de seguimento	6
5	Atrição até a última ronda de seguimento por características individuais	8
6	Características dos finalistas (no <i>baseline</i>) da amostra do seguimento, em percentagem	10
7	Comparação da situação económica entre a 1ª e 6ª ronda de seguimento (%), todos	14
8	Comparação da situação económica entre a 1ª e 6ª ronda de seguimento, homens (%)	16
9	Comparação da situação económica entre a 1ª e 6ª ronda de seguimento, mulheres(%)	18
10	Situação económica na 1ª e 6ª ronda de seguimento, por área de estudo (%)	19
11	Local de residência na última ronda de seguimento, por local da universidade (2017)	24
12	Sector de actividade no último trabalho reportado, por características individuais (%)	30
13	Sector de trabalho preferido (no <i>baseline</i>) vs. actual, na última ronda observada (%)	31
14	Tipo de empregador (organização) na última posição de trabalho, por características individuais (%)	35
15	Tipo de empregador preferido (no <i>baseline</i>) vs. actual, no último trabalho (%)	36
16	Estratégias usadas para encontrar emprego (%)	40
17	Percentagem dos participantes que, procurando ou não um novo trabalho, está a frequentar um curso técnico-profissional	41
18	Experiência de venda de vagas	43

19	Qualidade do trabalho, por ronda	46
20	Qualidade do trabalho na última posição ocupada	48
21	Salários medianos esperados no <i>baseline</i> vs. os realizados na primeira e última ronda observado a trabalhar	55
22	Reflexões sobre a experiência pós-ensino	57
B1	Coeficiente médio de ajuste aos ponderadores do inquérito base	69
B2	Sector de trabalho na última ronda observada por área de estudo, percentagem .	70
B3	Sector de trabalho na última ronda observada por área de estudo, número de observações	71
B4	Sector de trabalho na última ronda observada por área de estudo, homens . . .	72
B5	Sector da última posição de trabalho por área de estudo, mulheres	73
B6	Classificação dos finalistas pelo pior e melhor qualidade de trabalho alcançada ao longo das rondas de seguimento	74
B7	Salários medianos por sector de trabalho na última ronda observada	75
B8	Salários medianos por sector de trabalho na última ronda observada, homens . .	76
B9	Salários medianos por sector de trabalho na última ronda observada, mulheres .	77

1 Introdução

O Inquérito a Transição Ensino-Emprego dos Finalistas Universitários (ITEEFU) visa dar resposta a preocupações do Governo de Moçambique, sociedade moçambicana e parceiros de desenvolvimento sobre o emprego jovem no país. O foco é aqui colocado na transição dos jovens, da educação para o mercado de trabalho. Quando se estuda esta transição, distinguem-se duas populações alvo significativas: a população que atinge a idade activa, por um lado, e aqueles que atingem os mais elevados graus de educação, graduando dos seus cursos superiores. O nosso foco, aqui, é no segundo grupo.

Enquanto Moçambique ainda enfrenta uma séria carência de recursos humanos qualificados, com apenas 0.9% da sua população com uma educação superior (INE, 2019), isso apenas intensifica a importância de seguir o processo de transição da educação para o trabalho desta coorte populacional em particular. Ou seja, a experiência dos jovens mais qualificados na sua transição para o mercado de trabalho fornece uma janela sobre o funcionamento geral do mercado de trabalho formal. Nesse sentido, este inquérito visa analisar factores determinantes da empregabilidade de jovens, mulheres e homens, que, sendo finalistas dos seus cursos universitários em 2017, se espera terem transitado para o mercado de trabalho ao longo do ano de 2018.

Este relatório resume os resultados deste inquérito, nas suas duas fases. A primeira decorreu entre Março e Novembro de 2017 nas cidades de Maputo e Beira, em 6 universidades. A segunda fase compreendeu seis rondas de seguimento da amostra inicialmente inquirida, através de inquéritos telefónicos, que decorreram trimestralmente entre Março de 2018 e Setembro de 2019.

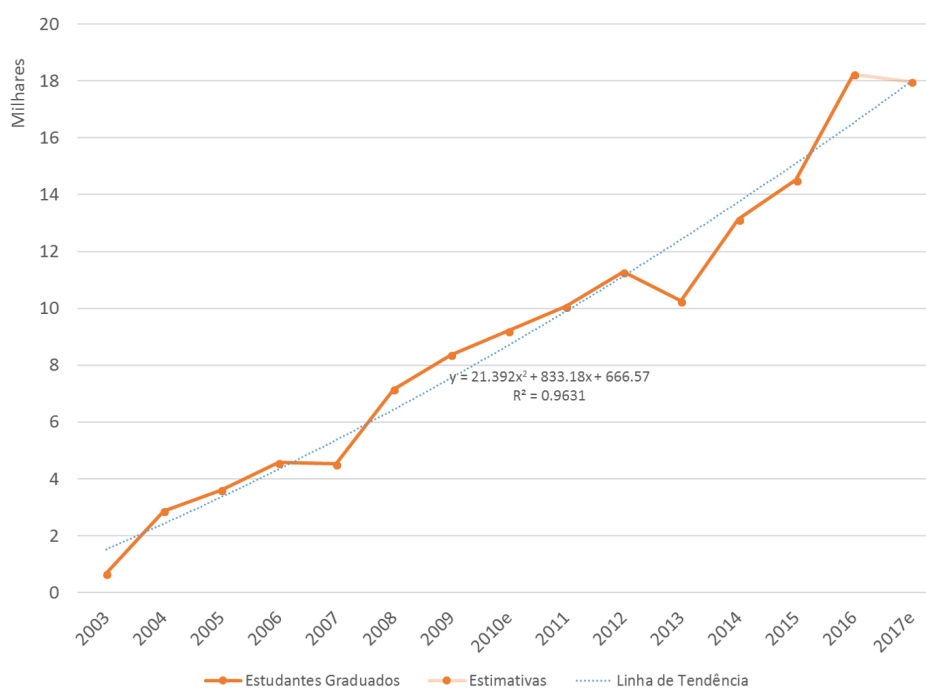
Após apresentar a metodologia de amostragem e implementação do inquérito, o relatório incide sobre os seguintes tópicos: (1) o perfil dos finalistas; (2) os processos de transição ensino-emprego; (3) os fluxos migratórios observados; (4) os tipos de trabalho em que os finalistas estão empregados; (5) as estratégias que conduziram os finalistas aos seus empregos; (6) a qualidade objectiva e subjectiva do emprego que alcançaram; (7) a remuneração que auferem e (8) reflexões dos finalistas sobre a experiência pós-ensino. O relatório termina com uma secção onde são partilhadas as principais conclusões.

2 Metodologia

2.1 População alvo

Como indicado na introdução, a população alvo do inquérito é constituída pelos finalistas universitários em 2017. Para o desenho da nossa amostra, e com base nas estatísticas já reportadas, procedemos a uma estimativa do valor da população total através de uma aproximação polinomial de segundo grau cuja equação apresentamos no gráfico da Figura 1. Para efeitos dos cálculos realizados, assumimos então um número de finalistas para 2017 de 17.977 e que todos os estudantes finalistas em 2017 se teriam graduado. Esta última hipótese erra obviamente por excesso, induzindo a um enviesamento no sentido da sobre-amostragem, o que, retirando eficiência económica ao inquérito, em nada prejudica o poder estatístico das estimativas.

Figura 1: O número de graduados universitários em Moçambique, por ano



Fonte: DCES (2017, 2016a,b, 2012c,a,b, 2011a,b, 2009, 2008, 2007); DCES and DPEC (2005); OESCT (2005)

Tendo por base esta estimativa de universo dos graduados universitários, a implementação do inquérito exigiu uma opção logística, restringindo a população alvo aos alunos finalistas dos campus de Maputo da Universidade Pedagógica (UP), Universidade Eduardo Mondlane (UEM),

Universidade São Tomás de Moçambique (USTM) e Universidade Politécnica (UPolitécnica) e dos campus da Beira da Universidade Católica de Moçambique (UCM) e Universidade Zambeze (UniZambeze). Limitações financeiras impediram uma cobertura total das universidades ou seja a aplicação do inquérito em mais polos, para lá de Maputo e Beira. Escolheu-se estas 6 universidades porque, em conjunto, elas prestam educação superior a aproximadamente três quartos da população total universitária. Assim, embora não se possa afirmar que o desenho do inquérito garante que os resultados sejam estritamente representativos de *todas* as universidades, não se espera que esta restrição traga distorções substanciais.

Mediante a escolha das universidades, desenhamos a amostra com o objectivo de poder produzir estatísticas representativas da população das suas graduadas, estratificada por género e área de estudos. Nesse sentido, estabeleceu-se estimar as sub-populações (estratos) definidas pela área de estudo e género, mediante a distribuição de estudantes inscritos em 2015, como indicada na Tabela 1 em baixo.

Tabela 1: Proporção de estudantes graduados por área de estudo e género

Área de Formação	M	H	MH
Educação	14.6%	16.2%	30.8%
Letras e Humanidades	0.7%	0.9%	1.6%
Ciências sociais, gestão e direito	20.9%	23.6%	44.5%
Ciências naturais	1.4%	2.6%	4.0%
Engenharias, Indústrias e Construção	2.5%	5.4%	7.9%
Agricultura	0.9%	1.2%	2.1%
Saúde e bem estar	2.7%	3.1%	5.7%
Serviços	0.7%	2.7%	3.4%
Total	44.3%	55.7%	100.0%

Fonte: (DCES, 2017)

2.2 Estratégia de amostragem

Para a determinação da dimensão da amostra seguimos [Cochran \(1977\)](#). Como aí é proposto, uma amostra de dimensão n de uma população N que permite inferência relativa a uma questão chave, como seja, no nosso caso, a estimativa p da proporção P de graduados universitários

recentes empregados, com uma margem de erro d e um intervalo de confiança de $1 - \alpha$, é:¹

$$n = \frac{n_0}{1 + (n_0 - 1)/N} \quad (1)$$

onde

$$n_0 = \frac{t^2 p(1 - p)}{d^2} \quad (2)$$

e t é a abcissa da curva da distribuição normal estandardizada que exclui uma área de proporção total α das duas caudas. Estabelece-se facilmente por cálculo, que uma proporção p igual a 50% gera as dimensões amostrais mais elevadas para cada combinação dos parâmetros restantes. É, como tal, prática *standard*, e aquela que aqui se adopta, que se escolha esse como o valor a utilizar.

Numa primeira iteração, podemos fazer um cálculo com base numa população N de 17.977 indivíduos, uma margem de erro de 7,5% e um intervalo de confiança de 95%. Tal gera uma amostra com 169 pessoas a inquirir. Deve-se notar que, embora esta amostra permita inferir a proporção de recém-graduados universitários que obtiveram emprego, tal não permite inferências estatisticamente representativas ao nível de estratos da população (ex., por género). Em particular, é intenção deste estudo que as estimativas sejam estatisticamente representativas ao nível de género e área de estudo, permitindo, por exemplo, inferir a probabilidade de uma mulher graduada num curso da área de estudos de ciências naturais alcançar emprego no período do inquérito, com a segurança estatística de que poderemos comparar tal probabilidade com, por exemplo, a de um homem graduado em Educação.

Existem, no entanto, limites logísticos e financeiros que, se não fossem assumidos compromissos ao nível da margem de erro e grau de confiança, teriam levado o inquérito a ultrapassar o seu orçamento. Dadas estas restrições, assumiu-se como objectivo que este inquérito gerasse estimativas representativas ao nível de estratos área de estudo / género, com uma margem de erro de 7,5% e um intervalo de confiança de 90%. Esta escolha segue a prática de vários inquéritos anteriores.

São, portanto, considerados dois estratos: área de estudos e género. Tal como recomendado por Cochran (1977, p. 82), foram calculadas sub-amostras para cada contingente de género, em cada área de estudos. Na Tabela 2 em baixo apresentamos as dimensões teóricas das sub-amostras e da amostra total que procurámos inquirir.

¹ Este valor corresponde à seguinte equação: $\Pr(|p - P| \geq d) = \alpha$.

Tabela 2: Dimensões das sub-amostras e amostra total teóricas

Área de Formação	M	H	MH
Educação	115	116	231
Letras e Humanidades	60	70	130
Ciências sociais, gestão e direito	117	117	234
Ciências naturais	82	96	178
Engenharias, Indústrias e Construção	95	107	202
Agricultura	70	78	148
Saúde e bem estar	96	99	195
Serviços	63	96	159
Total	698	779	1477

Fonte: Cálculos dos autores

2.3 Implementação do inquérito base

O inquérito base ocorreu em 2017. Concretamente: (1) em Abril de 2017 realizou-se a Formação e o Piloto, em Maputo; (2) de Abril a Novembro de 2017 realizou-se o trabalho de campo, na Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Universidade São Tomás de Moçambique (USTM), Universidade Politécnica (APolitécnica) e Universidade Pedagógica (UP) em Maputo e Universidade Católica de Moçambique (UCM) e Universidade Zambeze (UNIZAMBEZE) na Beira; e (3) de Novembro de 2017 a Abril de 2018 procedeu-se à análise preliminar dos dados do inquérito base.

Assim, o inquérito decorreu em 6 universidades, num total de 27 faculdades, entrevistando estudantes de 106 cursos diferentes, num total de 87 sessões. Entrevistou-se, ao todo, 2.174 finalistas, 1.024 mulheres e 1.150 homens, tendo aceitado continuar nas fases telefónicas seguintes um total de 2.100. Tal traduziu-se numa significativa sobre-amostragem, relativamente ao conjunto total. No entanto, a taxa de sucesso foi variada, sendo a amostra actual conforme a Tabela 3, em baixo. Conjuntamente apresentamos as margens de erro para cada sub-amostra, para um p de 50% e um intervalo de confiança de 95%.

2.4 Implementação dos inquéritos de seguimento

No inquérito base, perguntamos se poderíamos entrar em contacto com cada participante ao longo dos 18 meses seguintes. Dos 2.175 entrevistados, 2.100 finalistas aceitaram ser contactados. Este

Tabela 3: Dimensões das sub-amostras actuais e margens de erro com um intervalo de confiança de 95%

Área de Formação	Sub-amostras			Margem de erro		
	H	M	HM	H	M	HM
Educação	228	226	454	5.2%	5.3%	3.7%
Letras e Humanidades	57	49	106	7.9%	9.9%	6.3%
Ciências sociais, gestão e direito	347	463	810	4.2%	3.6%	2.7%
Ciências naturais	244	81	325	1.3%	8.3%	3.4%
Engenharias, Indústrias e Construção	158	37	195	5.3%	13.3%	5.5%
Agricultura	54	37	91	9.2%	12.3%	7.5%
Saúde e bem estar	47	105	152	11.4%	7.2%	6.2%
Serviços	15	26	41	20.0%	15.7%	12.4%
Total	1150	1024	2174	2.2%	2.4%	1.7%

Fonte: dados do ITEEFU.

grupo constitui a nossa amostra de seguimento a qual tentamos contactar via telefone pelo menos uma vez por cada trimestre (ou ronda). Um pequeno sub-grupo foi contactado mensalmente mas, para os efeitos deste relatório, consideramos apenas uma observação por participante em cada trimestre. A Tabela 4 mostra o número de finalistas que conseguimos entrevistar (via telefone) por trimestre durante o período de seguimento. Observa-se que a taxa de atrição é baixa, sendo entre 2 e 3 por cento em cada ronda (menos de 50 pessoas) ou 13% acumulada até a ronda final.

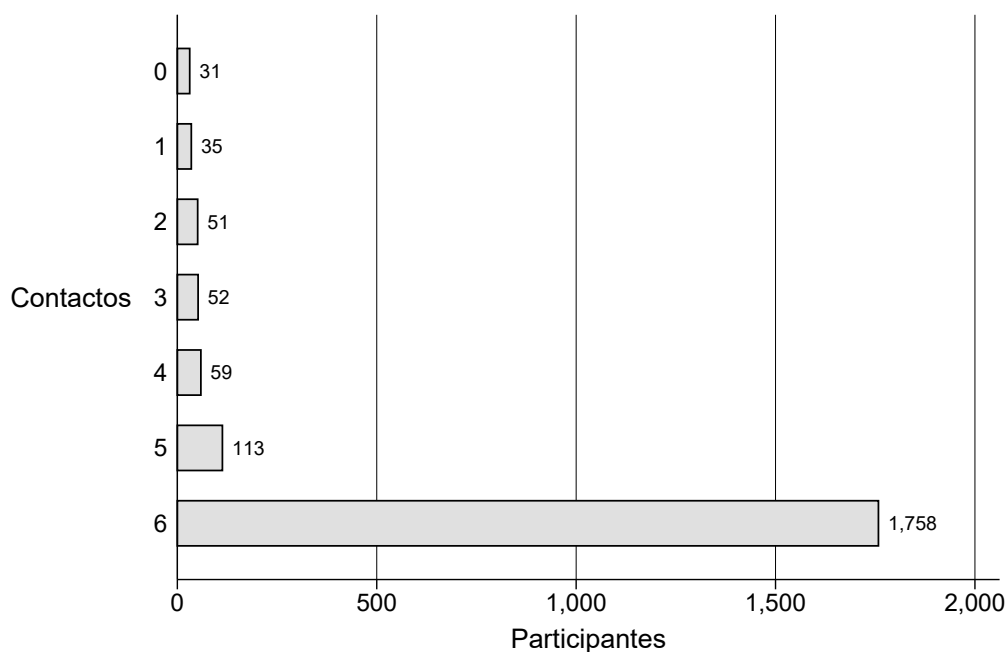
Tabela 4: Número de entrevistas realizadas por ronda de seguimento

Ronda	Datas da ronda		Entrevistas	
	Início	Fim	Número	% total
1	21.03.2018	04.06.2018	2,051	97.7
2	15.06.2018	10.09.2018	2,000	95.2
3	20.09.2018	28.11.2018	1,967	93.7
4	14.12.2018	04.03.2019	1,914	91.1
5	15.03.2019	06.06.2019	1,869	89.0
6	19.06.2019	24.09.2019	1,841	87.7

Fonte: dados do ITEEFU.

Sustentando a alta taxa de sucesso em contactar os participantes durante o período de seguimento, a Figura 2 mostra que dos 2.100 não foi possível contactar apenas 31 participantes (2% da amostra de seguimento). Por outro, a grande maioria da amostra de seguimento foi contactada

Figura 2: Número de contactos por participante durante o período de seguimento



Fonte: dados do ITEEFU.

com êxito em cada trimestre, sendo que 84% (1.758) dos participantes foram entrevistados (pelo menos) seis vezes por telefone. Assim, em comparação com outros inquéritos telefónicos de seguimento feitos na região, o nosso inquérito teve uma elevada taxa de sucesso (ex., [Demombynes et al., 2013](#); [Dillon, 2010](#)).

No geral, apesar da taxa de atrição ser baixa, nota-se algumas diferenças por características individuais registadas no inquérito base (o *baseline*). A Tabela 5 compara a amostra inicial com a amostra obtida na última ronda telefónica. Mostra ainda que a taxa de atrição foi relativamente mais alta para as mulheres (17%), finalistas de ciências sociais (16%) e finalistas das universidades privadas (18%). Sendo assim, em cada ronda de seguimento calculamos os ajustes necessários aos ponderadores para assegurar que os resultados em cada ronda mantivessem a mesma representatividade ao nível do género e da área de estudos como no *baseline*. Estes coeficientes são resumidos na Tabela B1. Todos são maiores do que 1 para compensar a perda das observações durante o período de seguimento relativa a amostra inicial do seguimento. Este procedimento é válido assumindo que a atrição dentro de cada grupo (combinação de área de estudo e género) é aleatória. Para a análise subsequente dos resultados do inquérito do seguimento (as secções adiantes) usamos sempre os ponderadores ajustados.

Tabela 5: Atrição até a última ronda de seguimento por características individuais

Característica		Amostra		Atrição %
		Inicial	Final	
Género	Homens	1,111	1,025	7.7
	Mulheres	988	816	17.4
Faixa etária	18-22	757	644	14.9
	23-25	678	622	8.3
	26-55	664	575	13.4
Local da universidade	Maputo	1,685	1,459	13.4
	Beira	414	382	7.7
Tipo de universidade	Pública	1,641	1,466	10.7
	Privada	458	375	18.1
Emprego à espera?	Não	1,884	1,654	12.2
	Sim	215	187	13.0
Área de estudos	Educação	440	395	10.2
	Letras e Humanidades	104	88	15.4
	Ciências Sociais	780	658	15.6
	Ciências Naturais	311	282	9.3
	Engenharia	189	173	8.5
	Agricultura	127	115	9.4
	Saúde	148	130	12.2
Total		2,099	1,841	12.3

Fonte: dados do ITEEFU.

3 Perfil dos finalistas

Mensagens chave:

- Enquanto a amostra para este estudo é representativa dos finalistas das maiores universidades em Moçambique, não é representativa dos jovens Moçambicanos no geral.
- A maioria dos finalistas vêm de famílias urbanas com um grau elevado de educação e com um trabalho fixo (ex., no sector público). Assim, e não obstante o seu nível superior de formação, já se espera que os participantes no estudo tenham melhores oportunidades no mercado de trabalho do que o jovem médio da mesma idade.
- No inquérito base feito em 2017, 8 em cada 10 participantes indicou que pretendia procurar emprego logo após os seus estudos.

Apresentamos a seguir algumas características dos estudantes finalistas, por género, conforme recolhidos no inquérito *baseline*. Conforme mostra a Tabela 6, mais de metade dos participantes eram homens. A maior parte (65%) eram jovens, com idade compreendida entre os 18 e os 25 anos. Verifica-se que 50% e 32% dos participantes vêm de famílias com ensino secundário/técnico e superior, respectivamente. Ademais, a maior parte dos finalistas provêm de famílias cujo emprego mais importante é no sector público, seguido de conta própria. É notório ainda que há mais homens do que mulheres que provêm de famílias onde o emprego mais importante é a conta própria.

A nossa amostra é maioritariamente composta por participantes das universidades de Maputo (80%) e, a mesma percentagem de estudantes é proveniente de universidades públicas. Quando perguntados sobre sua experiência no mercado de trabalho, cerca de 51% e 60% dos finalistas já havia realizado estágio ou algum tipo de trabalho pago, respectivamente, sendo a proporção de homens maior que a de mulheres. Ademais, perto de 80% dos participantes manifestou interesse de procurar emprego após terminar o curso e cerca de 88% não tinha nenhum emprego à sua espera.

Tabela 6: Características dos finalistas (no *baseline*) da amostra do seguimento, em percentagem

Característica		Género		Total	Obs.
		Homens	Mulheres		
Faixa etária	18-22	29	38	33	698
	23-25	34	29	31	659
	26-55	37	33	35	742
Casado/a?	Não	87	84	86	1,798
	Sim	13	16	14	301
Tem filhos?	Não	71	67	69	1,450
	Sim	29	33	31	649
Local da escola primária	Aldeia	14	9	12	244
	Vila	20	12	17	347
	Cidade	66	79	72	1,508
Região da escola primária	Norte	5	3	4	89
	Centro	25	19	22	469
	Sul	69	77	72	1,518
	Estrangeiro	1	1	1	22
Educação na família	Nenhuma	5	1	3	65
	Primária	16	10	14	289
	Secundária / Técnica	51	50	50	1,055
	Superior	27	38	32	670
	Não sabe	1	1	1	19
Emprego na família	Sector público	40	48	43	906
	Sector privado	25	25	25	522
	Conta própria	31	24	28	589
	Não sabe	4	3	4	82
Local da universidade	Maputo	80	83	81	1,708
	Beira	20	17	19	391
Tipo de universidade	Pública	84	75	80	1,683
	Privada	16	25	20	416
Realizou estágio?	Não	48	49	49	1,022
	Sim	52	51	51	1,077
Já trabalhou?	Não	31	50	40	830
	Sim	69	50	60	1,269
Pretende procurar emprego?	Não	23	20	21	450
	Sim	77	80	79	1,649
Emprego à espera?	Não	88	87	88	1,839
	Sim	12	13	12	260
Total		100	100	100	2,099

Fonte: dados do ITEEFU.

4 Transições pós-ensino

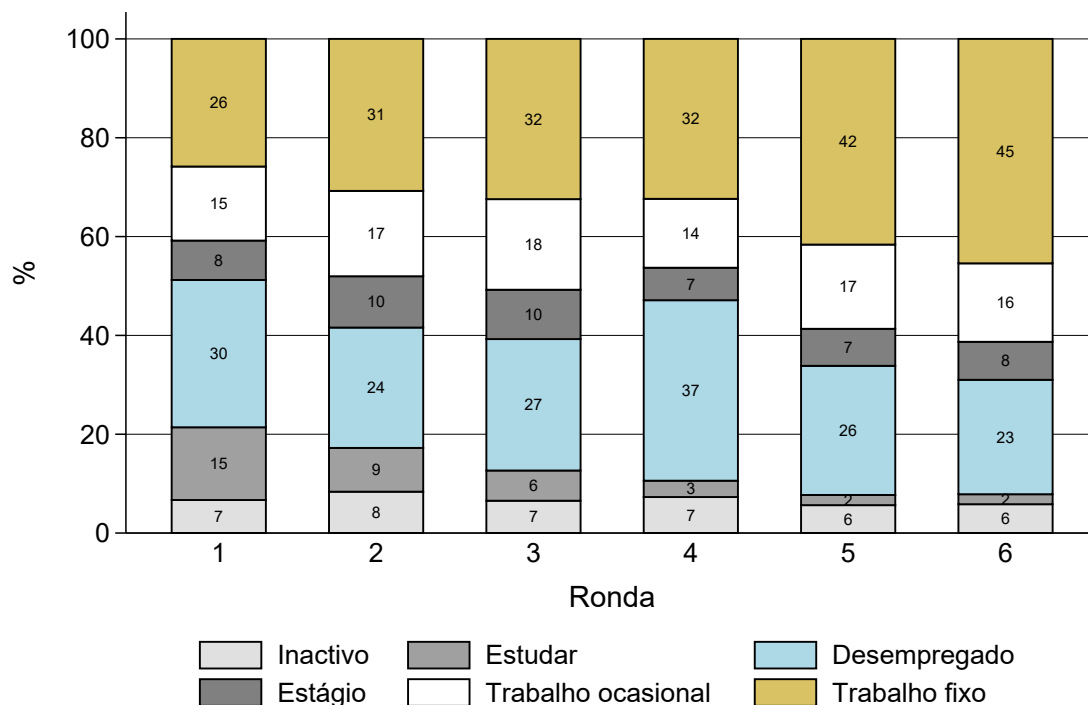
Mensagens chave:

- A experiência dos finalistas depois do inquérito base é bastante variada, com um número significativo enfrentando dificuldades em encontrar trabalho estável.
- Na primeira ronda de seguimento (Março – Junho, 2018) apenas 26% tinham um trabalho fixo e 30% estavam desempregados. Até à última ronda (Junho – Setembro, 2019), 45% tinham um trabalho fixo, 16% um trabalho ocasional e 23% estavam desempregados.
- A transição tem sido mais difícil para as mulheres, quando comparadas com os homens. Até a última ronda de seguimento, 33% das mulheres estavam desempregadas, comparando com 15% dos homens; e 38% das mulheres tinha um trabalho fixo contra 51% dos homens.
- Quarenta por cento dos participantes conseguiram um trabalho (de tipo fixo, ocasional ou um estágio) logo no início das rondas de seguimento. Entre os outros, apenas 20% dos finalistas conseguiram um trabalho dentro de seis meses e outros 20% levaram entre 6 e 15 meses para começar a trabalhar pela primeira vez.
- Há também diferenças importantes entre as áreas de estudo. Entre os participantes que estudaram educação ou saúde, aproximadamente 60% tinha um trabalho fixo até à última ronda; mas entre os que estudaram ciências sociais ou agricultura, menos de 40% tinha um trabalho fixo.

Um dos objectivos principais de seguir os participantes ao longo de tempo era entender as suas experiências depois de terminarem os seus cursos. Esta secção resume a situação económica dos finalistas, definido em termos da sua principal actividade, durante o período de seguimento e as variações *entre* diferentes actividades. A situação económica dos participantes foi dividida em 6 categorias (mutuamente exclusivas). Os com trabalho fixo, com trabalho ocasional, os que estão a realizar estágio, os estudantes, os desempregados (não estão a trabalhar, mas procuram trabalho) e os inactivos (não estão a trabalhar nem a estudar e não procuram trabalho).

A Figura 3 mostra que, na primeira ronda de seguimento, 41% dos finalistas já tinham algum

Figura 3: Situação económica por ronda de seguimento (%), todos



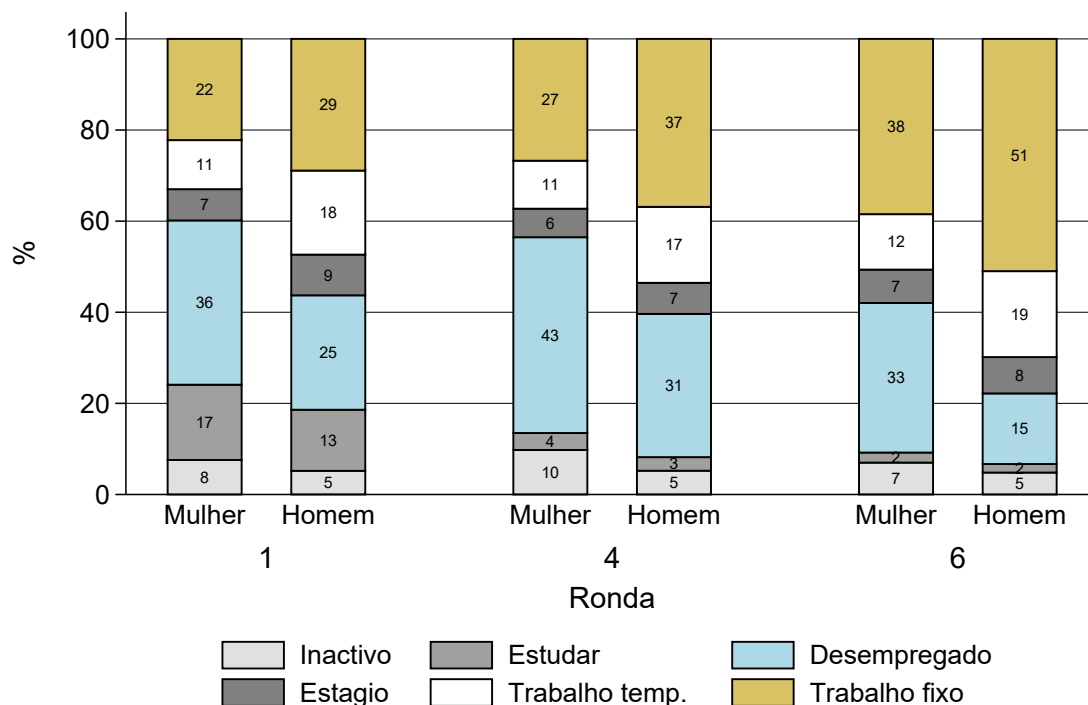
Fonte: dados do ITEEFU.

trabalho: 26% tinham um trabalho fixo e 15% um trabalho ocasional. Uma percentagem ainda significativa, 15%, estava a estudar e 30% estavam desempregados.

Ao longo das rondas, a proporção de finalistas com emprego fixo aumentou progressivamente, até atingir 45%. Em sentido oposto seguiu a proporção de finalistas ainda a estudar, que reduziu para meros 2% na última ronda. De igual modo, reduziu o número de desempregados, salvo na quarta ronda (fim do ano escolar de 2018 e primeiro trimestre de 2019, quando atingiu a percentagem mais alta, de 37%), atingindo 23% na 6ª ronda. A proporção de finalistas inactivos, a realizar estágios e em trabalho ocasional manteve-se estável ao longo de todo o período de seguimento.

A entrada das mulheres graduadas no emprego é distintamente mais lenta que a dos homens. Como a Figura 4 mostra, na primeira ronda a diferença nas percentagens de homens e mulheres com emprego fixo é de 7%, sendo idêntica à diferença de género na percentagem de finalistas com emprego temporário. Enquanto as diferenças se mantêm no emprego temporário, elas aumentam no emprego fixo: 10% na quarta ronda e atingiu 13% na sexta ronda. Na sexta

Figura 4: Situação económica por ronda e género



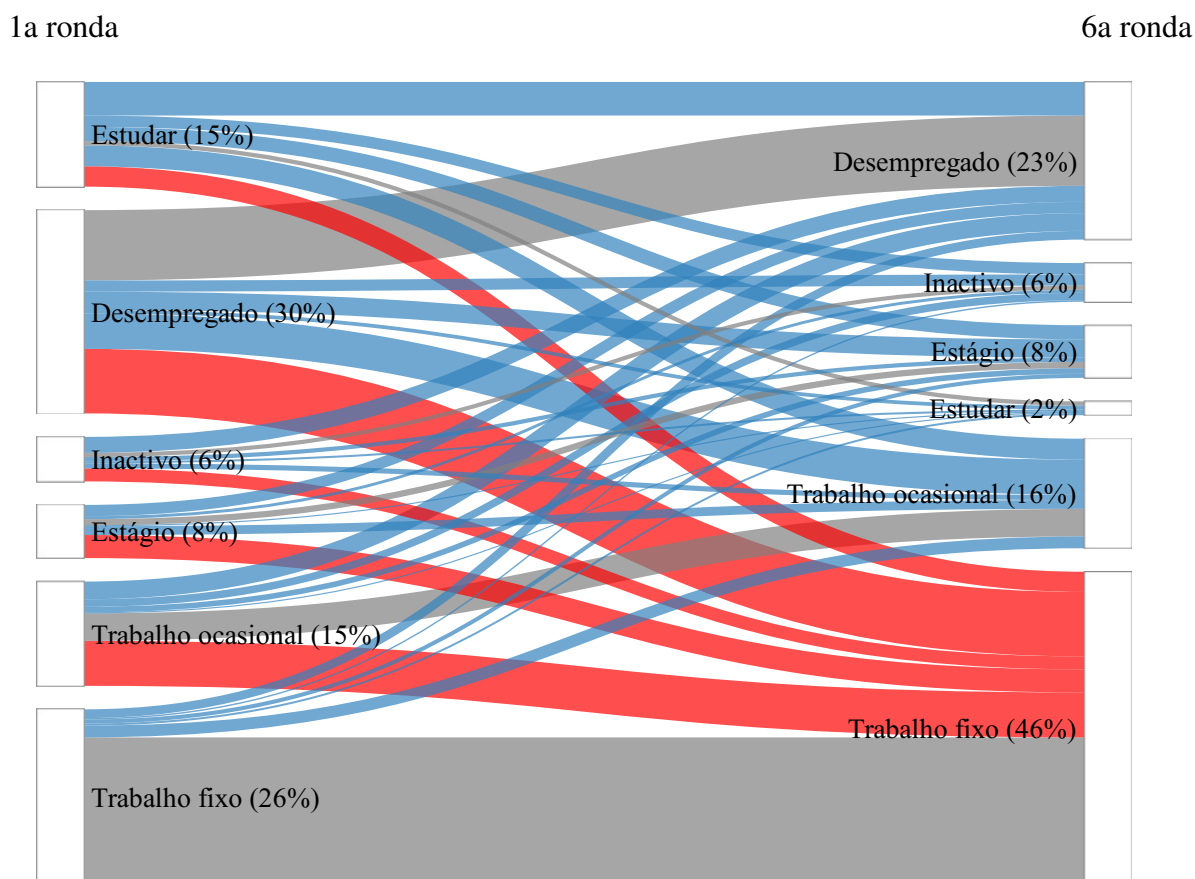
Fonte: dados do ITEEFU.

ronda, já 51% dos finalistas homens tinham emprego fixo, enquanto 33% das mulheres ainda estavam desempregadas. Não se verificam diferenças de género significativas nas percentagens de finalistas que se encontravam inactivos, a estudar ou a fazer estágio.

A Figura 5 mostra as variações ou transições entre situações económicas entre a primeira e a sexta ronda. Neste período, verifica-se que quase a totalidade dos estudantes transitaram, de algum modo, para o mercado de trabalho, sendo que apenas 2% se mantiveram a estudar e 6% decidiram não procurar emprego ou continuar os estudos. Enquanto 26% dos finalistas tinham já emprego fixo inicialmente, 20% alcançaram esse estatuto, destacando-se as transições de situação de desemprego e emprego ocasional na primeira ronda para emprego fixo na última.

Embora a percentagem de finalistas em trabalho ocasional se tenha mantido próxima dos 15%, este grupo foi igualmente alimentado por finalistas provenientes de situação de desemprego e por outros que mantiveram emprego ocasional entre a primeira e a sexta ronda. Ademais, uma proporção muito importante dos finalistas desempregados na sexta ronda parecem nunca ter tido emprego durante o período de seguimento.

Figura 5: Variações na situação económica entre a 1ª e 6ª ronda de seguimento, todos



Fonte: dados do ITEEFU.

Tabela 7: Comparação da situação económica entre a 1ª e 6ª ronda de seguimento (%), todos

↓ Situação 1a ronda	Situação 6a ronda						Total
	Inactivo	Estudar	Desemp.	Estágio	Trab. ocas.	Trab. fixo	
Inactivo	9	5	36	9	12	29	100
Estudar	11	4	32	14	20	19	100
Desempregado	5	2	35	9	17	32	100
Estágio	6	1	21	12	17	43	100
Trabalho ocasional	7	1	17	5	26	43	100
Trabalho fixo	1	1	5	2	7	84	100
Total	7	2	24	9	16	42	100

Fonte: dados do ITEEFU.

Conforme a mostra a tabela 7 existe, aparentemente, uma forte correlação entre ter uma colocação profissional na primeira ronda, seja através de estágio, trabalho ocasional ou trabalho fixo e ter trabalho no fim do período de seguimento. Notavelmente, 84% dos finalistas que já tinham um emprego fixo na primeira ronda, mantiveram esse estatuto, enquanto 43% dos finalistas que estagiavam ou tinham um emprego ocasional no início, melhoraram o seu estatuto.

Mais de 60% dos que estagiavam ou trabalhavam no início de seguimento tinham emprego na sexta ronda. De modo diferente, perto de um terço, 33%, dos que estavam inactivos, a estudar ou desempregados aquando da primeira ronda, estavam em situação de desemprego no fim do período de seguimento, mais de um ano e meio depois de terminarem o seu ano escolar de finalistas. Tanto o estágio como o trabalho temporário aparentam ser situações de degrau, para permitir que os finalistas ascendam ao trabalho fixo.

A Figura 6 sugere que a transição para o emprego dos finalistas homens é relativamente positiva, com movimentos significativos, entre a primeira e a sexta ronda, de situações de desemprego, trabalho ocasional e mesmo estágio, para emprego fixo, que cresce 22% ao longo do período de seguimento. As transições de inactividade e desemprego para trabalho ocasional são também francamente positivas. Notavelmente, no fim do período de seguimento 70% dos finalistas homens tinham trabalho, ocasional (19%) ou fixo (51%).

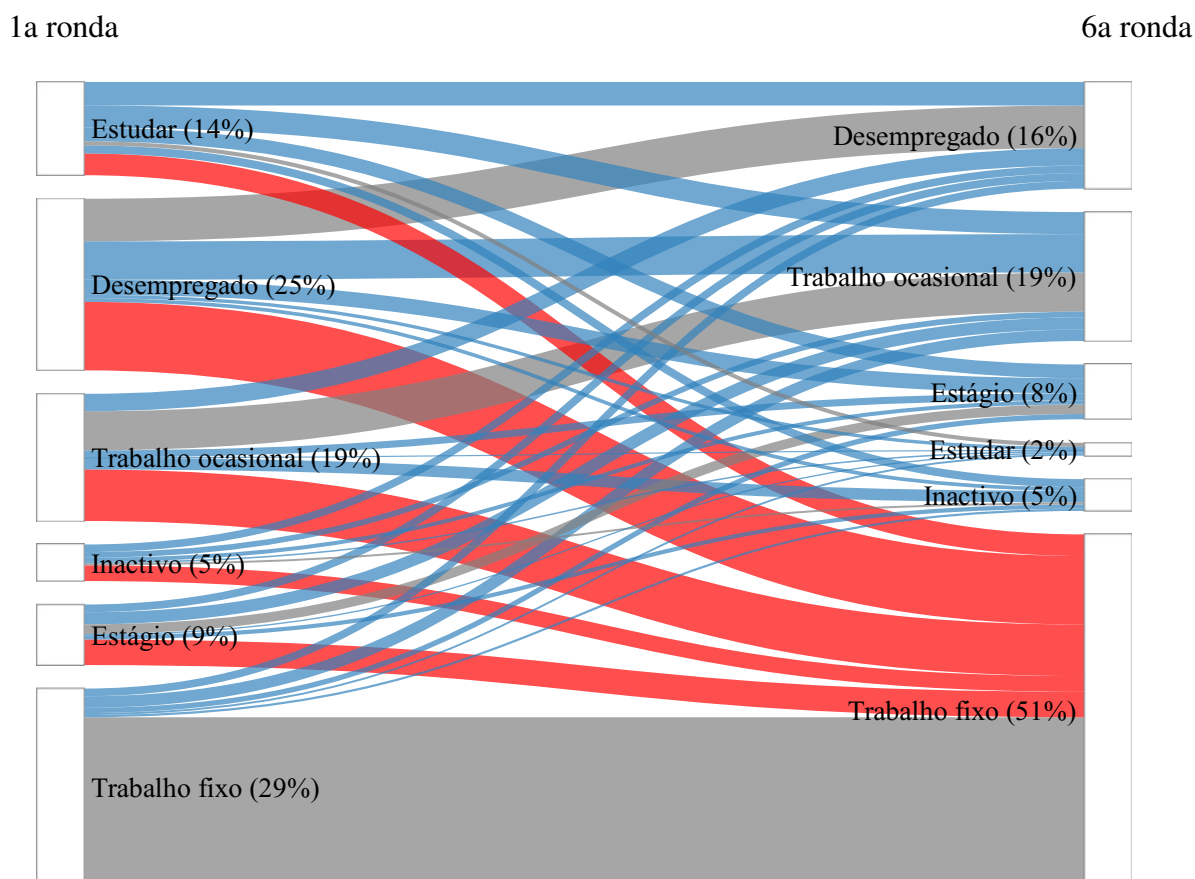
O enfoque nos finalistas homens revela, de forma reforçada, o que já tinha sido verificado para a população como um todo. A título de exemplo, anota-se que 90% dos finalistas homens que tinham emprego fixo na primeira ronda tinham trabalho no fim do período de acompanhamento.

De igual modo, e como se nota da Tabela 8, perto de 65% daqueles que estagiavam, tinham um trabalho temporário, estavam desempregados ou inactivos na primeira ronda, já tinham trabalho na última ronda, seja fixo (mais de 40%) ou temporário (entre 16 e 31%). Acrescentando os estágios profissionais, pode dizer-se que no fim do período de acompanhamento mais de 70% destes finalistas estavam a realizar uma actividade profissional ou profissionalizante.

Apenas aqueles finalistas que se atrasaram na graduação enfrentam dificuldades relativas, provavelmente devido ao atraso no ciclo de entrada efectiva no mercado de trabalho. Ainda assim mais de 60% tinham um emprego fixo (23%), temporário (24%) ou realizavam estágio profissional (15%) durante a sexta ronda.

A Figura 7 sugere uma transição mais difícil para as mulheres graduadas. O emprego fixo cresceu apenas 18%, de uma base que já era inferior, quando comparada com os pares masculinos,

Figura 6: Variações na situação económica entre a 1ª e 6ª ronda de seguimento, homens



Fonte: dados do ITEEFU.

Tabela 8: Comparação da situação económica entre a 1ª e 6ª ronda de seguimento, homens (%)

↓ Situação 1a ronda	Situação 6a ronda						Total
	Inactivo	Estudar	Desemp.	Estágio	Trab. ocas.	Trab. fixo	
Inactivo	6	4	21	11	16	43	100
Estudar	9	4	25	15	24	23	100
Desempregado	2	2	25	9	22	40	100
Estágio	7	2	13	16	20	42	100
Trabalho ocasional	9	0	14	6	31	41	100
Trabalho fixo	1	1	4	3	6	85	100
Total	6	2	17	10	20	46	100

Fonte: dados do ITEEFU.

recebendo principalmente influxos de graduadas que estavam desempregadas, a estagiar (quase metade destas) ou em trabalho ocasional (também quase metade).

No entanto, verifica-se uma significativa transição para o desemprego, tanto de graduadas que estudavam durante a primeira ronda, como das que então estavam desempregadas (elevada persistência) e mesmo perto de metade daquelas que realizaram estágio ou trabalho ocasional aquando da primeira ronda.

Mesmo que, na sexta ronda, seja maior a proporção de graduadas inactivas ou desempregadas (somando 40%) que com trabalho fixo (39%), a grande maioria (37%) estão desempregadas. A escolha pela inactividade por parte das graduadas não é, portanto, significativa. Assinala-se que apenas 51% das mulheres têm trabalho, ocasional ou fixo, no fim do período de seguimento, menos 19% que os seus pares masculinos.

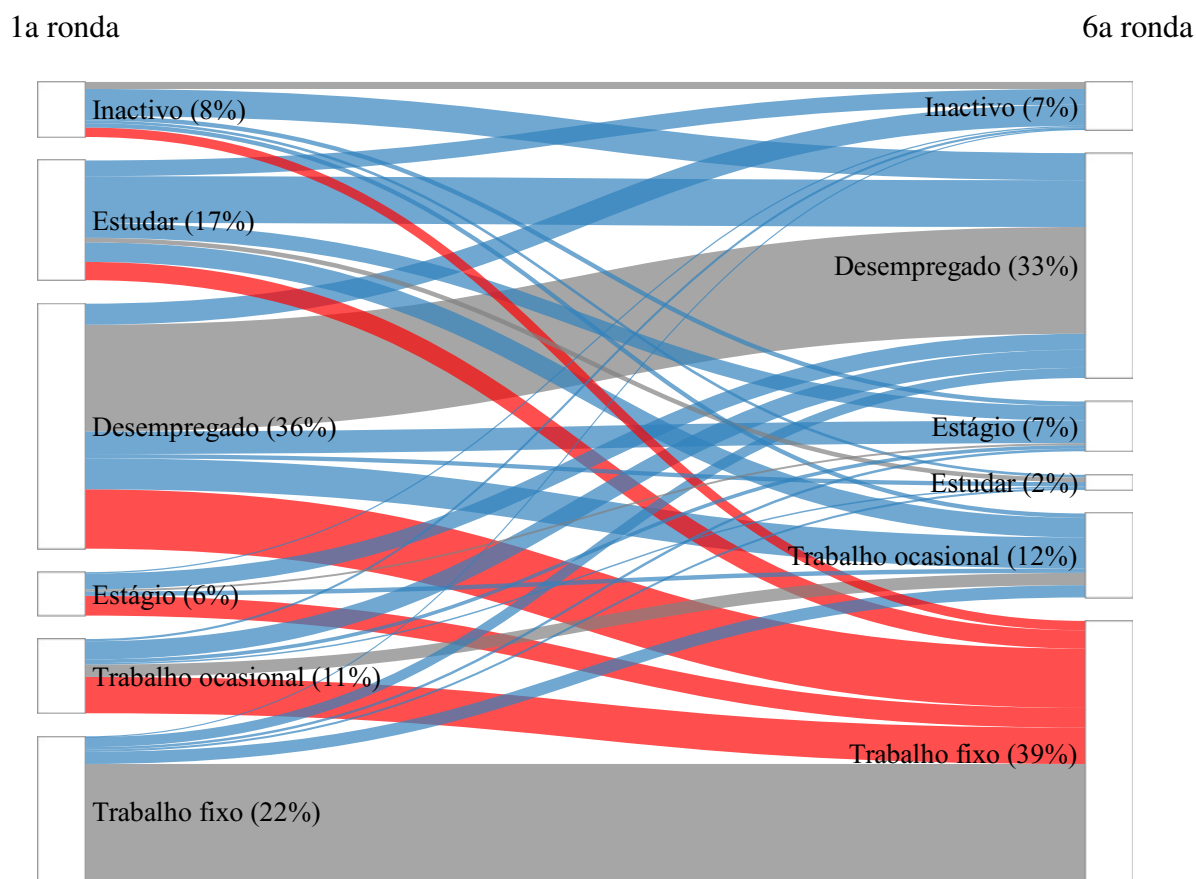
A Tabela 9 mostra que a transição do grupo de mulheres graduadas que já tinham um emprego fixo na primeira ronda é francamente positiva e idêntica aos homens. Neste grupo, 90% manteve trabalho, fixo ou ocasional. No entanto, ao contrário do que se verificou com os finalistas homens, de entre as restantes, só as graduadas que realizavam estágio durante a primeira ronda estão, na sua maioria a trabalhar durante a sexta ronda, com trabalho ocasional (10%) ou fixo (45%). De entre as graduadas que se encontravam desempregadas na primeira ronda, 44% continuavam a procurar emprego, enquanto apenas 37% tinham trabalho ocasional ou fixo no fim do período de seguimento.

É importante notar que a vasta maioria das graduadas que indicaram não estar à procura de emprego durante a primeira ronda, ou seja, inactivas, estavam activamente à procura de emprego ou a realizar uma actividade profissional ou profissionalizante durante a sexta ronda (num total de 87%). No entanto, quase metade destas estavam desempregadas (49%) na sexta ronda e só 33% tinham um trabalho ou realizavam estágio. No caso das finalistas que só graduaram em 2018, apenas 43% estavam a realizar uma forma de actividade profissional ou profissionalizante no fim do período de seguimento.

A Tabela 10 revela os diferentes graus de transição para trabalho na primeira ronda e ao fim de mais de um ano e meio (na sexta ronda). A primeira evidência é que um grupo importante, perto de 14%, não completou os estudos até à primeira ronda, sendo que a percentagem de finalistas ainda a estudar no fim do período de seguimento era já residual (2%).

Os cursos das áreas de saúde e educação são aqueles que asseguraram maior acesso imediato a

Figura 7: Variações na situação económica entre a 1ª e 6ª ronda de seguimento, mulheres



Fonte: dados do ITEEFU.

Tabela 9: Comparação da situação económica entre a 1ª e 6ª ronda de seguimento, mulheres(%)

↓ Situação 1a ronda	Situação 6a ronda						Total
	Inactivo	Estudar	Desemp.	Estágio	Trab. ocas.	Trab. fixo	
Inactivo	13	5	49	8	8	17	100
Estudar	13	4	39	12	16	15	100
Desempregado	9	2	44	9	13	24	100
Estágio	3	0	37	5	10	45	100
Trabalho ocasional	3	2	24	5	17	49	100
Trabalho fixo	0	1	7	2	8	82	100
Total	7	2	33	7	12	39	100

Fonte: dados do ITEEFU.

Tabela 10: Situação económica na 1ª e 6ª ronda de seguimento, por área de estudo (%)

Ronda	Área	Situação económica					
		Inactivo	Estudar	Desemp.	Estágio	Trab. ocas.	Trab. fixo
1	Educação	6	7	25	4	15	44
	Letras e Humanidades	4	20	30	5	22	19
	Ciências Sociais	5	20	35	9	13	17
	Ciências Naturais	7	18	24	16	17	18
	Engenharia	9	14	28	11	19	19
	Agricultura	8	16	29	10	22	14
	Saúde	9	13	26	14	14	23
	Todas	6	15	30	8	15	26
6	Educação	4	3	19	2	16	57
	Letras e Humanidades	3	2	26	7	18	44
	Ciências Sociais	6	2	27	11	16	37
	Ciências Naturais	8	3	21	10	18	41
	Engenharia	9	2	27	4	11	47
	Agricultura	13	1	21	17	20	28
	Saúde	3	0	14	6	13	64
	Todas	6	2	23	8	16	45

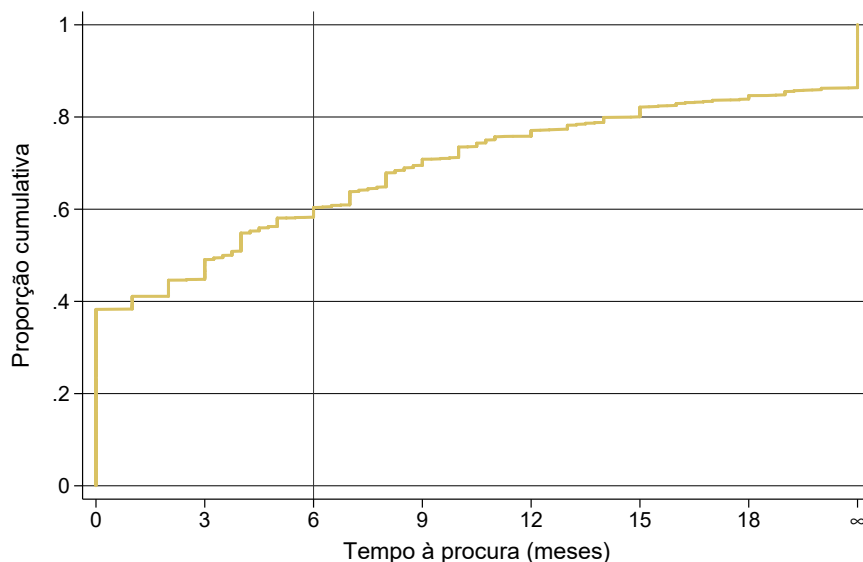
Fonte: dados do ITEEFU.

trabalho ou a uma actividade profissionalizante. O mesmo se verificou no fim do período de seguimento. Finalistas de outras áreas, como ciências sociais e naturais, embora tenham tido uma transição imediata inferior à média, viram esta acelerar a um ritmo superior a outros colegas. Ainda assim, os finalistas de letras e humanidades apresentam transições próximas da média. Foram os finalistas de engenharia e, principalmente, os de agricultura, que experimentaram uma transição mais lenta, sendo que menos de metade dos formados nesta última área (48%) obtiveram um trabalho ocasional ou fixo até ao fim do período de seguimento.

Em alguma medida, o acesso a estágios profissionais aumentou a oportunidade de os finalistas iniciarem actividade profissional ou profissionalizante, em particular para os finalistas em agricultura e ciências sociais. No caso dos finalistas de engenharia, há indícios de transição de estágios na primeira ronda para trabalhos fixos na sexta ronda.

Na Figura 8, apresentamos a percentagem de finalistas activamente no mercado de trabalho (ou seja, trabalhando, realizando estágio ou à procura de emprego) que alcançaram o seu

Figura 8: Distribuição do tempo à procura da primeira posição de trabalho (meses)



Nota: a amostra para este gráfico é todos os participantes que estiveram economicamente activos durante as rondas de seguimento (N = 2.058); o valor '0' (zero) de tempo à procura indica que a pessoa já tinha um emprego ou conseguiu emprego logo após a conclusão do curso; o valor '∞' indica que a pessoa não encontrou nenhum emprego.

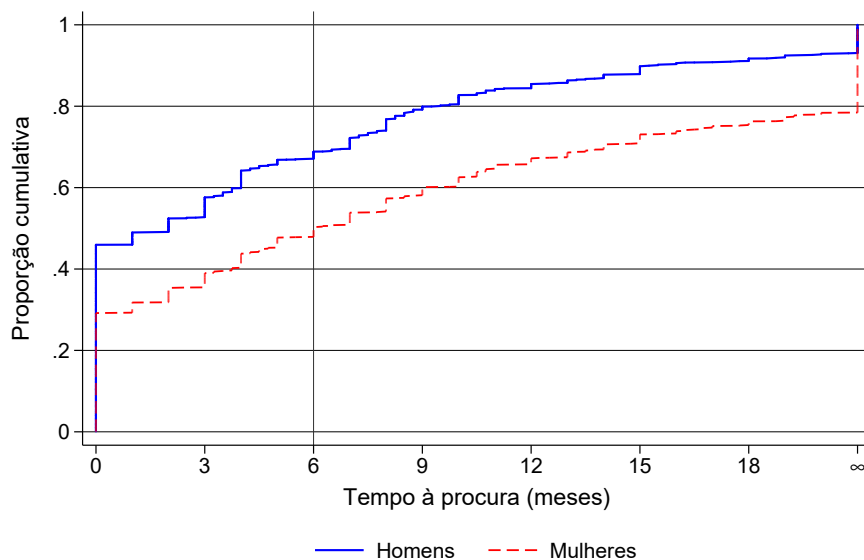
Fonte: dados do ITEEFU.

primeiro trabalho, por tempo de espera até o alcançarem. Notavelmente, perto de 40% já tinham emprego ou obtiveram-no logo quando concluíram o curso. No entanto, o ritmo de transição para o primeiro trabalho é relativamente lento e em desaceleração. Aproximadamente 50% dos finalistas activos transitaram para o primeiro trabalho dentro de 3 meses, 60% dentro de 6 meses e 75% dentro de um ano.

Significa isso que perto de 1 em 4 finalistas activos, ou seja, perto de 25%, demoraram mais de um ano a encontrar o seu primeiro trabalho. No fim do período de acompanhamento, mais de 15% dos finalistas ainda não tinham encontrado o seu primeiro trabalho.

A Figura 9 revela, novamente, a relativa maior dificuldade que as mulheres sentem na transição para o emprego. No ponto de partida, a proporção de mulheres que não tiveram que esperar por trabalho é perto de 10% inferior à dos homens. O aumento da distância entre as linhas nos tempos de procura inferiores também indica que a transição dos homens é ligeiramente mais rápida que a das mulheres. A desigualdade de género na transição para o primeiro trabalho manifesta-se, finalmente, no fim do período de seguimento. Aqui, nota-se que mais de 90%

Figura 9: Distribuição do tempo à procura da primeira posição de trabalho (meses), por gênero



Nota: vide Figura 8.

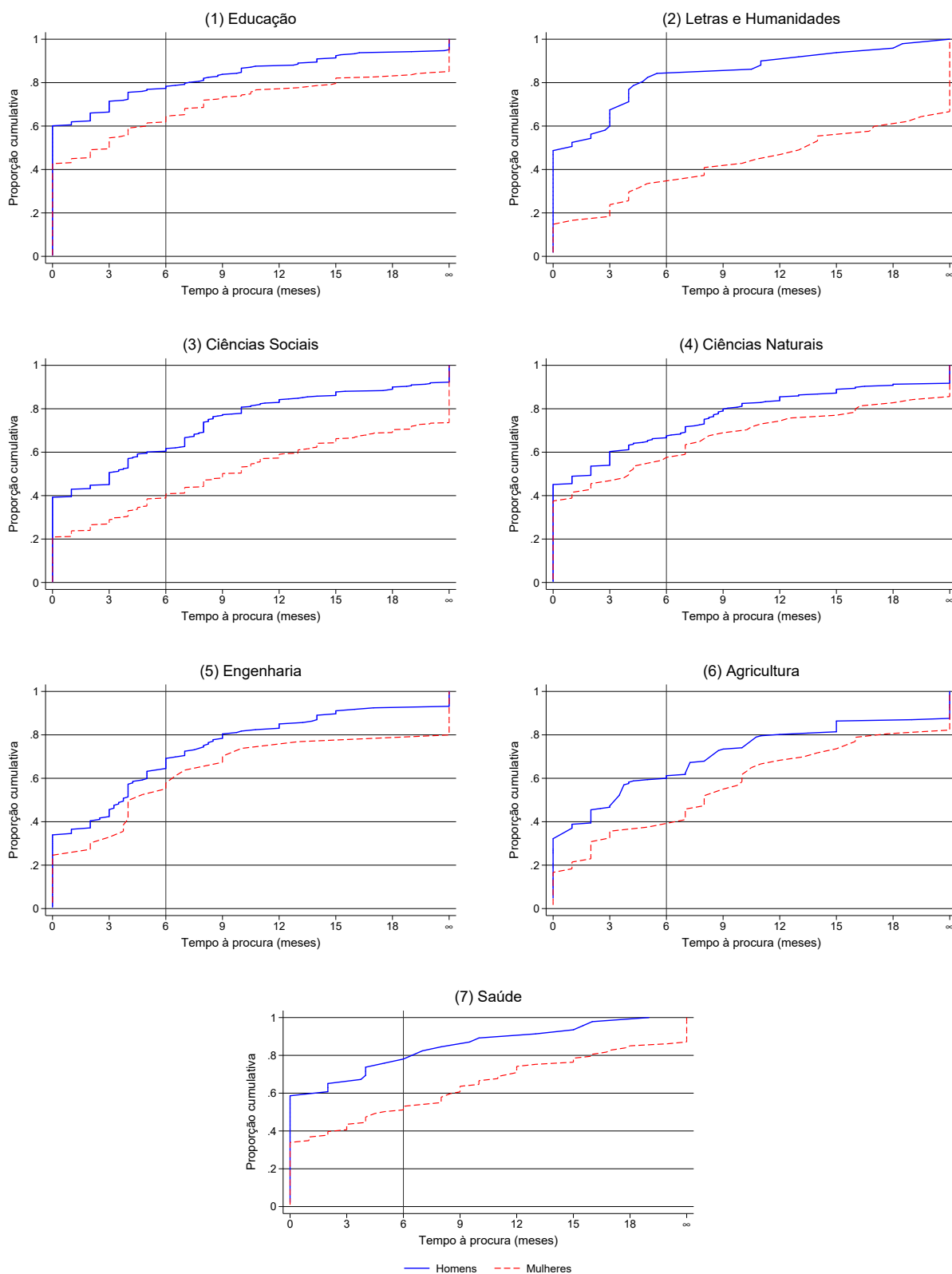
Fonte: dados do ITEEFU.

dos homens activos já haviam encontrado o primeiro trabalho, enquanto menos de 80% das mulheres alcançou a mesma situação.

A Figura 10 repete a mesma análise, agora por área de estudo. Ela revela grandes diferenças nas experiências de transição dos finalistas, consoante a área de formação e o género. Duas áreas de estudo apresentam elevados níveis de empregabilidade, Educação e Saúde. A transição de finalistas de outras áreas, como sejam a Engenharia, as Ciências Naturais ou, para os finalistas homens, a área de Letras e Humanidades, é também relativamente rápida. De modo diferente, significativamente mais lenta é a transição de quem graduou em ciências Sociais, em agricultura e, para as mulheres, em letras e humanidades.

A desigualdade de género na transição para o primeiro emprego é mais acentuada entre quem graduou de cursos de letras e humanidades (com diferenças de mais de 40% entre homens e mulheres que obtiveram o primeiro emprego em 6 meses ou menos), Ciências sociais, Saúde e, inicialmente, Agricultura. É menor entre finalistas de Educação, Engenharia e Ciências naturais. Note-se, no entanto, que em nenhuma área as mulheres se empregaram mais depressa do que os homens.

Figura 10: Distribuição do tempo à procura da primeira posição de trabalho, por área de estudo (meses)



Nota: vide Figura 8.

Fonte: dados do ITEEFU.

5 Fluxos migratórios

Mensagens chave:

- Os finalistas mostram uma preferência de ficarem nos grandes centros urbanos do país (Maputo e Beira).
- Enquanto um determinante da escolha de residência pós-universitária é onde se frequentou a universidade, encontra-se apenas 50 participantes (3% da amostra) a residir nas províncias de Nampula e Zambézia, comparado com 75% a residir em Maputo até Setembro de 2019.
- Os finalistas na área de saúde têm a maior propensão de residir (trabalhar) fora das suas províncias de origem, provavelmente porque o seu trabalho pode obrigar a que trabalhem em lugares com mais necessidade na área da saúde (e.g. nos distritos).

Esta secção considera os movimentos dos participantes dentro e fora de Moçambique. Para começar, a Tabela 11 mostra uma clara preferência por parte dos finalistas em permanecer no local onde frequentaram a universidade (Maputo e Beira). A permanência em Maputo é relativamente maior à Beira, onde 90% contra 75% dos finalistas permaneceram, respectivamente. O mesmo resultado é destacado na Figura 11, a qual mostra que até à última ronda, 9 em cada 10 dos finalistas estavam a residir em Maputo ou Sofala. Obviamente, este resultado pode ser devido ao desenho da amostra que se focou em polos universitários de Maputo e Sofala. Não obstante, cerca de 32% dos estudantes inquiridos no *baseline* (ex., Jones et al., 2018) declarou ter se deslocado para frequentar a universidade; contudo, até à sexta ronda apenas 2% (Tabela 7) dos participantes declarou estar a estudar. Isto sugere que a maior parte dos estudantes ainda não voltou para sua província de origem, ou seja, poucos participantes optaram por sair de Maputo e Sofala, mesmo que não que fossem oriúndos desses locais.

Conforme mostra a Figura 12, os resultados sobre o retorno à província onde frequentou a escola primária por áreas de estudo e género são mistos. Uma proporção maior dos finalistas de saúde encontram-se a trabalhar fora da província em que frequentaram o ensino primário relativamente aos das outras áreas de estudo. Este resultado reflecte, provavelmente, a política pública de enviar para os distritos os médicos recém-formados.

Nas áreas de estudo de saúde e engenharia 48% e 71% das mulheres reside na mesma província

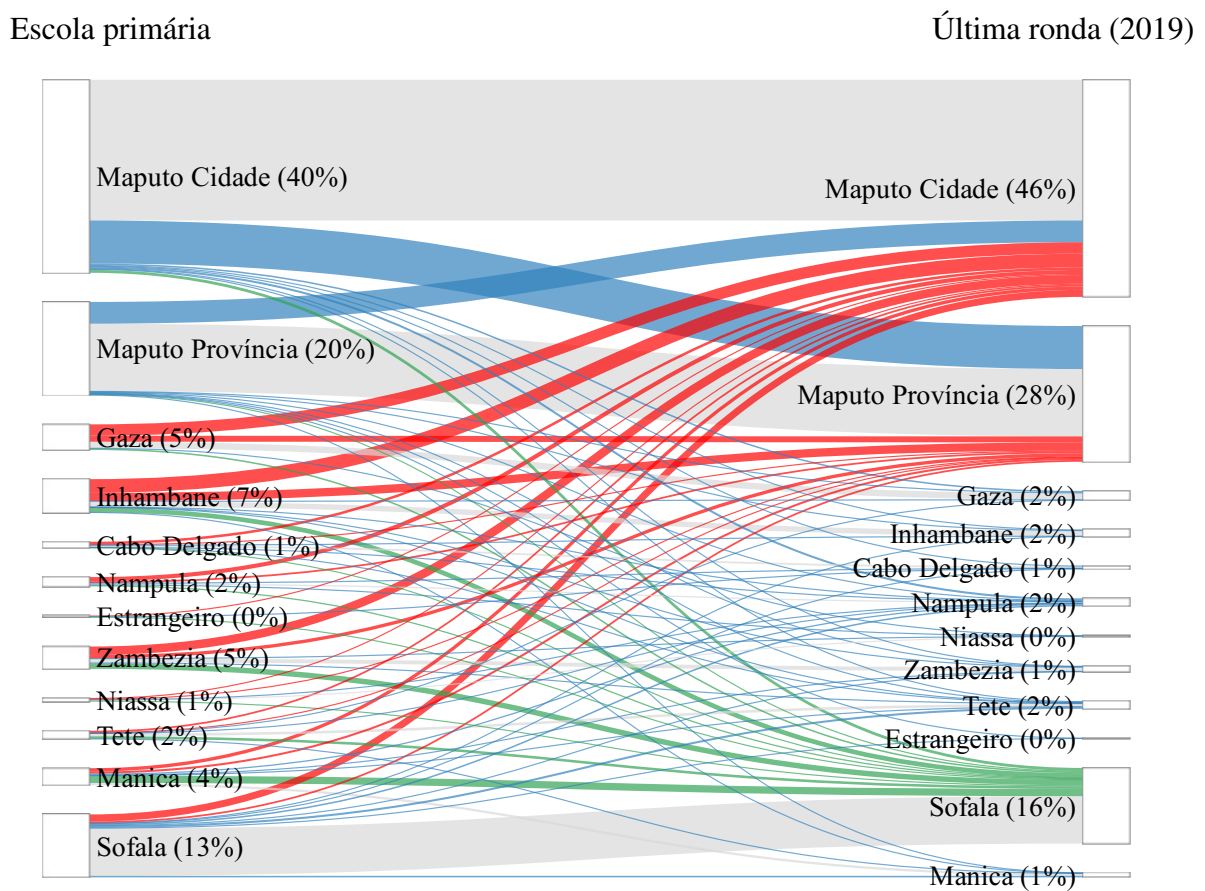
Tabela 11: Local de residência na última ronda de seguimento, por local da universidade (2017)

Residência (6a ronda)	Local universitário					
	Maputo		Beira		Total	
	Obs.	%	Obs.	%	Obs.	%
Cabo Delgado	10	0.7	4	1.2	14	0.8
Estrangeiro	2	0.2	1	0.4	4	0.2
Gaza	35	2.4	4	1.1	39	2.1
Inhambane	22	1.5	7	2.0	29	1.6
Manica	4	0.3	13	3.6	17	0.9
Maputo Cidade	806	54.5	18	5.1	825	44.8
Maputo Província	545	36.8	2	0.4	547	29.7
Nampula	9	0.6	14	3.9	23	1.3
Niassa	4	0.2	3	0.7	6	0.3
Sofala	12	0.8	271	75.0	284	15.4
Tete	10	0.7	18	4.9	28	1.5
Zambezia	20	1.4	6	1.7	27	1.4
Total	1,479	100.0	362	100.0	1,841	100.0

Fonte: dados do ITEEFU.

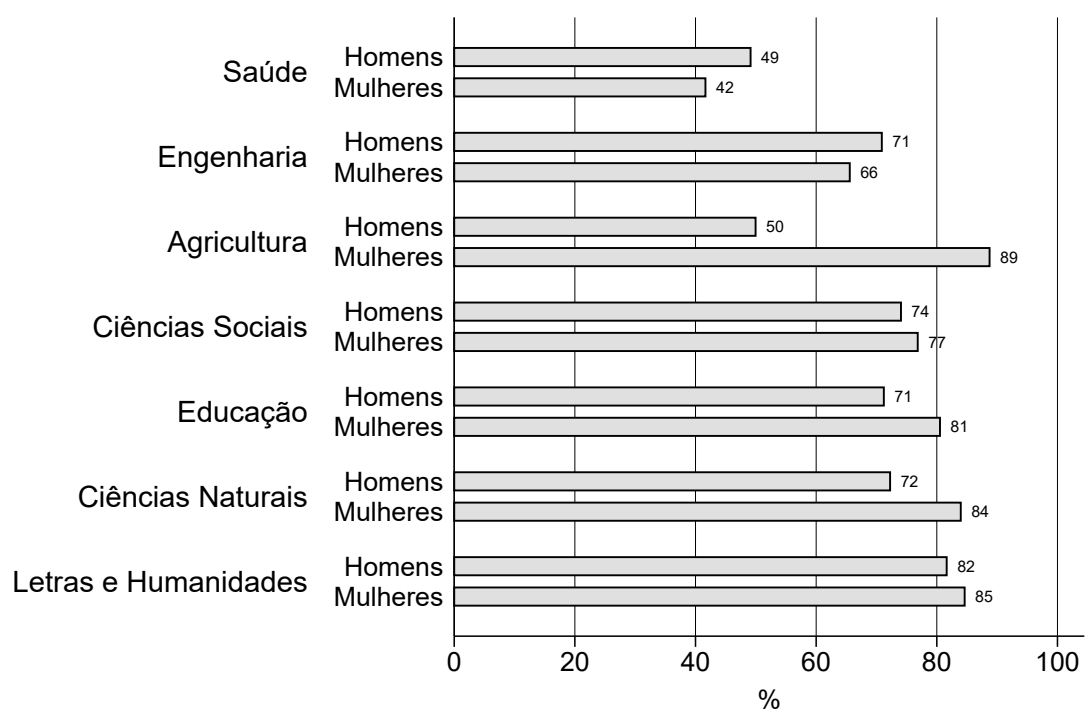
da escola primária, contra 42% e 66% dos homens, respectivamente. Nas restantes áreas de estudo há uma proporção relativamente menor de homens que residem na província da escola primária relativamente às mulheres, destacando-se áreas da agricultura com 50% dos homens residir na mesma província da escola primária contra 89% das mulheres. Esta evidência sugere que as oportunidades para os licenciados fora das grandes cidades são geralmente inexistentes ou não atraentes.

Figura 11: Província onde frequentou a escola primária vs. província de residência em 2019



Fonte: dados do ITEEFU.

Figura 12: Proporção dos participantes na última ronda a residir na mesma província da sua escola primária



Fonte: dados do ITEEFU.

6 Tipo de trabalho

Mensagens chave:

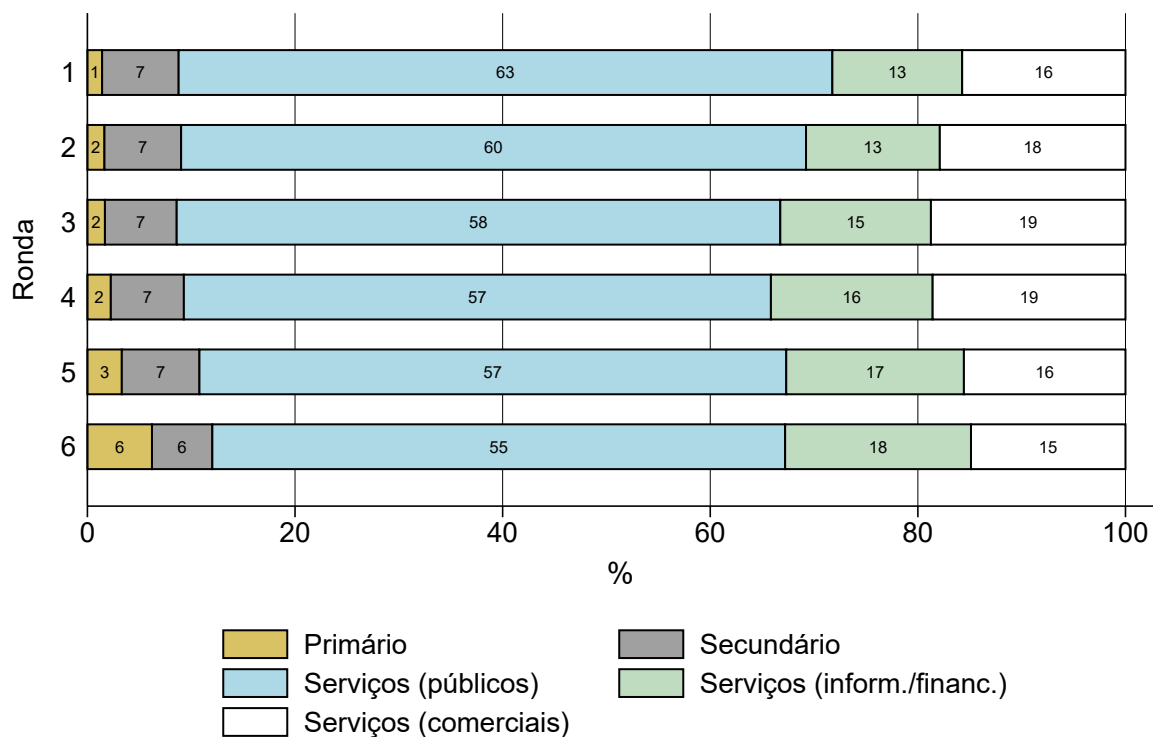
- Entre os finalistas que conseguiram um trabalho, mais que 1 em cada 2 estão nos serviços ‘públicos’, tal como a educação e a saúde.
- Aproximadamente, apenas 1 em cada 10 dos finalistas com trabalho estão em actividades primárias ou secundárias tal como agricultura, industria extractiva, industria manufactureira ou construção.
- A maior prevalência de finalistas a trabalhar no ramo de serviços públicos não corresponde ao plano inicial que afirmaram nas respostas ao inquérito base. Apenas 2 em cada 3 dos participantes a trabalhar nos serviços públicos (no seu emprego mais recente observado) tinham afirmado uma preferência por esse sector.
- Trabalhar por conta própria ou num negócio familiar não é muito frequente. Na primeira ronda, 21% dos participantes trabalhavam por conta própria ou para a família; até a última ronda apenas 13% encontravam-se nesta actividade.
- Entre as organizações empregadores, as empresas privadas são as mais importantes, empregando aproximadamente 50% dos finalistas com trabalho.

Esta secção foca-se no tipo de trabalho feito pelos participantes. A Figura 13 ilustra o sector (agregado) do trabalho ao longo das rondas de seguimento. De imediato, torna-se evidente a predominância do sector terciário (os serviços), sendo aquele onde a quase maioria encontrou o seu primeiro e último emprego. Até à data do fim do seguimento, mais de metade estavam empregues nos serviços públicos (55%) e apenas 12% nos sectores primário e secundário.

A mesma figura também sugere dinâmicas interessantes em termos da capacidade de absorção dos diferentes sectores. Enquanto o sector industrial, dos serviços públicos e comerciais tiveram níveis de absorção relativamente mais rápidos, foram perdendo alguma importância para o sector primário e o dos serviços de informação e financeiros, ao longo de tempo. Essa dinâmica é particularmente evidente nos serviços públicos (de 63% dos empregos na primeira ronda para 55% na sexta) e nos serviços financeiros (de 13% para 18%, ao longo do período de seguimento).

A partir da Figura 14, que foca na última posição de trabalho por participante, torna-se evidente

Figura 13: Sector de trabalho por ronda (%)



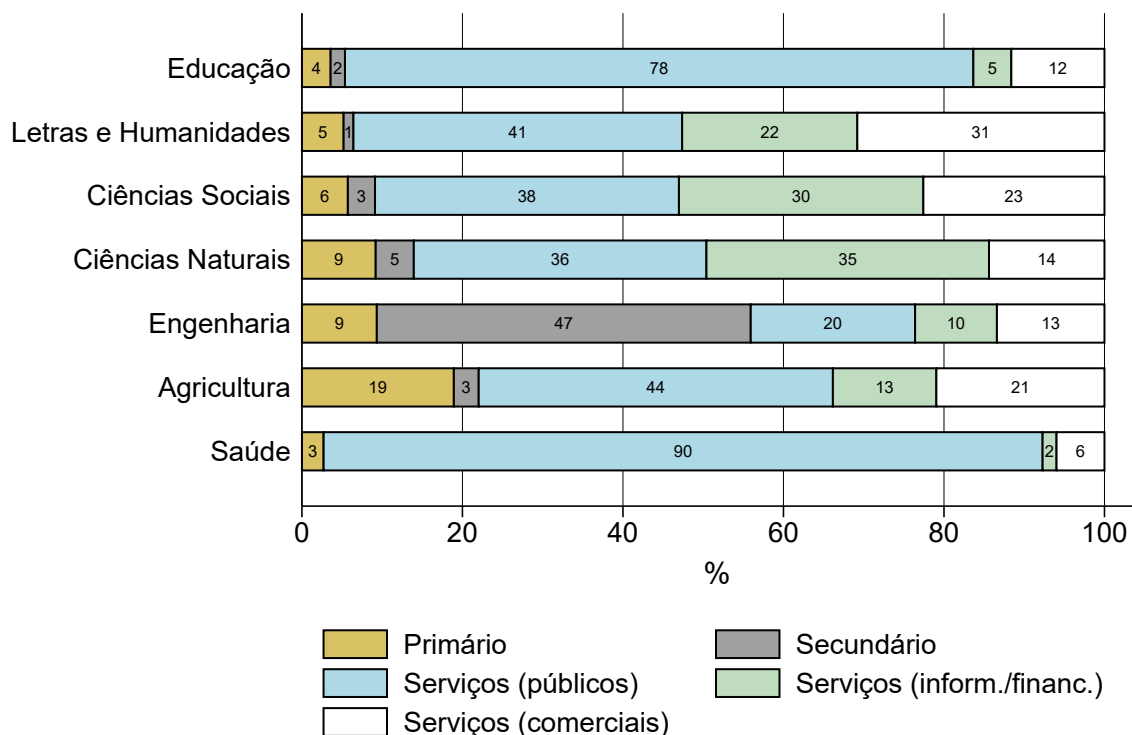
Nota: a amostra para este gráfico é relativa aos participantes que reportaram ter um trabalho, por ronda.

Fonte: dados do ITEEFU.

que as diferentes áreas de formação encaminham os finalistas para sectores de actividade claramente diferentes. Sem surpresas, os formados em educação e saúde encontram, em grande proporção (quase a totalidade) emprego em serviços públicos. De igual modo, não surpreende que os formados em letras e humanidades e ciências sociais tenham encontrado mais empregos em sectores de serviços.

Apesar de ser elevada a proporção de formados em engenharia a encontrar emprego no sector secundário (quase metade, 47%) é algo surpreendente que não seja maior. De igual modo, seria de esperar que o sector secundário empregasse uma proporção maior de finalistas de ciências naturais, que, pelo contrário, encontram maior colocação nos serviços públicos (particularmente a educação, conforme a Apêndice Tabela B2) e no sector financeiro. Ainda mais surpreendente é que a proporção dos formados na área de agricultura a trabalhar no sector primário (19%) seja inferior à daqueles que encontram emprego nos serviços públicos (44%, nomeadamente em educação) bem como os serviços comerciais (21%). Para informação mais específica, por

Figura 14: Sector de actividade no último trabalho reportado, por área de estudo (%)



Nota: a amostra para este gráfico é referente ao último emprego/trabalho e sector (não necessariamente última ronda) reportado por cada participante N=1.571 .

Fonte: dados do ITEEFU.

género e com maior detalhe ao nível dos sectores de actividade, recomenda-se a leitura das Tabelas B2 a B5, no apêndice.

Na Tabela 12, encontra-se a distribuição dos finalistas que obtiveram emprego, na sua última posição de trabalho. A predominância dos serviços é ainda maior para mulheres. No entanto, verifica-se uma maior proporção relativa de mulheres nos serviços comerciais (ex., especialmente o comércio; vide Tabela B5), quando comparada com a de homens, em detrimento de uma menor presença feminina dos sectores primário e secundário.

Verifica-se também uma sugestão de mudança geracional. Os finalistas mais jovens, assim como os não casados, estão menos representados nos serviços públicos e mais nos serviços privados, com particular colocação dos mais novos nos serviços de informação, comunicação e financeiros. Não havendo diferenças baseadas na localização da universidade, verifica-se que os finalistas que agora residem nas províncias de Manica e Tete se encontram mais representados

Tabela 12: Sector de actividade no último trabalho reportado, por características individuais (%)

	Primário	Secundário	Serviços		
			Públicos	Info./fin.s	Comer.s
<i>Género:</i>					
Homens	7	8	53	19	13
Mulheres	4	4	52	17	23
<i>Faixa etária:</i>					
18-22	6	7	41	26	19
23-25	7	8	50	17	18
26-55	5	4	65	11	15
<i>Casado/a?:</i>					
Não	6	7	49	20	18
Sim	3	3	74	10	10
<i>Local universitário:</i>					
Maputo	6	6	53	18	18
Beira	6	8	51	19	15
<i>Tipo de universidade:</i>					
Pública	6	6	55	16	17
Privada	5	6	46	28	16
<i>Província de residência:</i>					
Cabo Delgado	7	5	87	0	0
Estrangeiro	0	0	0	0	100
Gaza	5	3	72	11	9
Inhambane	2	6	75	7	10
Manica	20	13	34	13	20
Maputo Cidade	5	7	48	20	20
Maputo Província	6	4	57	17	17
Nampula	2	4	58	14	22
Niassa	0	0	96	4	0
Sofala	6	9	49	22	14
Tete	13	10	63	0	14
Zambezia	16	3	80	1	0
Total	6	6	53	18	17

Nota: a amostra nesta tabela é referente ao último emprego/trabalho e sector (não necessariamente última ronda) reportado por cada participante N=1.571 ; cada linha soma 100%.

Fonte: dados do ITEEFU.

Tabela 13: Sector de trabalho preferido (no *baseline*) vs. actual, na última ronda observada (%)

Sector actual →	Serviços					Total
Sector preferido ↓	Primário	Secundário	Públicos	Info./fin.s	Comer.s	
(a) Soma por sector preferido (as linhas):						
Primário	21	4	40	15	20	100
Secundário	8	37	30	10	15	100
Serviços (públicos)	4	2	72	8	14	100
Serviços (inform./financ.)	4	5	34	37	19	100
Serviços (comerciais)	9	7	36	30	18	100
Total	6	6	53	18	17	100
(b) Soma por sector actual (as colunas):						
Primário	27	6	6	6	10	8
Secundário	9	47	4	4	7	7
Serviços (públicos)	33	16	68	23	44	50
Serviços (inform./financ.)	19	21	17	53	30	26
Serviços (comerciais)	12	10	6	14	10	9
Total	100	100	100	100	100	100

Nota: a amostra nesta tabela é referente ao último emprego/trabalho registado por cada participante (que reportou emprego/trabalho preferido no *baseline*, N = 1.429).

Fonte: dados do ITEEFU.

nos sectores primário e secundário que a média, enquanto os serviços públicos absorveram muito próximo da totalidade de todos os finalistas que agora residem nas províncias de Cabo Delgado, Gaza, Inhambane, Niassa e Zambézia. Os residentes de Maputo Província e Cidade e em Sofala distribuem-se de modo mais conforme com a média.

A Tabela 13 informa quanto ao grau de realização das expectativas de emprego dos finalistas constadas no *baseline*. Desde logo, verifica-se que só os finalistas de serviços públicos encontraram, na sua maioria (72%), emprego no sector que desejavam. Em geral, houve uma maior transição para os serviços, em particular os serviços públicos, de informação e financeiros, do que aconteceria se as preferências dos finalistas se tivessem realizado.

Pelo painel (b) da mesma tabela percebe-se que, na sua última posição, só perto de um terço dos finalistas empregues no sector primário (27%) tinham-no como preferência inicial, sendo que a maioria preferia trabalhar no ramo dos serviços. Perto de metade dos finalistas empregues no sector secundário (47%) preferiam trabalhar nesse sector e quase 3 em 4 dos finalistas empregues

no sector dos serviços públicos (68%) tinha essa preferência. Mais de metade dos finalistas colocados nos sectores dos serviços de informação e financeiros tinham-los escolhido como preferenciais. O sub-sector dos serviços comerciais aparece como aquele que emprega a menor proporção de finalistas que os tinham preferido – recebendo em especial finalistas que preferiam trabalhar em outros serviços. Assim, sugere-se que os serviços privados comerciais podem representar um tipo de trabalho residual, sendo o sector onde os participantes conseguiram algum emprego mesmo que não no ramo desejado.

Figura 15 altera a análise do sector para o tipo de empregador. Aqui, torna-se perceptível que, enquanto a administração pública (com mais de 35%) e o auto-emprego ou em empresa familiar (mais de 15%) tiveram a sua maior relevância no emprego imediato, ao longo do período de seguimento as empresas privadas tornaram-se o principal tipo de empregador (subindo de 31% para 47% dos empregos alcançados pelos finalistas). O emprego no sector das organizações não governamentais manteve-se como o que absoveu a menor proporção de finalistas.

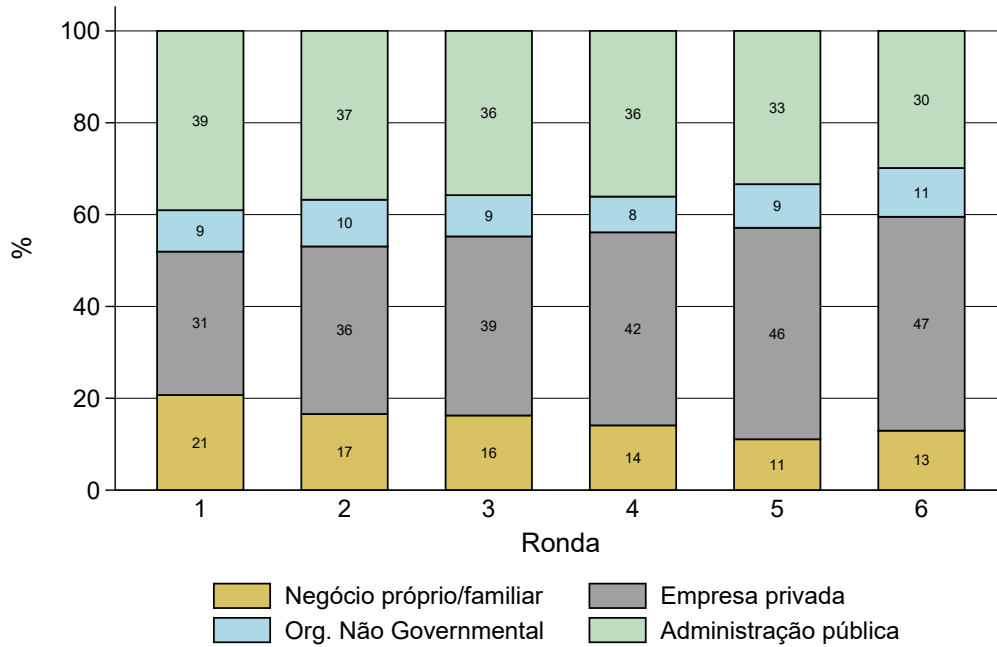
A Figura 16 acrescenta a relação entre a área de estudo e o tipo de empregador (na última posição de trabalho). Torna-se evidente a preponderância do sector privado, em particular as empresas privadas, na oferta de emprego para os finalistas das diversas áreas de estudo. Mesmo os finalistas do sector de Educação encontraram, na sua maioria, emprego fora do sector público. A única excepção é o sector da saúde.

As organizações não governamentais parecem só atrair proporções com algum significado junto de licenciados de ciências naturais, saúde (11% em ambos), ciências sociais (14%) e agricultura (15%). A significativa proporção de emprego em negócio próprio ou familiar dos finalistas de Letras e Humanidades (29%, 10 pontos percentuais ou mais acima de qualquer outra área de formação), conjugada com a elevada taxa de desemprego ao fim da sexta ronda, sugere alguma dificuldade de estes finalistas em encontrar empregos no mercado.

A Tabela 14 confirma que o sector privado, quer em negócio próprio (16%), quer em emprego por conta de outrem em empresa privada (45%) é o empregador dominante dos finalistas universitários, sem diferenças de género. Esta realidade é provocada, em particular, pela colocação dos finalistas mais jovens, com menos de 25 anos, sendo que finalistas mais velhos (e casados) tiveram colocação maioritária na administração pública. A importância do sector público é também maior (mesmo que, em média, não maioritária), junto dos finalistas de universidades públicas e daqueles que estudaram nos pólos universitários de Maputo.

O sector público é somente o principal empregador dos finalistas que agora residem na Zambézia

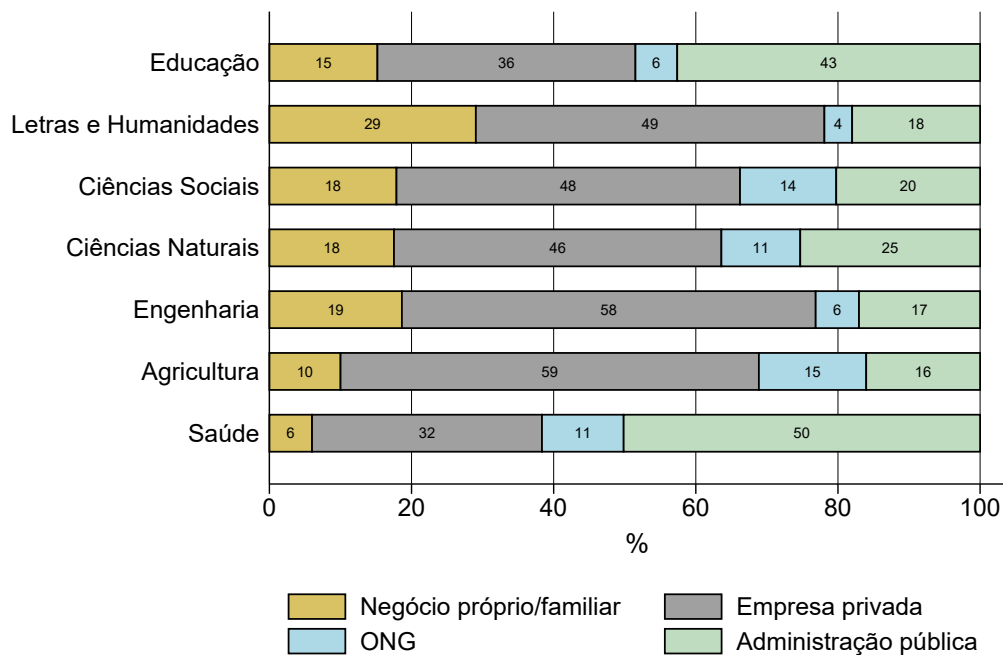
Figura 15: Tipo de empregador (organização), por ronda (%)



Nota: a amostra para este gráfico é relativa aos participantes que reportaram ter um trabalho e o respectivo empregador, por ronda.

Fonte: dados do ITEEFU.

Figura 16: Tipo de empregador na última posição de trabalho, por área de estudo (%)



Nota: a amostra para este gráfico é referente ao último emprego/trabalho e empregador (não necessariamente última ronda) reportado por cada participante N=1.571.

Fonte: dados do ITEEFU.

(58%), em Cabo Delgado (68%), Gaza e Inhabane (aproximadamente 75%) e Niassa (96%). O emprego no sector privado por conta de outrem é quase maioritário em Maputo Província (42%), Tete (46%) e Maputo Cidade (48%), sendo maioritário para os finalistas residentes em Sofala (51%) e Manica (54%). O sector das ONG só aparece com algum significado nas províncias de Sofala e Manica (aproximadamente 17%), Cabo Delgado (20%) e Nampula (27%). O auto-emprego de finalistas só aparece significativamente em Maputo Província e Sofala (15%), Tete (17%) e Maputo Cidade (19%).

A Tabela 15 revela que apenas para os licenciados que preferiam trabalhar por conta de outrem, numa empresa privada, se verifica que a maioria (52%) alcançou sua preferência. De facto, pode-se notar que, apesar da administração pública ser desejada por 44% dos finalistas e o emprego em empresas privadas por 34%, no fim do período de seguimento apenas 29% estavam empregues na administração pública e 45% em empresas privadas.

Ainda assim, conforme se pode ver no painel (b) da Tabela 15, a maioria dos licenciados empregados no sector público preferiam estar empregues nesse sector. Notavelmente, apesar do número de finalistas que preferiam o empresariado (em 2017) ser quase igual àqueles que estão actualmente a trabalhar em negócio próprio (no último trabalho), a grande maioria destes últimos tinha preferido trabalhar por conta de outrem (74%). De facto, entre os finalistas que preferiam o empresariado o emprego em empresas privadas de outrem foi o destino mais prevalente, com 47% (no painel a).

Tabela 14: Tipo de empregador (organização) na última posição de trabalho, por características individuais (%)

	Negócio próprio	Empresa privada	ONG	Admin. pública
<i>Género:</i>				
Homens	16	45	10	29
Mulheres	17	44	10	29
<i>Faixa etária:</i>				
18-22	15	55	15	16
23-25	18	57	11	13
26-55	15	26	5	53
<i>Casado/a?:</i>				
Não	17	49	12	23
Sim	11	21	3	65
<i>Local universitário:</i>				
Maputo	17	44	9	30
Beira	14	48	15	22
<i>Tipo de universidade:</i>				
Pública	16	43	10	30
Privada	15	51	9	25
<i>Província de residência:</i>				
Cabo Delgado	0	13	20	68
Estrangeiro	0	100	0	0
Gaza	5	9	12	74
Inhambane	10	15	0	75
Manica	10	54	17	19
Maputo Cidade	19	48	11	22
Maputo Província	15	42	6	37
Nampula	8	34	27	31
Niassa	0	4	0	96
Sofala	15	51	16	17
Tete	17	46	9	29
Zambezia	3	25	14	58
Total	16	45	10	29

Nota: a amostra nesta tabela é referente ao último emprego/trabalho e empregador (não necessariamente última ronda) reportado por cada participante N =1.571 ; cada linha soma 100%.

Fonte: dados do ITEEFU.

Tabela 15: Tipo de empregador preferido (no *baseline*) vs. actual, no último trabalho (%)

Preferido ↓	Actual				Total
	Próprio	Privada	ONG	Pública	
(a) Por empregador preferido:					
Negócio próprio/familiar	23	47	8	22	100
Empresa privada	13	52	11	24	100
ONG	12	43	22	22	100
Administração pública	14	39	9	39	100
Total	16	45	10	29	100
(b) Por empregador actual:					
Negócio próprio/familiar	26	18	13	12	17
Empresa privada	30	39	37	26	34
ONG	4	5	12	4	5
Administração pública	40	39	37	57	44
Total	100	100	100	100	100

Nota: esta tabela é referente ao último emprego/trabalho registado por cada participante, N = 1.429.

Fonte: dados do ITEEFU.

7 Estratégias de procurar emprego

Mensagens chave:

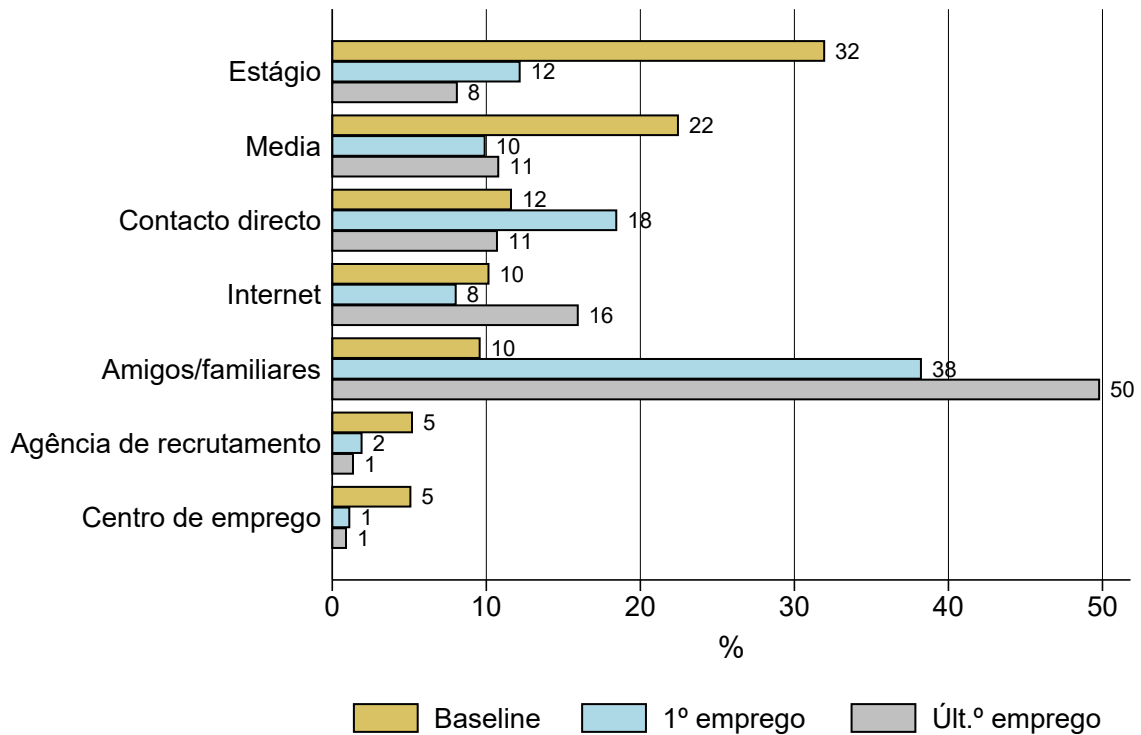
- Diversas estratégias são usadas para encontrar emprego.
- A estratégia de procura usada com mais sucesso na experiência dos finalistas é contactos dos amigos e familiares. No seu primeiro emprego, 38% dos participantes obtiveram a posição com base na ajuda dos amigos e familiares; e no último emprego, 50% dos participantes usaram esta via.
- A Internet (incluindo os *social media*) está a ganhar importância na procura de emprego. Por exemplo, para a maioria das áreas de estudo, a internet foi mais usada que canais de *media* tradicionais (ex. jornais) para encontrar o emprego mais recente.
- A venda de vagas é um fenómeno relevante para finalistas em Moçambique. Aproximadamente, 15% das posições foram vendidas a um custo mediano de 10.000 MZN cada. Este fenómeno é muito mais frequente no ramo de serviços comerciais e menos no sector público.

Durante o estudo, investigamos as estratégias usadas para encontrar emprego, comparando as estratégias previstas (no *baseline*) contra as usadas depois. Figura 17 resume a proporção dos participantes indicando o uso de várias estratégias em momentos diferentes. Verifica-se uma grande diferença entre o perfil de estratégias que os finalistas pensavam usar para encontrar emprego e aquele que se mostrou mais eficaz.

A figura mostra que o estágio era, no inquérito de base, aquele que 32% dos finalistas esperavam vir a propiciar-lhes emprego. No entanto, só resultou no primeiro emprego de 12% e no último emprego de 8% daqueles que trocaram de emprego durante o período de seguimento (quer dizer, os últimos empregos aqui são apenas os empregos diferentes do primeiro). De igual modo, os meios de comunicação social (rádio, TV e jornais), colocaram uma menor proporção de finalistas em empregos (aproximadamente 10%) do que a proporção daqueles que esperavam encontrar o seu emprego por esse meio (22%). Igualmente menos eficazes que o esperado foram as agências de recrutamento e os centros de emprego.

Pelo contrário, foram contactos directos e, principalmente, amigos e familiares, que resultaram

Figura 17: Estratégias para encontrar emprego (%)



Nota: a amostra para este gráfico é N = 1.783, referente a todos os participantes que reportaram pelo menos um emprego; a barra cor de areia ('Baseline') é referente às expectativas dos participantes no inquérito base; a barra cinzenta é referente aos participantes que também reportaram um outro (último) emprego (N = 794); 'Media' inclui rádio, TV e jornais.

Fonte: dados do ITEEFU.

em proporções muito mais elevadas de empregos do que tinha sido a expectativa média dos finalistas. Notavelmente, amigos e familiares foram a estratégia que originou 50% dos novos empregos entre aqueles que trocaram de emprego durante o período. A internet também se mostrou mais eficaz que o esperado no que concerne o alcançar de um segundo emprego. Isso sugere que, enquanto no *baseline* os meios formais e transparentes de obter emprego eram os mais esperados, na realidade os meios informais, baseados nas relações pessoais, dominaram.

A Tabela 16 mostra as ligeiras alterações da eficácia das estratégias de busca de emprego entre o primeiro e o último emprego (neste caso entre aqueles, 794 de 1.793, que trocaram de emprego durante o período de seguimento). Como indiciado também na figura anterior, o recurso a familiares e amigos e à internet ganharam prevalência, de forma relativamente uniforme entre todos os subgrupos da amostra.

Como já referido, as estratégias mais formais de busca de emprego (*media*, estágio, Internet e outras, que inclui os centros de emprego e agências de emprego) foram minoritárias, em média, para o primeiro emprego (soma foi de 43%) e perderam preponderância junto daqueles que mudaram de emprego no período (soma desceu para 40%). Ainda assim, foram quase majoritários para os primeiros empregos de finalistas de ciências sociais (42%), educação (47%) e ciências naturais (48%), sendo majoritários para os finalistas de saúde (51%).

A natureza predominantemente informal das estratégias eficazes na procura de emprego sugere um espaço significativo para o crescimento das estratégias formais. Nesse sentido, apraz notar a eficácia relativa da internet, particularmente como estratégia de troca de emprego.

Uma outra estratégia de obter (melhor) emprego é obter qualificações adicionais. A Tabela 17 confirma esta hipótese. Uma fatia significativa dos finalistas universitários buscou reforçar as suas possibilidades no mercado de trabalho através da frequência de um curso técnico-profissional. Essa escolha é mais evidente nos finalistas que procuravam o primeiro emprego ou procuravam trocar de emprego. É também sensivelmente mais evidente nos homens, nos finalistas mais jovens, nos que frequentaram universidades públicas e nos que estavam a realizar trabalho ocasional.

Não deve surpreender que finalistas de saúde, com um grande grau de colocação rápida, recorram menos a esta estratégia de reforço de qualificações ou mesmo de requalificação. No entanto, esta foi relativamente mais procurada por finalistas de ciências sociais (18%), agricultura (20%) e ciências naturais (23%), sugerindo alguma dificuldade de encontrar emprego com base, apenas, nos conhecimentos, capacidades e reputação adquiridas com cursos destas áreas.

A Tabela 18 refere-se a uma prática informal mediante a qual pessoas assumem um papel informal entre os finalistas e o emprego que eventualmente alcançam. A base desta estatística é o número de situações de novo emprego que foram reportadas durante o período de seguimento. Como alguns dos finalistas trocaram de emprego durante este período, a base de observações são 2.273 novos empregos obtidos, relativos ao total de 1.569 finalistas que obtiveram emprego entre as primeiras e sexta rondas, inclusive.

Um primeiro sinal da prática conhecida coloquialmente como a ‘venda de vagas’ é que se verificaram 350 situações (15,4% das 2.273 vagas obtidas) em que os finalistas se viram confrontados com um pedido de pagamento pela vaga que buscavam alcançar. O valor mediano do “preço” da vaga foi de 10.000 meticais, o que significa que a metade daqueles a quem foi pedido um pagamento, o valor foi maior. Assinale-se que em 8 dos 16 casos de empregos no

Tabela 16: Estratégias usadas para encontrar emprego (%)

	Estratégia usada					
	Media	Directo	Estágio	Internet	Amigos/Fam.	Outra
(a) Primeiro emprego:						
<i>Género:</i>						
Mulher	9	18	15	8	38	12
Homem	11	19	10	8	38	14
<i>Tipo de universidade:</i>						
Pública	11	19	11	8	38	14
Privada	6	15	17	10	41	11
<i>Área de estudo:</i>						
Educação	14	19	13	4	34	16
Letras e Humanidades	8	24	6	9	40	13
Ciências Sociais	9	16	11	11	42	11
Ciências Naturais	3	18	13	11	34	21
Engenharia	4	26	15	4	35	16
Agricultura	5	20	5	14	51	5
Saúde	10	23	20	9	27	12
Total	10	18	12	8	38	13
(b) Último emprego:						
<i>Género:</i>						
Mulher	8	13	11	14	51	3
Homem	12	9	6	17	49	6
<i>Tipo de universidade:</i>						
Pública	10	11	7	17	50	5
Privada	12	10	12	13	50	3
<i>Área de estudo:</i>						
Educação	11	17	7	5	54	6
Letras e Humanidades	8	4	8	21	48	12
Ciências Sociais	8	9	7	20	51	5
Ciências Naturais	6	10	7	12	62	2
Engenharia	8	11	7	14	54	6
Agricultura	11	4	18	31	35	1
Saúde	27	12	8	13	38	3
Total	11	11	8	16	50	5

Nota: a amostra para o painel (a), N = 1.783, é referente aos participantes que reportaram pelo menos um emprego; no painel (b) a amostra é, N = 794, referente aos participantes que reportaram um último emprego (não igual ao primeiro); 'Media' inclui rádio, TV e jornais; 'Directo' é contacto directo com os empregadores; 'Outra' abrange agências de recrutamento, centros de emprego, negócio individual e as não especificadas; em cada painel as linhas somam 100%.

Fonte: dados do ITEEFU.

Tabela 17: Percentagem dos participantes que, procurando ou não um novo trabalho, está a frequentar um curso técnico-profissional

	Procurando (outro) emprego?		Total
	Nao	Sim	
<i>Género:</i>			
Mulher	11	16	14
Homem	14	19	18
Total	13	18	16
<i>Faixa etária:</i>			
18-22	17	18	18
23-25	18	20	19
26-55	8	15	12
Total	13	18	16
<i>Tipo de universidade:</i>			
Pública	13	19	17
Privada	12	14	14
Total	13	18	16
<i>Área de estudo:</i>			
Educação	11	16	14
Letras e Humanidades	16	13	14
Ciências Sociais	15	19	18
Ciências Naturais	23	23	23
Engenharia	12	16	15
Agricultura	19	20	20
Saúde	8	11	10
Total	13	18	16
<i>Situação económica:</i>			
Desempregado		16	16
Estágio	18	17	17
Trabalho ocasional	13	22	20
Trabalho fixo	12	18	15
Total	13	18	16

Nota: a amostra inclui apenas participantes economicamente activos (ex. desempregados ou a trabalhar); abrange todas as rondas, N = 10.081.

Fonte: dados do ITEEFU.

sector primário onde foi pedido um preço pela vaga, esse excedeu 20.000 meticais.

A prevalência desta prática é, notavelmente, maior junto daqueles que se empregaram fora da sua área de formação, como letras (19,6%) e agricultura (22,7%), mas também é mais elevada que a média junto dos finalistas de educação (16,6%) e ciências sociais (15,5%). É particularmente elevada para as vagas alcançadas no sector dos serviços comerciais (26,3%).

Importa finalmente esclarecer que a situação de “venda de vagas” nada tem a ver com a actividade de mediação de emprego realizada por agências ou centros de emprego. Como se verificou na Figura 17, estes meios só foram utilizados na obtenção de 3% dos primeiros empregos e 2% dos últimos empregos, percentagens muito menores do que as apresentadas na Tabela 18. Traduzem-se, portanto, não em preços de serviços mas em taxas informais e privadas sobre o emprego dos finalistas. Dificilmente terão a ver com a justa retribuição por um serviço prestado de forma aberta e transparente no mercado de trabalho. Ademais, estas práticas podem afastar de empregos as pessoas mais capacitadas para as funções para as quais as organizações estão a contratar, se elas considerarem ser injusto pagar pela vaga, uma vez que o sistema de venda de vagas é cego ao mérito e capacidades de trabalho dos candidatos a emprego.

Tabela 18: Experiência de venda de vagas

	Obs. (N)	Pedido para pagar vaga (%)	Valor da vaga (MZN)
<i>Género:</i>			
Mulher	910	14	8,000
Homem	1,363	17	10,000
<i>Faixa etária:</i>			
18-22	849	11	15,000
23-25	748	20	10,000
26-55	676	16	10,000
<i>Local universitário:</i>			
Maputo	1,792	17	10,000
Beira	481	10	20,000
<i>Área de estudo:</i>			
Educação	452	17	10,000
Letras e Humanidades	111	20	5,000
Ciências Sociais	773	15	12,000
Ciências Naturais	386	13	5,000
Engenharia	231	11	10,000
Agricultura	144	23	10,000
Saúde	176	9	20,000
<i>Sector de trabalho:</i>			
Primário	111	14	20,000
Secundário	181	11	10,000
Serviços (públicos)	1,028	12	10,000
Serviços (inform./financ.)	452	14	14,000
Serviços (comerciais)	501	26	10,000
Total	2,273	15	10,000

Nota: a amostra nesta tabela considera cada emprego ou estágio reportado pelos participantes, por isso, múltiplas observações por participante são permitidas (observações únicas = 1.569); o valor de venda é o mediano.

Fonte: dados do ITEEFU.

8 Qualidade do trabalho

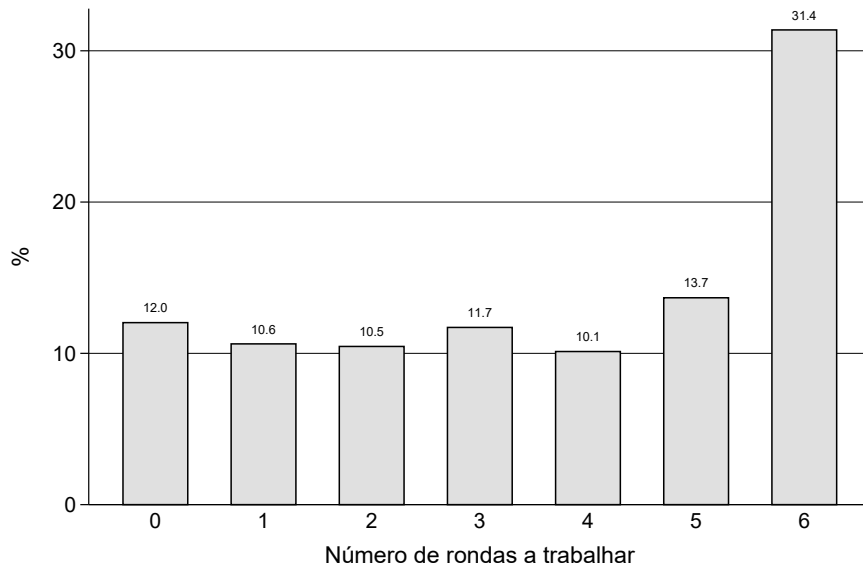
Mensagens chave:

- Consistente com as experiências diversas da transição ensino-emprego, a qualidade de trabalho obtido pelos finalistas é variável.
- Apenas 1 em cada 3 participantes estava a trabalhar em cada ronda de seguimento, ou seja 2 em 3 teve algum período sem emprego.
- Mais que 1 em cada 3 participantes reportou ter trabalhado em pelo menos duas posições diferentes ao longo das rondas de seguimento.
- Enquanto a situação contractual dos finalistas (com emprego) tem melhorado ao longo de tempo, até a última ronda menos que 60% estiveram inscrito no INSS e 50% continuava a procurar um outro emprego.
- A administração pública tende a oferecer um dos melhores níveis de qualidade de emprego. Emprego no ramo de serviços comerciais parece ter a qualidade mais baixa, sendo o mais precário.

Ter um emprego é uma coisa, ter um ‘bom’ emprego é outra. Há várias dimensões em que a qualidade de emprego pode ser medida. Estes incluem: a situação contratual, as horas trabalhadas por semana, se a pessoa está activamente a procurar uma outra posição, e o tempo que o trabalhador tem estado na mesma posição. As últimas duas dimensões reflectem a preferência relevada do trabalhador pela posição que tem actualmente.

Os dados do ITEEFU mostram que são poucos os finalistas que obtiveram um bom emprego logo após a conclusão dos seus cursos universitários. Consistente com a análise da Secção 4, a qual apontou que as transições pós-ensino são diversas e nem sempre suaves, a Figura 18 mostra que menos de 1 em 3 dos finalistas estava a trabalhar (tinha um emprego) durante todas as rondas de seguimento, enquanto aproximadamente 40% não tiveram trabalho durante três rondas ou mais (9 dos 18 meses de seguimento). De igual modo, a Figura 19 indica que mais que 1 em 3 finalistas trabalhou em pelo menos duas posições de emprego diferentes ao longo das seis rondas de seguimento. Isto quer dizer que, mesmo obtendo um emprego, um número significativo dos finalistas não continuou na mesma posição até a última ronda. Ou seja, o primeiro emprego não

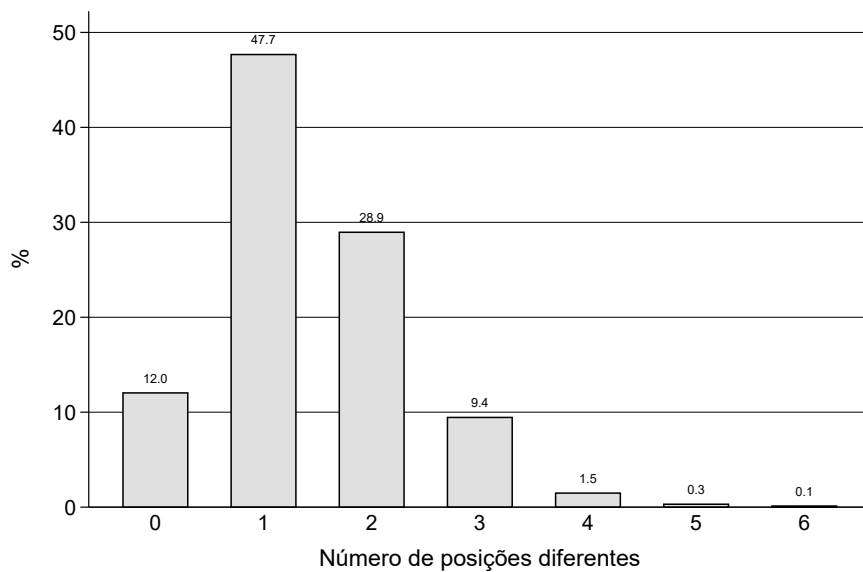
Figura 18: Finalistas a trabalhar, por número de rondas (%)



Nota: N = 1.756, sendo referente ao painel balanceado dos participantes observados em cada ronda de seguimento.

Fonte: dados do ITEEFU.

Figura 19: Número de posições (diferentes) de emprego/trabalho ao longo das rondas de seguimento



Nota: N = 1.756, sendo referente ao painel balanceado dos participantes observados em cada ronda de seguimento.

Fonte: dados do ITEEFU.

Tabela 19: Qualidade do trabalho, por ronda

Ronda	Dimensões de qualidade do trabalho (% 'sim')							Obs.
	Emprego fixo	Inscrito INSS	Contracto escrito	Ligado ao curso	Tempo inteiro	Satisfeito	Emprego durável	
1	63	42	52	61	57	41	69	784
2	64	42	57	61	56	41	65	913
3	64	42	57	61	60	48	68	966
4	70	50	64	66	69	48	69	861
5	71	52	65	67	68	52	64	1,075
6	74	57	73	67	71	54	68	1,122
Média	68	48	62	64	64	48	67	954

Nota: esta tabela é referente aos participantes que reportam ter um emprego ou trabalho mas que não fosse um estágio; alguém é 'satisfeito' quando não está à procura (activamente) de um novo emprego/trabalho; 'emprego durável' indica que a pessoa está na mesma posição há *mais* que seis meses.

Fonte: dados do ITEEFU.

durou.

A experiência da instabilidade de emprego encarada por alguns finalistas, como sugerida acima, é sublinhada pelas medidas de qualidade de trabalho resumidas nas Tabelas 19 e 20. Nestas tabelas, as colunas representam diferentes dimensões de qualidade (todas positivas), e as células indicam a percentagem dos finalistas com algum emprego que afirmam a sua posição actual tem aquela característica. Por exemplo, na primeira ronda 63% dos finalistas empregados tiveram um emprego fixo ou permanente (contra ocasional), aumentando para 74% até a última ronda. Olhando à evolução das medidas ao longo das rondas, a Tabela 19 mostra uma melhoria de qualidade em quase todos os aspectos – na última ronda muito mais finalistas tem um contrato de trabalho escrito (73%) e estão a trabalhar a tempo inteiro (71%) comparado com a primeira ronda. Assim, reiteramos a conclusão que muitos finalistas iniciaram o seu emprego no período pós-ensino numa situação relativamente precária, mas no geral a sua situação melhorou com o tempo.

Apesar das melhorias em termos relativos, o nível absoluto da qualidade de trabalho não é particularmente alto, mesmo na última ronda. Em particular, mais que 1 em cada 3 dos trabalhadores não esteve escrito no INSS, e quase 1 em cada 2 ainda estava à procura duma posição alternativa na sexta ronda. Há também diferenças substanciais entre os finalistas no que tange à qualidade de trabalho na última posição em que foram observados. A Tabela 20 mostra que estudantes das áreas de educação e saúde obtiveram, geralmente, empregos com

melhor qualidade, o qual está igualmente reflectido nos empregos na administração pública e no sector de serviços públicos. O mais preocupante é a qualidade de emprego no sector de (outros) serviços comerciais e trabalhadores da conta própria (negócios familiares). Nestes casos, a grande maioria parecem insatisfeitos (70% estão à procura de um emprego alternativo) e menos de 2 em cada 3 tem um contrato formalizado. Ademais, nestes ramos de trabalho, aproximadamente apenas 1 em cada 3 está a trabalhar numa área ligada com o seu curso universitário. Neste sentido, existe uma diferenciação considerável na qualidade de trabalho alcançado no período pós-ensino pelos finalistas. Encontramos um grupo privilegiado que conseguiram um ‘bom emprego’ até o final das rondas de seguimento, mas a maioria destes já iniciaram o período com um emprego de qualidade mais alta. Entre os finalistas que iniciaram o período de seguimento sem emprego, apenas 14% alcançaram um emprego de alta qualidade na sua última posição (vide Tabela B6).

Com base nestas estimativas da qualidade de trabalho, é possível alocar os participantes em três grupos diferentes. Há um primeiro grupo onde a qualidade é relativamente alta, sendo que a sua posição de trabalho oferece pelo menos cinco das dimensões supracitadas (Tabela 19). O segundo grupo tem emprego mas numa posição de menor qualidade, sendo um com entre zero e quatro das dimensões. O terceiro grupo são aqueles que não tem emprego. Até a última ronda, estima-se que aproximadamente 40% dos participantes se encontraram no primeiro grupo (com ‘bom emprego’), 30% no segundo grupo (com ‘mau emprego’) e outro 30% sem emprego.

Tabela 20: Qualidade do trabalho na última posição ocupada

	Dimensões de qualidade do trabalho (% 'sim')						
	Emprego fixo	Inscrito INSS	Contracto escrito	Ligado ao curso	Tempo inteiro	Satisfeito	Emprego durável
<i>Género:</i>							
Homens	65	52	66	66	68	50	64
Mulheres	66	48	63	61	68	47	61
<i>Faixa etária:</i>							
18-22	65	48	63	63	68	45	46
23-25	55	45	59	61	70	41	58
26-55	74	56	70	67	68	57	79
<i>Local universitário:</i>							
Maputo	66	49	65	63	66	50	66
Beira	65	54	61	71	79	43	48
<i>Tipo de universidade:</i>							
Pública	65	49	65	63	66	49	65
Privada	69	56	63	70	80	47	53
<i>Área de estudo:</i>							
Educação	72	48	69	69	55	54	74
Letras e Humanidades	59	41	57	46	65	41	58
Ciências Sociais	61	53	61	58	75	46	58
Ciências Naturais	62	46	63	62	75	53	55
Engenharia	66	62	64	67	75	51	59
Agricultura	49	23	58	53	75	32	48
Saúde	76	60	74	85	84	46	50
<i>Sector de trabalho:</i>							
Primário	58	45	63	43	78	41	65
Secundário	74	64	74	64	89	55	53
Serviços (públicos)	77	54	76	79	64	57	68
Serviços (inform./financ.)	75	66	78	61	85	51	55
Serviços (comerciais)	41	32	33	27	64	30	50
<i>Empregador:</i>							
Negócio próprio/familiar	23	15	11	36	52	30	56
Empresa privada	76	61	79	67	73	44	55
ONG	67	62	73	69	85	47	44
Administração pública	89	60	87	77	70	73	82
Total	66	50	65	64	68	49	63

Nota: esta tabela é referente aos participantes que reportam ter um emprego ou trabalho e representa a última posição ocupada (não necessariamente na última ronda, N = 1.506); as dimensões de qualidade provêm da Tabela 19.

Fonte: dados do ITEEFU.

9 Remuneração

Mensagens chave:

- O salário mediano recebido pelos finalistas aumentou de 10.000 MZN por mês para 14.000 MZN por mês ao longo das rondas de seguimento.
- Ao mesmo tempo, uma disparidade salarial entre os géneros tem emergido. Até à última ronda de seguimento, os homens recebem 2.000 MZN por mês a mais que as mulheres (na mediana).
- O sector secundário oferece os salários mais altos (18.000 MZN / mês). Neste sector a disparidade entre os géneros é revertida – as mulheres tendem a ganhar mais que os homens.
- O ramo de serviços comerciais oferece os salários mais baixos (10.000 MZN).
- Os salários realizados são inferiores aos valores esperados, indicados no inquérito base. No trabalho mais recente observado, o salário realizado era apenas metade do valor esperado em 2017.

Esta secção aborda o nível e a evolução dos salários realizados pelos finalistas ao longo das rondas de seguimento. Em primeiro lugar, a Figura 20 mostra o salário mediano por ronda de seguimento e por género. Devido às diferenças nas horas trabalhadas e para facilitar a comparação, todos os salários reportados adiante são calculados em termos equivalentes a tempo inteiro. Nesta base, observamos que o salário mediano subiu de 10.000 MZN por mês nas primeiras três rondas, até 14.000 na última ronda, de modo consistente com a melhoria na qualidade do trabalho e o aumento no número de finalistas com um emprego fixo (vide Secção 8).

A Figura 21 ilustra a distribuição dos salários na primeira e última ronda em que os participantes foram observados a trabalhar. Assim, mostra a evolução dos salários individuais e confirma que o aumento indicado pela Figura 20 também se aplica às pessoas já com emprego, e não só aos participantes empregados pela primeira vez nas últimas rondas. Concretamente, o salário mediano aumentou em cerca de 20% (2.700 MTN) a nível individual ao longo das rondas de seguimento. É também notável que aumentos são observados em quase todos os percentis da

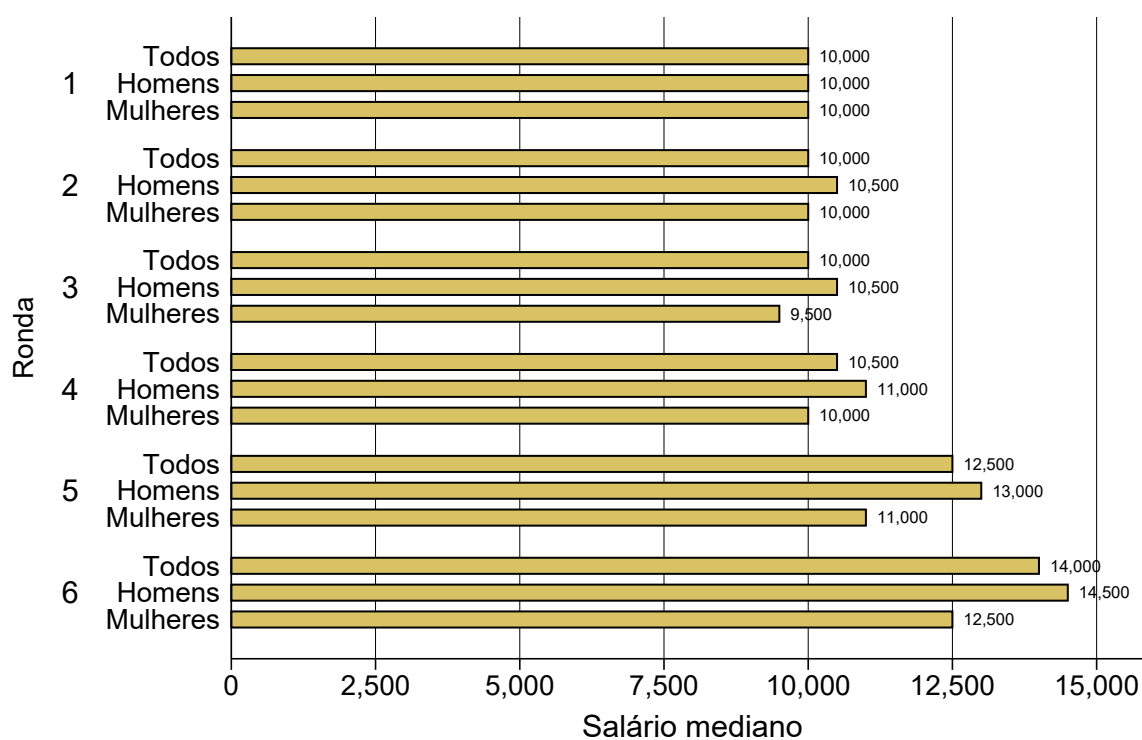
distribuição inicial, sugerindo que a graduação universitária oficial e a experiência conta para o salário final.

Ao mesmo tempo e apesar deste acréscimo do salário mediano, as figuras mostram um desvio crescente entre homens e mulheres. Na primeira ronda, não houve nenhuma diferença no salário mediano entre os dois géneros (em equivalente ao tempo inteiro). Todavia, na segunda ronda já se verificou um desvio ligeiro de 500 MZN; nas últimas duas rondas a mesma diferença alargou-se, sendo na sexta ronda igual a 2.000 MZN. Isto significa que o homem mediano da nossa amostra recebeu um salário 16 por cento maior que a mulher mediana na última ronda de seguimento.

Outras diferenças entre os salários realizados também são de interesse. A Figura 22 ilustra os salários medianos por sector (agregado) e género, na última posição de trabalho em que o participante foi observado (geralmente, a ronda mais recente). Aqui verificam-se nuances nas diferenças entre géneros. Especificamente, notamos que a desvantagem salarial enfrentada pelas mulheres é mais acentuada no sector primário, onde se encontra um desvio na ordem de 5.000 MZN. Nos serviços comerciais e nos serviços públicos, homens também continuam a ganhar mais que as mulheres (em cerca de 2.500 e 2.000 MZN respectivamente). Pelo contrário, nos serviços de informação e financeiros observa-se uma paridade aproximada entre os géneros; e no sector secundário, enquanto o número de mulheres neste sector é limitado, a mulher mediana aqui ganha mais que o homem mediano. Em parte, é possível que estas disparidades entre os géneros possam reflectir diferenças no rácio entre homens e mulheres por área de estudo bem como diferenças na sua experiência prévia. Mesmo assim, uma análise mais profunda destas disparidades será necessária.

Ligado ao ponto anterior, a Tabela B7 (e também as Tabelas B8 e B9) sublinha diferenças significativas entre os salários medianos por sector como já indicadas pela Figura 22. Destacam-se pelos salários medianos relativamente mais altos os seguintes sectores: saúde e acção social (18.000 MZN); indústria transformadora (18.000 MZN); construção (17.000 MZN); indústria extractiva (16.000) e actividades financeiras (16.000 MZN). No outro extremo, encontra-se salários relativamente mais baixos nos sectores de transporte e armazenamento (8.000 MZN), turismo e restauração (9.000 MZN) e comércio e reparação (10.000 MZN). Dum modo geral, estas diferenças não só reflectem diferenças na qualidade de trabalho entre os sectores mas também algumas das diferenças nos salários mínimos por sector. Por exemplo, o salário mínimo aprovado pelo Governo no dia 30 de Abril de 2019 era 6.850 MZN para as actividades não

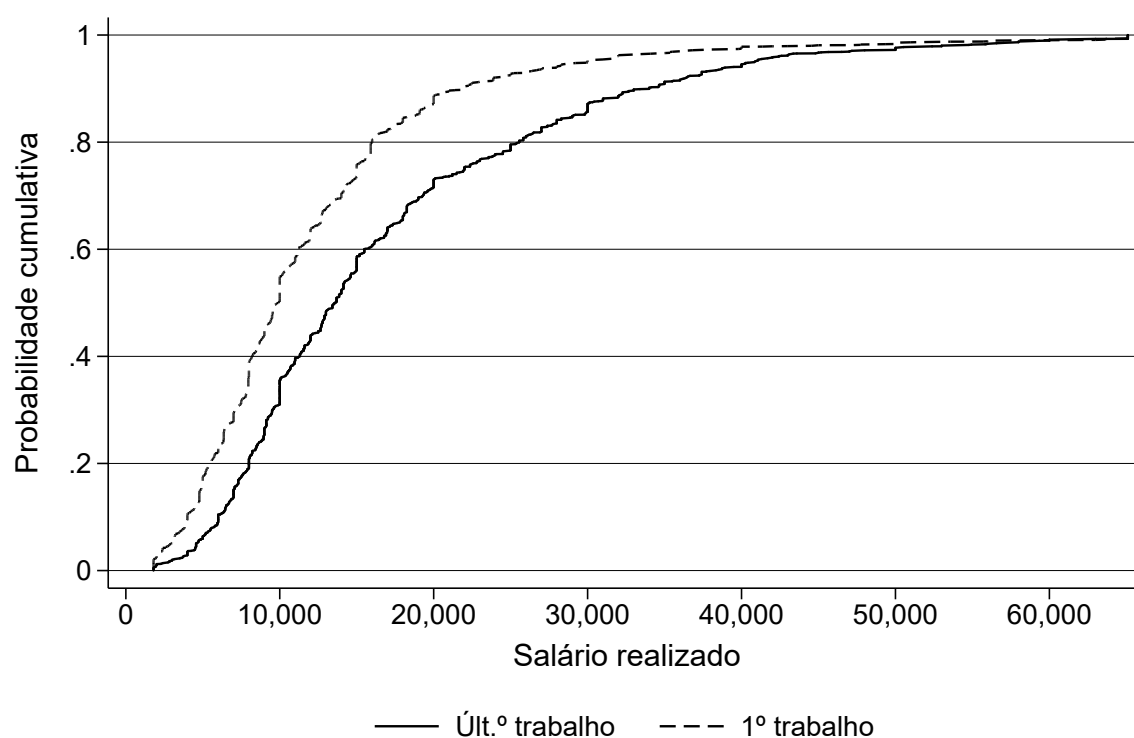
Figura 20: Salário mediano por ronda de seguimento e género



Nota: os salários são reportados em termos nominais e em equivalência ao tempo inteiro.

Fonte: dados do ITEEFU.

Figura 21: Distribuição cumulativa dos salários realizados na primeira e última posição ocupadas (%)



Nota: este gráfico mostra a distribuição dos salários resumidos no Tabela 21; refere-se ao salário do emprego/trabalho da primeira e da última rondas em que o participante foi observado, tomando em conta apenas participantes com mais de uma observação de salário ($N = 1.062$); os salários são reportados em termos nominais e em equivalência ao tempo inteiro.

Fonte: dados do ITEEFU.

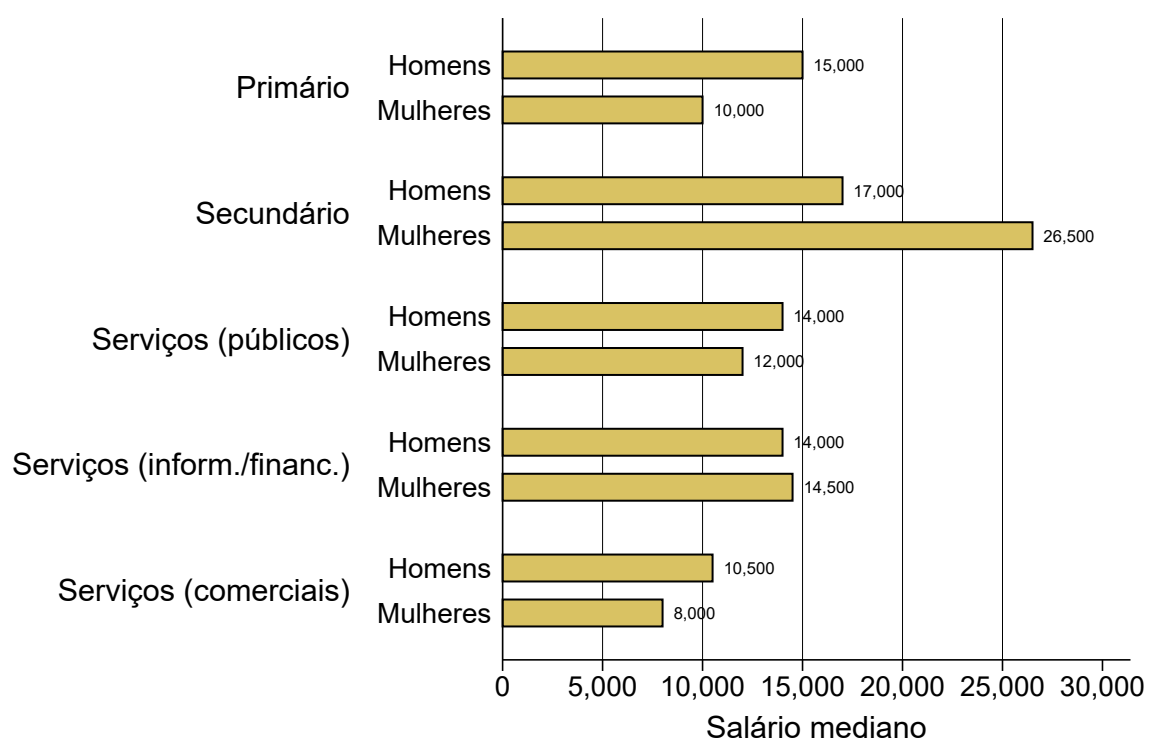
financeiras, contra 12.760 nas actividades financeiras (bancos e seguradoras).² Neste sentido, enquanto parece que há um prémio no mercado de trabalho o qual se traduz em salários medianos obtidos por pessoas com um ensino superior acima do salário mínimo sectorial, este prémio não se aplica ao mesmo salário base.

Finalmente, um resultado importante do inquérito é a grande disparidade entre o salário esperado pelos participantes constatado no momento do *baseline* (em 2017), contra os salários realizados posteriormente (em 2018 e 2019) enquanto já entraram no mercado de trabalho. Estas cifras são resumidas na Tabela 21. É, desde logo notável que o salário (mediano) esperado pelos participantes rondava os 25.000 MZN por mês, com apenas algumas ligeiras diferenças por área de estudo (por exemplo, os estudantes na área de saúde esperavam um salário de 35.000 MZN por mês no seu primeiro trabalho pós-universitário). Assim, em termos comparativos, o salário esperado era aproximadamente 2.5 vezes maior que o primeiro salário realizado e 1.8 vezes maior que o salário final observado. Estas disparidades sugerem duas conclusões gerais. Em primeiro lugar, não obstante os participantes tenham alguma noção das diferenças no valor monetário da sua área de estudo no mercado de trabalho, eles geralmente subestimaram a magnitude dessas disparidades salariais no mercado de trabalho.

Segundo, é claro que os participantes foram bastante optimistas no tocante aos seus salários futuros. Enquanto tal optimismo possa ser um fenómeno ‘natural’, pelo qual os seres humanos tendem a prever um futuro mais perfeito do que alguma vez seja realizável, parece que os salários esperados também reflectiram o nível de remuneração que os participantes acharam que era justo, sendo um salário na base de qual poderiam fazer a sua vida como desejado. Esta interpretação é confirmada pela persistência dos salários esperados altos, mesmo depois dos participantes entrarem no mercado de trabalho. Deste ponto de vista, um risco é que o desvio entre o salário realizado e o esperado (justo) possa engendrar frustração e/ou escolhas futuras motivadas apenas por oportunidades de ganhar dinheiro (adicional) sem olhar ao seu impacto social.

² Confira aqui: <https://cta.org.mz/reajuste-dos-salarios-minimos-2019-aumentos-variam-de-cinco-a-12/>.

Figura 22: Salário mediano por género e sector de trabalho, última ronda observada



Nota: os salários são reportados em termos nominais e em equivalência ao tempo inteiro; refere-se ao salário na última ronda em que o participante foi observado a trabalhar, N = 1.517; vide a Secção 6 para a definição dos sectores agregados.

Fonte: dados do ITEEFU.

Tabela 21: Salários medianos esperados no *baseline* vs. os realizados na primeira e última ronda observado a trabalhar

	Baseline	Primeira ronda		Última ronda	
	Esperado	Realizado	Diferença	Realizado	Diferença
<i>Género:</i>					
Homens	25,000	10,000	14,481	14,500	9,445
Mulheres	24,000	9,428	12,332	12,000	9,000
<i>Faixa etária:</i>					
18-22	25,000	8,165	14,271	14,142	8,000
23-25	25,000	9,548	12,043	12,649	9,000
26-55	25,000	10,782	14,087	14,000	9,926
<i>Casado/a?:</i>					
Não	25,000	9,487	13,601	13,064	9,000
Sim	25,000	11,139	14,700	14,846	9,881
<i>Local universitário:</i>					
Maputo	25,000	10,000	13,861	13,000	9,633
Beira	25,000	9,548	13,007	17,146	6,000
<i>Tipo de universidade:</i>					
Pública	25,000	9,500	14,000	12,910	9,508
Privada	25,000	13,000	10,858	16,971	8,000
<i>Área de estudo:</i>					
Educação	25,000	9,500	13,861	12,728	9,926
Letras e Humanidades	25,000	8,752	14,000	10,600	9,958
Ciências Sociais	25,000	9,548	12,613	13,416	8,453
Ciências Naturais	30,000	11,139	15,000	15,000	10,476
Engenharia	30,000	13,048	16,000	20,000	10,858
Agricultura	25,000	7,957	13,861	10,000	8,000
Saúde	35,000	12,829	20,200	23,000	11,100
<i>Sector de trabalho:</i>					
Primário	25,000	10,142	11,000	12,910	11,000
Secundário	25,000	11,139	12,633	18,974	9,000
Serviços (públicos)	25,000	10,000	14,497	14,033	9,508
Serviços (inform./financ.)	25,000	10,000	12,643	14,000	8,500
Serviços (comerciais)	22,000	8,050	11,407	10,000	9,000
Total	25,000	9,899	13,773	13,602	9,310

Nota: o salário esperado baseia-se no inquérito *baseline* e refere-se ao salário esperado no primeiro trabalho depois da conclusão dos estudos; as diferenças são calculadas ao nível individual e refletem o desvio entre o valor esperado no *baseline* e o realizado; observações são incluídas se tiverem valores válidos para ambos o salário esperado e realizado e se há mais que uma observação por participante (N = 1.062).

Fonte: dados do ITEEFU.

10 Reflexões sobre a experiência pós-ensino

Mensagens chave:

- Quase todos os participantes (99%) acreditam que valeu a pena ter frequentado o ensino superior. A grande maioria (84%) iriam escolher a mesma universidade. Todavia, 33% iriam escolher um curso diferente.
- A estimativa do valor monetário do ensino superior, medido em termos do incremento salarial, varia entre as áreas de estudo. Nas áreas de engenharia e saúde, participantes pensam que o seu salário agora seria menos da metade se não tivessem ido à universidade. No entanto, nas áreas como educação e agricultura o incremento relacionado com o ensino superior é menos que 1.000 MZN por mês.
- Aproximadamente, 50% dos participantes constatarem que seu trabalho/emprego actual não necessita uma licenciatura.

A secção anterior apontou para um desvio significativo entre os salários esperados pelos participantes e os salários posteriormente realizados. Ciente disso, na última ronda de seguimento colocamos uma série de perguntas de natureza reflexiva sobre a sua experiência pós-ensino. Perguntamos se, olhando para trás e com o conhecimento que agora têm, iriam novamente: seguir para o ensino superior, escolher a mesma universidade, e o mesmo curso. Como mostra a Tabela 22, só 1 em cada 100 participantes tem dúvidas sobre o valor de ter feito o ensino superior. Também, enquanto a grande maioria (84%) iria frequentar a mesma universidade de novo, nota-se que a satisfação é ligeiramente menor com as universidades privadas onde 77% voltariam a universidade que tinham frequentado. A escolha do mesmo curso suscita mais diferenças de opinião. Um terço dos participantes opina que não iria voltar a fazer o mesmo curso, com destaque para os estudantes de letras e humanidades, dos quais a metade não está satisfeita com o curso escolhido. Em comparação estudantes de engenharia e saúde são geralmente os mais satisfeitos, dos quais mais de 3/4 escolheriam o mesmo curso novamente.

De um modo geral, as diferenças do nível de satisfação com o curso universitário correspondem ao grau em que a sua posição de trabalho necessita formação a nível de ensino superior. Como se pode deparar da Tabela 22, pouco mais que a metade dos participantes entrevistados na última ronda afirmam que uma licenciatura é necessária para o seu trabalho. Quer dizer, um número

Tabela 22: Reflexões sobre a experiência pós-ensino

	Olhando para trás, escolheria ...			Seu trabalho
	Fazer ensino superior?	A mesma universidade?	O mesmo curso?	Necessita licenciatura?
<i>Género:</i>				
Homens	99	85	69	57
Mulheres	98	82	66	54
<i>Faixa etária:</i>				
18-22	98	82	71	56
23-25	98	85	65	50
26-55	100	83	67	60
<i>Local universitário:</i>				
Maputo	99	83	64	55
Beira	99	87	83	60
<i>Tipo de universidade:</i>				
Pública	99	85	65	54
Privada	98	77	77	63
<i>Área de estudo:</i>				
Educação	99	87	62	60
Letras e Humanidades	99	85	48	41
Ciências Sociais	98	80	68	49
Ciências Naturais	98	79	65	51
Engenharia	98	83	84	56
Agricultura	99	86	72	55
Saúde	100	96	77	80
<i>Sector de trabalho:</i>				
Primário	100	86	66	48
Secundário	98	80	80	53
Serviços (públicos)	100	89	72	67
Serviços (inform./financ.)	98	81	70	49
Serviços (comerciais)	98	75	57	27
<i>Empregador:</i>				
Negócio próprio/familiar	98	77	59	34
Empresa privada	99	86	73	54
ONG	100	80	63	61
Administração pública	100	90	71	66
Total	99	84	68	56

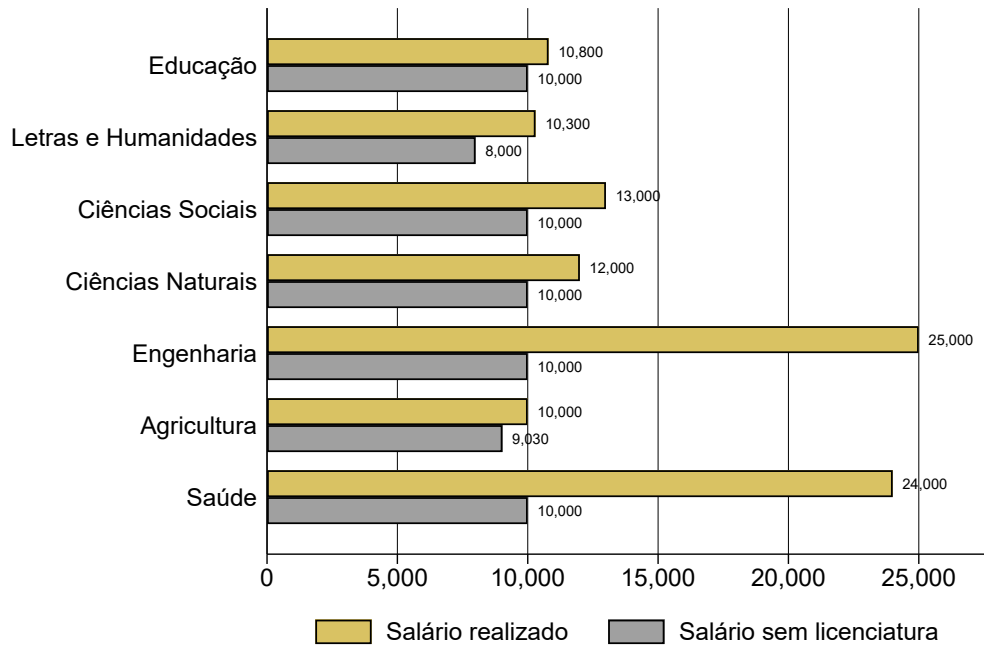
Nota: As observações na tabela variam em função das características (em linha e coluna). Na coluna "Olhando para trás" as primeiras características (em linha) têm N=1.702, para todos que responderam a pergunta e, N=1.161 nas duas últimas características e para todas as características na coluna "Seu trabalho" (indivíduos com trabalho) na última ronda

Fonte: dados do ITEEFU.

significativo trabalha em posições consideradas abaixo do seu grau educativo, o qual representa uma espécie de *mismatch* vertical. Participantes educados na área de letras e humanidades e/ou os que agora estão a trabalhar nos serviços comerciais destacam-se pela baixa necessidade de ter o ensino superior no seu trabalho actual.

Existem varias possíveis determinantes por trás desta exigência fraca da formação a nível de ensino superior nos trabalhos actuais. Estes incluem a inflação dos níveis de qualificações exigidas pelos empregadores aliada com a insuficiência dos postos de trabalho reservados só para os graduados, especialmente em algumas áreas. Esta explicação ganha força quando se compara o salário realizado contra o salário que o mesmo participante estima que iria receber se não tivesse frequentado o ensino superior. Resumida nas Figuras 23 e 24, observa-se que nas áreas de saúde e engenharia o valor adicional relacionado com a sua formação é muito alta – sem licenciatura, os participantes estimam um salário menos de metade que o realizado actualmente. Mas note: os salários estimados sem licenciatura não variam tanto entre as áreas de estudo ou entre os sectores. Assim, é evidente que a economia Moçambicana valoriza bastante especialistas (licenciados) nas áreas de saúde e engenharia, e que estes recursos são escassos. Nas outras áreas, a procura e escassez de recursos humanos parece muito mais baixa. Assim, não é surpreendente que o grau de satisfação com o curso universitário não seja consistentemente alto.

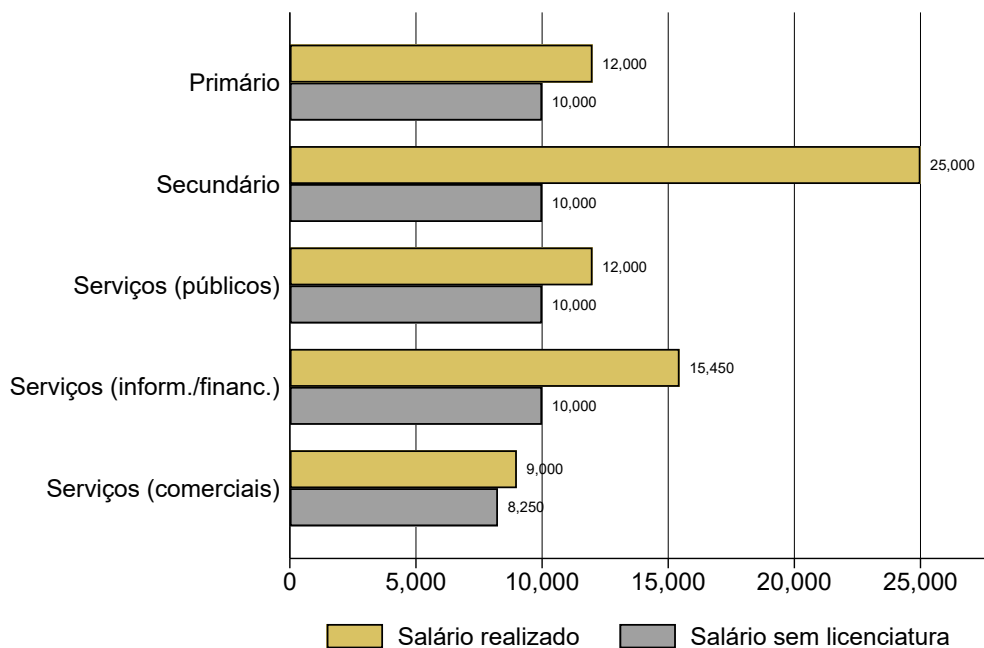
Figura 23: Salário mediano realizado vs estimado sem licenciatura, por área de estudo (6ª ronda)



Nota: A amostra neste gráfico, N=713, é referente aos participantes que reportaram ambos os salários "realizado" e "estimado sem licenciatura".

Fonte: dados do ITEEFU.

Figura 24: Salário mediano realizado vs estimado sem licenciatura, por sector (6ª ronda)



Nota: A amostra neste gráfico, N=713, é referente aos participantes que reportaram ambos os salários "realizado" e "estimado sem licenciatura".

Fonte: dados do ITEEFU.

11 Conclusão

Este inquérito visou oferecer uma visão do processo de transição da educação para o emprego dos estudantes que, genericamente, alcançam o mais elevado grau de qualificação em Moçambique, os finalistas universitários.

Neste estudo foram seguidos mais de 2.000 estudantes universitários Moçambicanos, finalistas, em 2017, de seis das maiores universidades do país, nos seus polos universitários de Beira e Maputo. O inquérito de base decorreu ao longo do ano de 2017. O seguimento começou no trimestre de Março de 2018 terminando 18 meses depois, em Setembro de 2019.

Sabia-se, de antemão, que este é um grupo minoritário, representando, segundo os dados do Censo de 2017, 0,9% da população Moçambicana. Na análise do perfil dos finalistas universitários, confirma-se que se trata de um grupo mais urbano, proveniente de famílias mais educadas e cujo emprego se encontra preferencialmente no sector público, o que não corresponde a um perfil predominante na população moçambicana. Trata-se de um perfil mais típico da classe média-alta no país. Pelo seu contexto, suas qualificações e relativa escassez, poderia esperar-se que este grupo iria experimentar elevada empregabilidade. A realidade, embora mista, sugere mais dificuldades do que o esperado.

Quase metade dos finalistas, 40%, conseguiram emprego imediato (ou já tinham emprego à espera). Outros 21% obtiveram emprego durante o período de seguimento. No entanto, a transição pós-ensino foi desigual:

1. Um primeiro grupo (~40%) conseguiu obter um ‘bom emprego’. Estes empregos são principalmente nos ramos de serviços públicos, tecnologia, finanças e construção. Oferecem salários relativamente altos e têm condições contratuais melhores (ex.: contracto fixo). A maioria dos participantes que obtiveram estes empregos estudaram cursos específicos, tais como Medicina, das áreas de Ciências Naturais (nomeadamente, Informática), Engenharia e Educação. Deles, um número significativo ou já tinha emprego antes de concluir os seus estudos ou encontraram seu emprego logo depois.
2. O segundo grupo (~30%) apenas conseguiu obter um ‘mau emprego’, tendo um salário relativamente baixo e condições mais precárias (ex., sem contrato escrito). Muitos destes maus empregos encontram-se no ramo dos serviços comerciais (ex., comércio), estando mais ligados a algumas áreas de estudo específicas, tais como Letras e Humanidades, Ciências Sociais e Agricultura.

3. O terceiro grupo (~30%) não conseguiu um emprego durável. Enquanto 10% dos estudantes nunca conseguiram emprego, 1 em cada 3 trabalhou menos de seis meses durante ano e meio que durou o período de seguimento. Até à última ronda, 23% dos finalistas estiveram desempregados.

As disparidades na transição pós-ensino não se esgotam nestas três tipologias. Há disparidades notáveis entre os géneros nas suas experiências de transição para o mercado de trabalho. Menos mulheres conseguiram um emprego de imediato e as mulheres tiveram que procurar emprego durante mais tempo, mesmo quando comparado com os seus pares com a mesma área de formação. Até à última ronda, o salário mediano por sector era geralmente menor para as mulheres.

Existem sinais de algum prémio salarial pela formação académica, comparando os valores do salário mínimo para actividades não financeiras em 2019, (6.850 MZN) com o salário mediano recebido pelos finalistas, que subiu de 10.000 MZN para 14.000 MZN por mês ao longo do período de seguimento. Também o salário mediano dos finalistas que obtiveram emprego no sector financeiro (16.000 MZN) excede significativamente o salário mínimo no sector (12.760 MZN). O sector secundário oferece os salários mais altos (18.000 MZN / mês). Neste sector, a disparidade entre os géneros é revertida – as mulheres tendem a ganhar mais que os homens. O ramo dos serviços comerciais é o que oferece os salários mais baixos (10.000 MZN / mês). Deve-se assinalar, entretanto, que os salários realizados são bastante inferiores aos valores que os finalistas esperavam, conforme comunicaram no inquérito base. No trabalho mais recente observado, o salário realizado era apenas metade do valor que os finalistas esperavam em 2017.

Um inquérito de seguimento da transição escola-emprego, por de ter como foco os estudantes não é um estudo de procura de trabalho. Este teria como foco as entidades empregadoras. No entanto, não é um mero estudo de oferta de trabalho. É, de facto, um estudo do encontro (ou desencontro) entre oferta de trabalho, por parte dos estudantes finalistas, com as suas características pessoais, competências intrínsecas e conhecimentos adquiridos, em particular, pela sua formação académica, e a procura de trabalho, por parte dos empregadores.

Como tal, pode informar sobre que sectores estão a absorver melhor e que sectores não parecem estar a absorver suficientemente o capital humano que o sector universitário lhes propicia anualmente. Relativamente ao grupo de finalistas de 2017, este estudo evidencia um desajuste entre os sectores (principalmente) e empregadores onde estes desejariam trabalhar e aqueles onde encontraram emprego. As oportunidades de emprego provêm principalmente do sector de

serviços. Na última ronda, apenas 12% dos graduados empregados se encontraram nos sectores primário e secundários e 55% encontraram ocupação nos serviços públicos (ex., educação, saúde). Explorando aqueles que seriam os sectores que mais naturalmente empregariam os finalistas de cada área de estudos, podemos notar que 69% dos finalistas de educação encontraram emprego nesse sector; 68% dos finalistas de saúde encontraram emprego nesse sector; 50% dos finalistas de ciências sociais encontraram emprego em sectores como comércio, tecnologias e comunicações, financeiro ou consultoria; 49% dos finalistas de engenharia encontraram emprego em sectores como as indústrias extractivas e transformadoras ou construção civil; 31% dos finalistas de ciências naturais encontraram emprego no sector das tecnologias e comunicações; e apenas 17% dos finalistas de Agricultura encontraram emprego no sector da Agricultura e Pecuária. É forte a evidência de que a maioria dos finalistas que obtiveram emprego não estão a trabalhar em sectores que naturalmente empregariam técnicos qualificados nas suas áreas de estudos. Não surpreende, portanto, que a quase maioria dos participantes que encontraram um emprego continuava a procurar uma outra posição laboral. No entanto, notavelmente, metade deles afirmou que as suas posições actuais de trabalho não exigiam formação universitária. Existe, pois, uma forte sugestão que a economia Moçambicana não está a gerar postos de emprego suficientes para absorver os recursos que está a formar ao nível universitário.

Igualmente importante é notar que os finalistas tendem a permanecer nas províncias onde completaram os seus estudos universitários, independentemente da província de onde provieram. Esta capacidade de fixar capital humano qualificado a ser confirmado, pode justificar uma estratégia de desenvolvimento do sector universitário que responda às necessidades de desenvolvimento sectorial e económica ao nível das várias províncias do país.

Finalmente, os resultados tornam evidente que serviços formais e transparentes de mediação entre os finalistas e os empregos que buscam não só são pouco procurados, como demonstraram os resultados do inquérito de base, como são menos eficazes que o esperado. As estratégias de procura que resultaram em emprego foram principalmente as informais (ex., contactos pessoais). Os canais formais (ex., media, jornal) são menos eficazes, mas a Internet está a ganhar alguma importância principalmente para participantes com experiência laboral.

Em resumo, este estudo conta uma história de processos de transição pós-ensino dos finalistas universitários que está longe de ser directa, simples e unificada. Estas transições revelam uma economia com dificuldade em absorver o capital humano gerado nas universidades Moçambicanas, originando tempos de espera para o primeiro emprego que não são negligenciáveis e percentagens significativas de finalistas empregados em sectores e tipos de trabalho

onde não é evidente que as suas qualificações tenham o maior impacto.

Ele revela e confirma a necessidade de aumentar a informação sobre oportunidades de trabalho para finalistas universitários e de reforçar a transparência nos processos de recrutamento, para defesa das próprias empresas, dos finalistas e, especialmente, das mulheres que completam a sua formação universitária.

Sectorialmente, recomenda-se que seja dedicada atenção à baixa colocação de formados nos sectores naturais dos seus cursos, especialmente no caso de formados de engenharia nos sectores industriais (apenas cerca de metade) e, com maior gravidade, dos formados em agricultura nesse sector, tão importante para Moçambique (menos de 1 em 5).

Recomenda-se também atenção à significativa desvalorização dos finalistas universitários que obtiveram emprego no subsector dos serviços comerciais, não só em termos de baixa qualidade dos empregos e salários mais baixos, mas, também, elevada prevalência do fenómeno de venda de vagas.

Este estudo revela também a necessidade de completar a imagem da transição pós-educação dos estudantes universitários, percebendo melhor a procura de trabalho qualificado e o processo de diálogo entre as entidades empregadoras e as universidades.

Este foi o primeiro estudo de transição de estudantes universitários para o mercado de trabalho. Acreditamos que revela evidência de grande relevância para o sector universitário, para as empresas e organizações que visam contratar finalistas universitários e, muito especialmente, para as jovens e os jovens Moçambicanos que contemplam iniciar o seu curso universitário, bem como as suas famílias. Não podemos deixar de afirmar que a informação aqui gerada será ainda mais útil se for parte de uma série de estudos de transição pós-educação, neste e em outros níveis, e de estudos de acompanhamento dos trajectos de graduados universitários no mercado de trabalho.

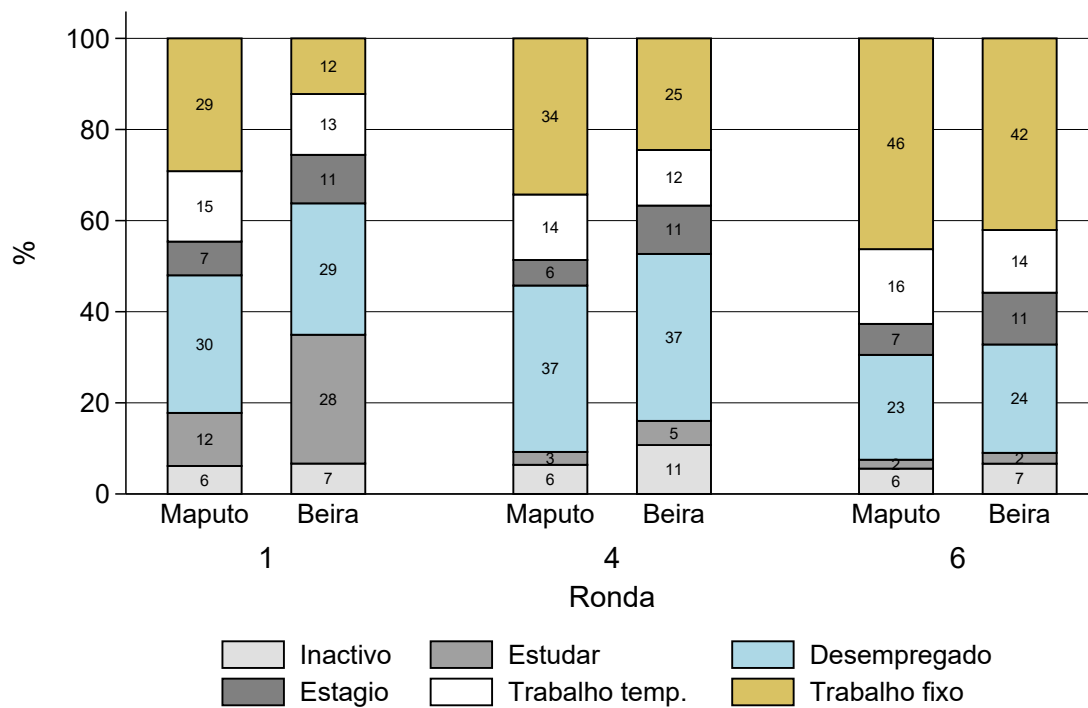
Referências

- Cochran, W. (1977). *Sampling techniques*. New York: John Wiley and Sons.
- DCES (2007). Dados estatísticos sobre o ensino superior em moçambique 2005. Technical report, Direcção para a Coordenação do Ensino Superior, Ministério da Educação, Governo de Moçambique.
- (2008). Dados estatísticos sobre o ensino superior em moçambique 2006. Technical report, Direcção para a Coordenação do Ensino Superior, Ministério da Educação, Governo de Moçambique.
- (2009). Dados estatísticos sobre o ensino superior em moçambique 2007. Technical report, Direcção para a Coordenação do Ensino Superior, Ministério da Educação, Governo de Moçambique.
- (2011a). Dados estatísticos sobre o ensino superior em moçambique 2008. Technical report, Direcção para a Coordenação do Ensino Superior, Ministério da Educação, Governo de Moçambique.
- (2011b). Dados estatísticos sobre o ensino superior em moçambique 2009. Technical report, Direcção para a Coordenação do Ensino Superior, Ministério da Educação, Governo de Moçambique.
- (2012a). Dados estatísticos sobre o ensino superior em moçambique 2010. Technical report, Direcção para a Coordenação do Ensino Superior, Ministério da Educação, Governo de Moçambique.
- (2012b). Dados estatísticos sobre o ensino superior em moçambique 2011. Technical report, Direcção para a Coordenação do Ensino Superior, Ministério da Educação, Governo de Moçambique.
- (2012c). Dados estatísticos sobre o ensino superior em moçambique 2012. Technical report, Direcção para a Coordenação do Ensino Superior, Ministério da Educação, Governo de Moçambique.
- (2016a). Dados estatísticos sobre o ensino superior em moçambique 2014. Technical report, Direcção para a Coordenação do Ensino Superior, Ministério da Educação, Governo de Moçambique.

- (2016b). Dados estatísticos sobre o ensino superior em moçambique 2015. Technical report, Direcção para a Coordenação do Ensino Superior, Ministério da Educação, Governo de Moçambique.
- (2017). Dados estatísticos sobre o ensino superior em moçambique 2016. Technical report, Direcção para a Coordenação do Ensino Superior, Ministério da Educação, Governo de Moçambique.
- DCES and DPEC (2005). Dados estatísticos sobre o ensino superior e a investigação científica em moçambique 2004. Technical report, Direcção para a Coordenação do Ensino Superior do Ministério da Educação e Cultura e Direcção de Planificação, Estatística (DECS) e Cooperação do Ministério da Ciência e Tecnologia (DPEC), Governo de Moçambique.
- Demombynes, G., Gubbins, P. and Romeo, A. (2013). Challenges and opportunities of mobile phone-based data collection: Evidence from South Sudan. World Bank Policy Research Paper Series 6321, World Bank.
- Dillon, B. (2010). Using mobile phones to conduct research in developing countries. *Economic Development Initiatives Africa*.
- INE (2019). Resultados Definitivos do IV Recenseamento Geral da População e Habitação 2017. Technical report, Instituto Nacional De Estatística (INE).
- Jones, S., Mambo, F., Mazive, E., Paris, Y., Santos, R. and Xirinda, G. (2018). Baseline survey on the school-to-work transitions of university graduates in Mozambique. Technical report, UNU-WIDER, Helsinki, Copenhagen, Maputo. URL www.wider.unu.edu/publication/baseline-survey-school-work-transitions-university-graduates-mozambique.
- OESCT (2005). Dados estatísticos sobre o ensino superior e das instituições de investigação 2003. Technical report, Observatório do Ensino Superior, Ciência e Tecnologia, Ministério do Ensino Superior, Ciência e Tecnologia, Governo de Moçambique.

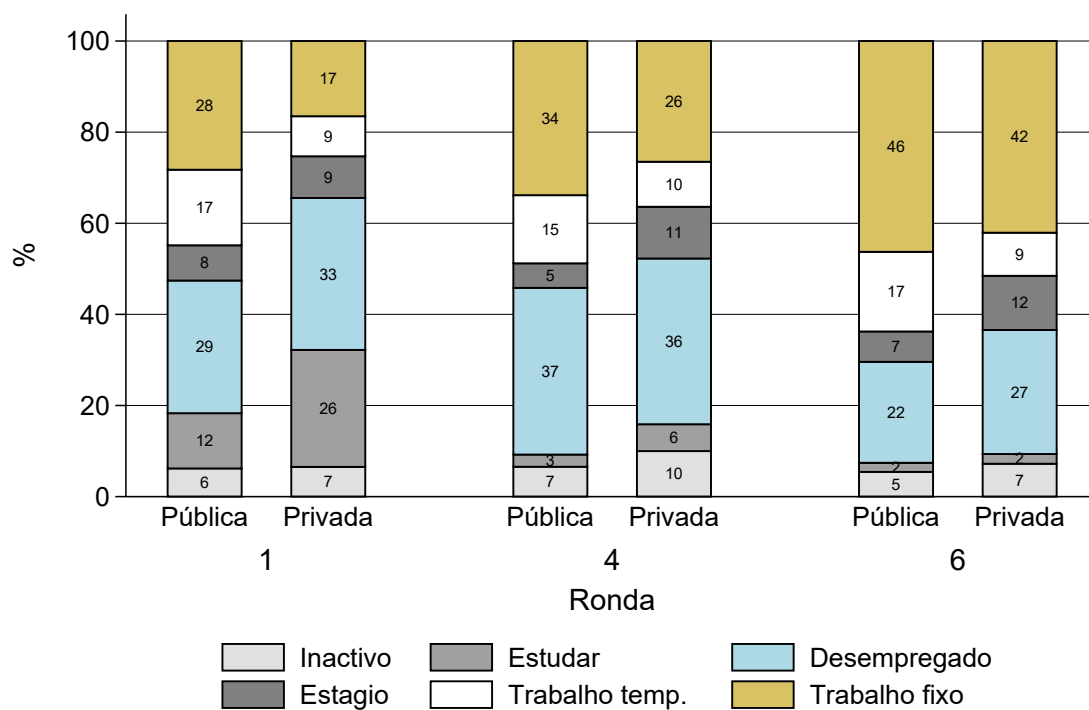
A Figuras adicionais

Figura A1: Situação económica por ronda e local da universidade



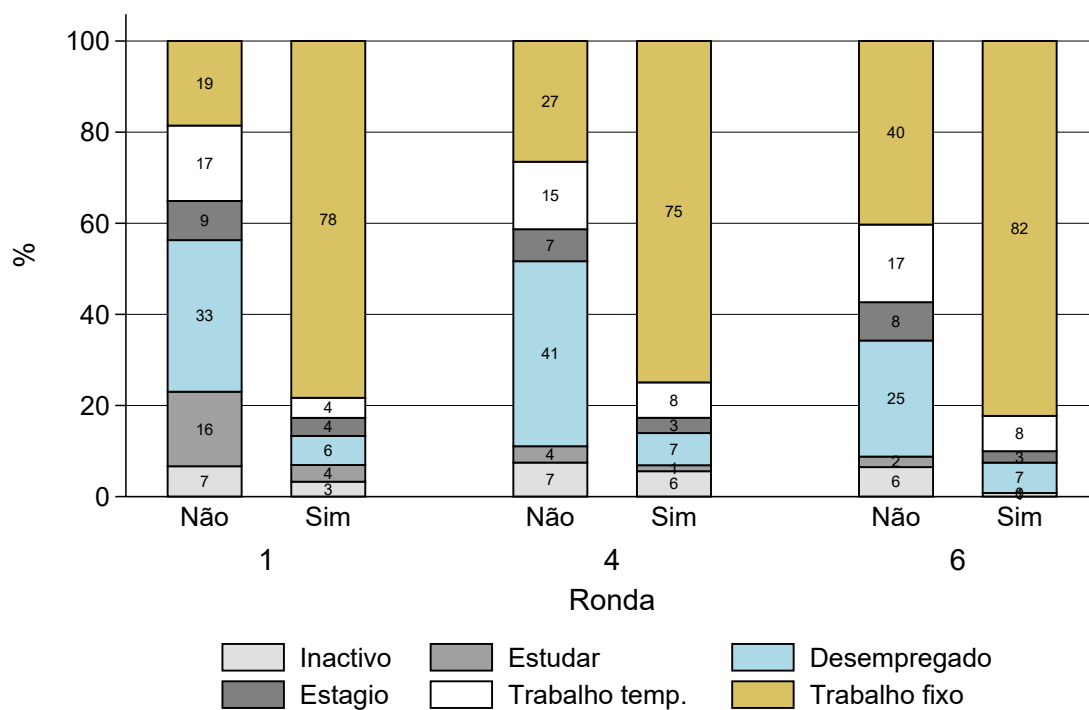
Fonte: dados do ITEEF.

Figura A2: Situação económica por ronda e tipo de universidade



Fonte: dados do ITEEF.

Figura A3: Situação económica por ronda e emprego inicial



Fonte: dados do ITEEF.

B Tabelas adicionais

Tabela B1: Coeficiente médio de ajuste aos ponderadores do inquérito base

Área de estudos	Género		Total
	Homens	Mulheres	
Agricultura	1.02	1.08	1.05
Ciências Naturais	1.04	1.06	1.05
Ciências Sociais	1.05	1.16	1.11
Educação	1.06	1.10	1.08
Engenharia	1.03	1.12	1.05
Letras e Humanidades	1.05	1.11	1.08
Saúde	1.02	1.12	1.08
Total	1.04	1.13	1.08

Fonte: dados do ITEEFU.

Tabela B2: Sector de trabalho na última ronda observada por área de estudo, percentagem

Sector ↓	Área de estudo							Total
	Educ.	Letras	Ciênc. Soc.	Ciênc. Nat.	Engenh.	Agric	Saúde	
Agricultura e Pecuária	1	0	1	3	3	17	1	2
Indústria extractiva	0	0	1	3	3	1	0	1
Indústria transformadora	1	0	2	4	11	3	0	2
Construção	1	1	2	1	35	0	0	4
Comércio e Reparação	8	12	14	8	6	20	4	11
Turismo e Restauração	1	3	1	1	1	1	1	1
Transporte e Armazenamento	0	2	2	1	3	1	1	1
Tecnologias e Comunicações	2	14	10	31	7	9	1	8
Actividades financeiras	2	8	20	4	3	4	1	10
Administração pública	5	9	21	4	2	2	6	12
Educação	69	27	13	23	15	34	15	33
Saúde e Acção social	4	5	4	10	3	8	68	9
Consultoria/Outros serviços	2	13	6	4	3	0	0	4
Não especificado	2	5	4	4	3	2	2	3
Total	100	100	100	100	100	100	100	100

Nota: N = 1.571, vide Table B3.

Fonte: dados do ITEEF

Tabela B3: Sector de trabalho na última ronda observada por área de estudo, número de observações

Sector ↓	Área de estudo							Total
	Educ.	Letras	Ciênc. Soc.	Ciênc. Nat.	Engenh.	Agric	Saúde	
Agricultura e Pecuária	6	0	7	2	4	13	1	32
Indústria extractiva	0	0	5	2	4	0	0	11
Indústria transformadora	3	0	11	2	14	2	0	32
Construção	6	0	13	1	43	0	0	63
Comércio e Reparação	37	3	95	5	8	16	4	169
Turismo e Restauração	7	1	5	1	1	0	1	16
Transporte e Armazenamento	1	1	13	1	4	0	1	21
Tecnologias e Comunicações	12	4	69	20	9	7	1	121
Actividades financeiras	12	2	139	2	4	3	1	163
Administração pública	25	2	142	2	3	2	6	182
Educação	343	7	87	14	18	27	15	512
Saúde e Acção social	20	1	30	7	4	6	67	135
Consultoria/Outros serviços	11	3	41	3	4	0	0	63
Não especificado	12	1	27	2	4	1	2	50
Total	495	26	685	64	123	80	99	1,571

Fonte: dados do ITEEF

Tabela B4: Sector de trabalho na última ronda observada por área de estudo, homens

Sector ↓	Área de estudo							Total
	Educ.	Letras	Ciênc. Soc.	Ciênc. Nat.	Engenh.	Agric	Saúde	
Agricultura e Pecuária	2	0	1	3	2	15	0	2
Indústria extractiva	0	0	1	3	5	1	0	1
Indústria transformadora	0	0	2	5	13	2	0	2
Construção	2	2	3	2	33	0	0	5
Comércio e Reparação	4	4	8	7	5	17	3	7
Turismo e Restauração	1	2	1	1	1	1	0	1
Transporte e Armazenamento	0	2	3	2	2	1	2	2
Tecnologias e Comunicações	3	16	11	35	7	8	0	8
Actividades financeiras	3	6	20	3	4	6	0	10
Administração pública	4	12	22	3	3	2	9	12
Educação	74	31	13	22	17	42	13	34
Saúde e Acção social	3	4	4	8	1	3	70	8
Consultoria/Outros serviços	2	14	7	4	3	0	0	4
Não especificado	3	6	5	3	4	2	3	4
Total	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: dados do ITEEF

Tabela B5: Sector da última posição de trabalho por área de estudo, mulheres

Sector ↓	Área de estudo							Total
	Educ.	Letras	Ciênc. Soc.	Ciênc. Nat.	Engenh.	Agric	Saúde	
Agricultura e Pecuária	1	0	0	2	5	21	1	2
Indústria extractiva	0	0	1	2	0	0	0	0
Indústria transformadora	1	0	1	2	5	5	0	1
Construção	0	0	0	0	43	0	0	2
Comércio e Reparação	12	26	22	9	9	27	5	17
Turismo e Restauração	2	6	1	2	0	0	1	1
Transporte e Armazenamento	1	3	1	0	5	0	0	1
Tecnologias e Comunicações	2	10	9	23	9	10	3	7
Actividades financeiras	1	10	21	5	0	0	1	11
Administração pública	7	3	19	6	0	2	3	11
Educação	64	20	13	24	10	15	19	31
Saúde e Acção social	5	7	4	15	10	19	65	10
Consultoria/Outros serviços	3	10	5	5	5	0	0	4
Não especificado	1	3	3	5	0	0	1	2
Total	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: dados do ITEEF

Tabela B6: Classificação dos finalistas pelo pior e melhor qualidade de trabalho alcançada ao longo das rondas de seguimento

Qualidade da posição 'pior' ↓	Qualidade da posição 'melhor'				Total	Obs.
	Zero	Baixa	Média	Alta		
<i>(a) Em percentagem das linhas:</i>						
Zero	11	34	41	14	100	1,340
Baixa	0	18	54	28	100	294
Média	0	0	28	72	100	383
Alta	0	0	0	100	100	51
Total	7	24	39	30	100	2,068
<i>(b) Em percentagem das colunas:</i>						
Zero	100	90	67	30	64	1,340
Baixa	0	10	18	12	13	294
Média	0	0	15	48	20	383
Alta	0	0	0	10	3	51
Total	100	100	100	100	100	2,068
Obs.	149	506	815	598	2,068	

Nota: classifica-se as posições de emprego em quatro tipos por seu nível de qualidade e com base nas sete dimensões indicadas na Tabela 19: 'zero' = nenhum emprego; 'baixa' = uma ou duas dimensões de qualidade; 'média' = três até cinco dimensões de qualidade; 'alta' = seis ou sete dimensões de qualidade.

Fonte: dados do ITEEF

Tabela B7: Salários medianos por sector de trabalho na última ronda observada

Sector ↓	Área de estudo							Total
	Educ.	Letras	Ciênc. Soc.	Ciênc. Nat.	Engenh.	Agric	Saúde	
Agricultura e Pecuária	16,000		16,000	14,000	10,000	13,000	10,000	13,000
Indústria extractiva			16,000	25,000	13,000	25,000		16,000
Indústria transformadora	8,000		18,500	24,000	15,000	15,000		18,000
Construção	14,000	7,000	6,500	22,500	26,500			17,000
Comércio e Reparação	6,000	3,500	12,500	10,000	24,000	7,500	13,000	10,000
Turismo e Restauração	6,500	15,500	21,000	6,000	9,000	5,000		9,000
Transporte e Armazenamento	5,000	5,000	8,000	12,000	54,500	2,000	18,000	8,000
Tecnologias e Comunicações	12,500	12,000	11,000	15,000	18,000	27,000	8,000	12,000
Actividades financeiras	10,000	23,500	16,500	9,000	18,500		30,500	16,000
Administração pública	9,500	10,000	13,000	13,000	20,000	13,000	19,000	12,000
Educação	13,000	8,500	10,500	11,000	11,000	8,500	19,000	12,500
Saúde e Acção social	7,000	6,000	12,000	22,000	7,500	14,000	29,000	18,000
Consultoria/Outros serviços	6,500	8,000	10,000	10,000	20,000	2,000		9,500
Não especificado	9,500	15,000	15,000	18,750	22,000	21,250	4,500	12,500
Total	12,000	10,000	12,500	13,500	20,000	10,000	20,000	12,500

Nota: os salários são reportados em termos nominais e em equivalentes ao tempo inteiro; refere-se ao salário na última ronda em que o participante foi observado a trabalhar, N = 1.517.

Fonte: dados do ITEEF

Tabela B8: Salários medianos por sector de trabalho na última ronda observada, homens

Sector ↓	Área de estudo							Total
	Educ.	Letras	Ciênc. Soc.	Ciênc. Nat.	Engenh.	Agric	Saúde	
Agricultura e Pecuária	16,000		16,000	14,000	10,000	13,000		13,000
Indústria extractiva			33,250	29,000	13,000	25,000		17,000
Indústria transformadora			18,500	20,500	15,000	25,000		18,500
Construção	14,000	7,000	6,500	22,500	24,000			14,000
Comércio e Reparação	6,500	3,000	14,500	10,000	20,000	6,000	13,000	10,500
Turismo e Restauração	11,000	15,500	21,000	6,000	15,000	3,000		15,000
Transporte e Armazenamento		5,000	8,000	12,000	54,500	2,000	18,000	8,500
Tecnologias e Comunicações	20,000	10,500	12,000	15,000	18,000	27,000		12,500
Actividades financeiras	9,000	23,500	16,000	26,000	18,500			15,500
Administração pública	10,500	9,500	14,000	16,000	20,000	5,500	19,000	14,000
Educação	14,000	12,500	10,500	10,000	14,000	8,500	20,000	13,500
Saúde e Acção social	10,000	11,500	13,000	16,500	10,000	25,500	29,000	19,500
Consultoria/Outros serviços	7,000	16,000	11,500	29,500	20,000	14,000		11,000
Não especificado	9,500	29,250	15,000	18,000	22,000	21,250	4,500	15,000
Total	13,000	12,000	13,500	14,000	20,000	10,000	22,000	14,000

Fonte: vide a Tabela B7.

Fonte: dados do ITEEF

Tabela B9: Salários medianos por sector de trabalho na última ronda observada, mulheres

Sector ↓	Área de estudo							Total
	Educ.	Letras	Ciênc. Soc.	Ciênc. Nat.	Engenh.	Agric	Saúde	
Agricultura e Pecuária			5,500	14,000		8,500	10,000	8,500
Indústria extractiva			7,000	25,000				7,000
Indústria transformadora	8,000		29,000	24,000		6,000		12,500
Construção			15,000		30,000			30,000
Comércio e Reparação	5,500	4,000	10,000	4,500	34,500	8,500	9,000	9,000
Turismo e Restauração	6,500	11,000	2,000	20,500	9,000	5,000		6,500
Transporte e Armazenamento	5,000		6,000					5,000
Tecnologias e Comunicações	7,000	12,500	10,000	9,000	25,500	16,000	8,000	10,000
Actividades financeiras	12,250	23,000	17,000	5,500			30,500	16,500
Administração pública	8,000	10,000	10,000	10,500		13,000		9,000
Educação	12,500	5,500	11,500	12,000	7,000	10,500	19,000	12,500
Saúde e Acção social	7,000	5,500	6,500	31,000	7,500	13,500	30,000	13,500
Consultoria/Outros serviços	4,500	6,500	7,000	10,000		2,000		6,000
Não especificado	10,750	2,000	36,000	18,750			10,000	12,500
Total	10,000	7,000	11,500	12,000	26,500	10,000	20,000	11,500

Fonte: vide a Tabela B7.

Fonte: dados do ITEEF

C Lista de cursos classificados por área de estudo

Agricultura: Agro-Economia e Extensão Agrária; Agro-Pecuária; Biologia Marinha, Aquática e Costeira; Desenvolvimento Rural; Economia Agrária; Engenharia Agronómica; Engenharia Florestal; Medicina Veterinária; Ecologia e Conservação da Biodiversidade Terrestre; Educação Ambiental.

Ciências Naturais: Administração de Sistemas de Informação e Redes; Biologia e Saúde; Cartografia e Pesquisa Geológica; Ciências de Informação Geográfica; Computer Science; Engenharia Informática; Engenharia Informática e de Telecomunicações; Estatística; Física; Geologia Aplicada; Informática; Informática de Gestão; Matemática; Meteorologia; Química Industrial; Tecnologias de Informação.

Ciências Sociais: Accounting and Auditing; Administração e Gestão de Empresas; Antropologia; Business Management; Ciências Actuariais; Ciências da Comunicação; Ciências Jurídicas; Ciências Políticas; Contabilidade; Contabilidade e Auditoria; Contabilidade e Finanças; Cooperação para o Desenvolvimento; Direito; Economia; Economia e Gestão; Geografia; Gestão; Gestão de Comércio; Gestão de Empresas; Gestão de Empresas Turísticas; Gestão de Recursos Humanos; Gestão Financeira e Bancária; Gestão Portuária; História; Jornalismo; Planeamento Regional e Urbano; Psicologia das Organizações; Psicologia Escolar e de Necessidades Educativas Especiais; Psicologia Social e Comunitária; Psicologia Social e das Organizações; Sociologia.

Educação: Administração e Gestão da Educação; Ciências de Educação; Desenvolvimento e Educação de Infância; Educação de Infância; Educação e Assistência Social; Educação Visual; Ensino Básico; Ensino de Biologia; Ensino de Educação Física e Desporto; Ensino de Filosofia; Ensino de Física; Ensino de Francês; Ensino de Geografia; Ensino de História; Ensino de Inglês; Ensino de Línguas Bantu; Ensino de Matemática; Ensino de Português; Ensino de Química; Língua de Sinais de Moçambique; Organização e Gestão da Educação; Psicologia Educacional.

Engenharia: Engenharia Ambiental; Engenharia Civil; Engenharia de Processos; Engenharia Eléctrica; Engenharia Electrónica; Engenharia Mecânica; Engenharias Mecatrónica.

Letras e Humanidades: Arqueologia; Arqueologia e Gestão do Património Cultural; Arquivística; Artes Cénicas; Biblioteconomia; Linguística; Literatura Moçambicana; Música; Teatro; Tradução Português/Francês; Tradução Português/Inglês.

Saúde: Administração e Gestão Hospitalar; Análises Clínicas e Laboratoriais; Enfermagem Superior; Farmácia; Medicina Geral; Psicologia; Psicologia Clínica e Assistência Social; Serviços Sociais.

D Questionário do inquérito de seguimento (exemplo)

Apresenta-se em baixo uma cópia do questionário usado na quarta ronda de seguimento telefónico. Note-se que havia pequenas modificações ao questionário ao longo das rondas.

O questionário do inquérito de base encontra-se em [Jones et al. \(2018\)](#).

Questionário Telefónico

INTRODUÇÃO

ESCOLHA DO CENÁRIO – INSTRUÇÕES PARA O ENTREVISTADOR

1. CENÁRIO 1 [NÚMERO DE TELEFONE 1 & 2] [PASSE PARA O CENÁRIO 1]
2. CENÁRIO 2 [NÚMERO DE TELEFONE DO FAMILIAR OU AMIGO] [PASSE PARA CENÁRIO 2]

CENÁRIO 1: O CONTACTO É FEITO ATRAVÉS DO NÚMERO DE TELEMÓVEL PRIMÁRIO OU SECUNDÁRIO

Bom dia [*nome*]. Estamos a ligar-lhe porque você gentilmente concordou em participar das pesquisas de acompanhamento sobre a transição dos jovens para o mercado de trabalho. A pesquisa é realizada por pesquisadores da Universidade Eduardo Mondlane, com o apoio da Universidade de Copenhaga e da Universidade das Nações Unidas. Você tem 5 minutos para responder algumas perguntas? Gostaríamos de lembrá-lo que todas as respostas são anónimas e não serão compartilhadas com terceiros.

Pode confirmar os seus dados para que eu possa ter certeza de que estou a falar com a pessoa certa:

PERGUNTAR TUDO

1. Qual é o seu primeiro nome:
2. Qual é o seu apelido:
3. Qual é o seu ano de nascimento:
4. Que universidade você frequentou em 2017:

1. Universidade Eduardo Mondlane (UEM)	5. Universidade Pedagógica
2. Universidade Católica de Moçambique	6. Universidade Politécnica
3. Universidade de Zambeze	7. Outro [OE]
4. Universidade São Tomás de Moçambique	
5. Em que província de Moçambique ou país você reside actualmente?

1. Cabo Delgado	11. Zambézia
2. Gaza	12. País: África do Sul
3. Inhambane	13. País: Zimbabwe
4. Manica	14. País: Tanzânia
5. Maputo Cidade	15. País: Angola
6. Maputo Província	16. País: Portugal
7. Nampula	17. País: Brasil
8. Niassa	18. País: Outro [OE]
9. Sofala	99. Recusou responder
10. Tete	

INSTRUÇÕES PARA O ENTREVISTADOR

1. INFORMAÇÃO CORRECTA [PASSE PARA Q1a]
2. NÃO É A PESSOA CERTA [PASSE PARA O CENÁRIO 2, PERGUNTAS PARA ENCONTRAR O CONTACTO CORRECTO]

CENÁRIO 2: O CONTACTO É FEITO ATRAVÉS DO NÚMERO DE TELEFONE DE UM AMIGO OU PARENTE

Bom dia [nome]. Estamos a realizar um inquérito sobre a transição dos jovens para o mercado de trabalho. A pesquisa foi dirigida por pesquisadores da Universidade Eduardo Mondlane, com o apoio da Universidade de Copenhaga e da Universidade das Nações Unidas. [nome e apelido] do [nome da localização da universidade] concordou em participar no estudo de seguimento e [NOME] deu-nos o seu contacto, de modo a contactá-lo/a se ele não estiver disponível no seu telemóvel.

1. Você pode passar o telefone a ele/a **[PASSE PARA O CENÁRIO 1]**
2. Se fosse possível ligar num outro momento em que ele/ela estará disponível neste número:
_____ Hora **[1-12 Horas / 1-60 Minutos]** _____ data **[Dia 1-31 / Mês 1-12]** **[REGISTAR PARA UMA CHAMADA FUTURA PARA O CENÁRIO 1 – AGRADEÇA E TERMINE A ENTREVISTA] [FIM DA ENTREVISTA]**
3. Se puder dar-nos o número de telefone pelo qual podemos contactá-lo/a:
_____ número de telefone **[REGISTAR PARA UMA CHAMADA FUTURA PARA O CENÁRIO 1 – AGRADEÇA E TERMINE A ENTREVISTA] [O PRIMEIRO E O SEGUNDO NÚMEROS DE TELEFONE SERÃO EXIBIDOS NA TELA. SE O CONTACTO FORNECER O MESMO NÚMERO, SONDE PARA OBTER UM ADICIONAL, NOVO NÚMERO] [TERMINE A ENTREVISTA]**

PERGUNTAR TUDO

Q1a. Nos últimos 7 dias, você realizou algum trabalho? Por trabalho quero dizer qualquer forma de actividade económica, seja remunerada ou não.

[RESPOSTA ÚNICA]

1. Sim
2. Não

PERGUNTAR SE Q1A FOR 2 [NÃO TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS]

Q1b. Actualmente, você tem um emprego fixo?

[RESPOSTA ÚNICA]

1. Sim
2. Não

PERGUNTAR SE Q1A FOR 1 [TRABALHA] OU Q1b FOR 1 [TEM EMPREGO FIXO]

Q1e. É o mesmo trabalho/ actividade desde a última vez que entrámos em contacto consigo?

[RESPOSTA ÚNICA]

1. Sim
2. Não
3. Não se lembra/ não foi contactado/a

PERGUNTAR TUDO

Q1c. Estamos interessados em saber se a sua situação em relação a conclusão dos seus estudos foi alterada desde a última vez que você foi entrevistado/a para esta pesquisa. Você concluiu todas as disciplinas do curso em que você estava a estudar no ano passado (2017), incluindo a tese?

[RESPOSTA ÚNICA]

1. Sim, eu concluí
2. Não, eu ainda não concluí

PERGUNTAR SE Q1c FOR 1 [SIM]

Q1d. Qual foi a sua nota final?

[RESPOSTA ÚNICA]

1. _____ [Número inteiro entre 0 e 20; verificar se menos de 10]
2. Recusou dizer
3. Ainda não sabe

PARTE 1 TRABALHADORES [MENSAGEM INTERNA]

PERGUNTAR SE Q1A FOR 1 [TRABALHA] OU Q1B FOR 1 [TEM EMPREGO FIXO]

Q1. Há quanto tempo você trabalha neste emprego/actividade? **[se o/a entrevistado/a tem vários empregos, nas perguntas seguintes ele / ela deve focar na que ele / ela considera como o principal emprego/actividade]**

[RESPOSTA ÚNICA]

1. _____ semanas **[1 a 4]** _____ meses **[1 a 12]** _____ anos **[0 a 40]**
99. Não sabe **[NÃO LER]**

PERGUNTAR SE Q1A FOR 1 [TRABALHA] OU Q1B FOR 1 [TEM EMPREGO FIXO]

Q2a. Qual dos seguintes melhor descreve o seu trabalho?

[RESPOSTA ÚNICA]

1. Ocasional/Temporário
2. Estágio
3. Contrato de tempo determinado
4. Contrato de trabalho permanente

PERGUNTAR SE Q1A FOR 1 [TRABALHA] OU Q1B FOR 1 [TEM EMPREGO FIXO]

Q2b. Um trabalho normal a tempo inteiro é de cerca de 40 horas por semana. Em média, quantas horas você trabalha por semana na sua actividade actual?

[RESPOSTA NUMÉRICA ÚNICA - [1 a 100]

PERGUNTAR SE Q1A FOR 1 [TRABALHA] OU Q1B FOR 1 [TEM EMPREGO FIXO] E Q1E FOR 2 OU 3 [NÃO O MESMO EMPREGO OU NÃO SE LEMBRA]

Q3. Para que tipo de organização você trabalha?

[RESPOSTA ÚNICA]

1. Trabalhador independente
2. Negócio de família (incluindo agricultura familiar)
3. Sector privado (com fins lucrativos)
4. Organizações Não-Governamentais (ONGs)
5. Sector público

PERGUNTAR SE Q1A FOR 1 [TRABALHA] OU Q1B FOR 1 [TEM EMPREGO FIXO] E Q1E FOR 2 OU 3 [NÃO O MESMO EMPREGO OU NÃO SE LEMBRA]

Q4. Em que sector você trabalha? **[se apenas é dada a profissão, como engenharia ou consultoria, por favor, pergunte o sector de actividade]**

[RESPOSTA ÚNICA]

- | | |
|--|--|
| 1. Agricultura, Pecuária, Caça, Floresta e Pescas | 9. Actividades financeiras |
| 2. Industrias extrativas | 10. Administração pública, Defesa e Segurança Social |
| 3. Industria transformadora; Produção / Distribuição de Água, Eletricidade e Gás | 11. Educação |
| 4. Construção | 12. Saúde e Acção Social |
| 5. Comércio, Reparação de Veículos Automóveis | 13. Actividades Imobiliárias, Serviços de Consultoria, e Serviços Empresariais |
| 6. Restaurantes e Similares (incl. Turismo) | 14. Outros Serviços (incl. Arte / Cultura) |
| 7. Transporte, Armazenamento | 15. Outro [OE] |
| 8. Informação e Comunicação | |

PERGUNTAR SE Q1A FOR 1 [TRABALHA] OU Q1B FOR 1 [TEM EMPREGO FIXO]

Q4a. Você tem um contrato de trabalho por escrito?

[RESPOSTA ÚNICA]

- | | |
|--------|--------|
| 1. Sim | 2. Não |
|--------|--------|

PERGUNTAR SE Q1A FOR 1 [TRABALHA] OU Q1B FOR 1 [TEM EMPREGO FIXO] E Q1E FOR 2 OU 3 [NÃO O MESMO EMPREGO OU NÃO SE LEMBRA]

Q4b. O seu trabalho está estritamente relacionado com o seu curso universitário?

[RESPOSTA ÚNICA]

- | | |
|--------|--------|
| 1. Sim | 2. Não |
|--------|--------|

PERGUNTAR SE Q1A FOR 1 [TRABALHA] OU Q1B FOR 1 [TEM EMPREGO FIXO]

Q5. Qual é o seu salário ou rendimento mensal actual (após a dedução de impostos)

[RESPOSTA ÚNICA]

1. _____ MZN **[se necessário, clarificar com o entrevistado se ele/a fala em '000 MZN; se inferior a 500, repita para garantir que a questão seja bem compreendida; colocar zero para o trabalho não remunerado] [POR FAVOR ESCREVA O MONTANTE TOTAL]**
2. Não recebe
98. Recusou **[NÃO LER]**

PERGUNTAR SE Q1A FOR 1 [TRABALHA] OU Q1B FOR 1 [TEM EMPREGO FIXO]

Q6. Você está inscrito no INSS, isto é, no Instituto Nacional de Segurança Social?

[RESPOSTA ÚNICA]

- | | |
|--------|--------|
| 1. Sim | 2. Não |
|--------|--------|

PERGUNTAR SE Q1A FOR 1 [TRABALHA] OU Q1B FOR 1 [TEM EMPREGO FIXO]

Q7. Quanto tempo você espera ficar no seu emprego actual?

[RESPOSTA ÚNICA]

1. _____ semanas **[1 a 4]** _____ meses **[0 a 12]** _____ anos **[0 a 5]**
2. 5 anos ou mais
99. Não sabe **[NÃO LER; CLARIFICAR QUE ISTO NÃO É PERMANENTE]**

PERGUNTAR SE Q1A FOR 1 [TRABALHA] OU Q1B FOR 1 [TEM EMPREGO FIXO]

Q8. Pensando no futuro, em Junho de 2019, quanto você espera ganhar por mês nessa altura (após a dedução de impostos)?

[RESPOSTA ÚNICA]

1. _____ MZN [se necessário, clarificar com o entrevistado se ele/ela fala em '000 MZN] [POR FAVOR ESCREVA O MONTANTE TOTAL]
98. Recusou [NÃO LER] 99. Não sabe [NÃO LER]

PERGUNTAR SE Q1A FOR 1 [TRABALHO] OU Q1B FOR 1 [TEM UM EMPREGO FIXO] E SE Q8 FOR CÓDIGO

Q8a. Esta estimativa de salário é com base no trabalho a tempo inteiro ou a tempo parcial?

1. Tempo inteiro 2. Tempo parcial

PERGUNTAR SE Q1A FOR 1 [TRABALHA] OU Q1B FOR 1 [TEM EMPREGO FIXO] E SE Q8 FOR CÓDIGO 1

Q8b. As previsões de rendimento futuro são tipicamente feitas com algum grau de incerteza. Qual você diria que é a probabilidade do seu salário em Junho de 2019 ser maior do que a estimativa que você deu? Por favor, dê um valor entre 0 e 100 - por exemplo, uma probabilidade de 5 significa que há uma probabilidade muito baixa de receber um salário maior, 50 significa que há uma possibilidade média de receber um salário maior, e 95 significa que há uma probabilidade muito alta de receber um salário maior.

1. _____ [0-100]
98. Recusou [NÃO LER] 99. Não sabe [NÃO LER]

PERGUNTAR SE Q1A FOR 1 [TRABALHA] OU Q1B FOR 1 [TEM EMPREGO FIXO]

Q8c. E, qual você diria que é o maior salário (por mês) que você possivelmente ganharia em Junho de 2019?

1. _____ MZN [se necessário, clarificar com o entrevistado se ele/a fala de '000 MZN] [POR FAVOR ESCREVA O MONTANTE TOTAL]
98. Recusou [NÃO LER] 99. Não sabe [NÃO LER]

PERGUNTAR SE Q1A FOR 1 [TRABALHO] OU Q1B FOR 1 [TEM UM EMPREGO FIXO] E Q1E FOR 2 OU 3 [NÃO O MESMO EMPREGO OU NÃO SE LEMBRA] – Se “Iniciativa pessoal” é respondida, por favor clarifique dentro da lista abaixo

Q9. Como você encontrou o seu trabalho?

[ESCOLHA MÚLTIPLA]

- | | |
|---|--|
| 1. Através de anúncios nos jornais / rádio / TV / póster | 6. Através de agências de recrutamento |
| 2. Através de contacto directo com os empregadores (sem anúncios) | 7. Através da internet / redes sociais |
| 3. Através de estágio (antes da graduação) | 8. Através de amigos e família / outras pessoas |
| 4. Através de estágio (desde a graduação) | 9. Iniciei um negócio para mim / Estou a continuar o negócio da família [APENAS MOSTRADO SE CÓDIGO 1 OU 2 EM Q3] |
| 5. Através de um centro de emprego | 10. Outro [ESPECIFIQUE] |

PERGUNTAR SE Q1A FOR 1 [TRABALHA] OU Q1B FOR 1 [TEM EMPREGO FIXO] E Q1E FOR 2 OU 3 [NÃO O MESMO EMPREGO OU NÃO SE LEMBRA]

Q10. Numa escala de 1-7, onde 7 é muito importante e 1 não é importante, por favor avalie qual a importância do papel desempenhado pelos seguintes grupos de pessoas na obtenção do seu emprego.

[RESPOSTA ÚNICA POR LINHA, ALTERNAR A ORDEM DAS LINHAS]

		Não é importante						Muito importante	Não sabe
1	Os seus familiares directos	1	2	3	4	5	6	7	99
2	A sua família alargada	1	2	3	4	5	6	7	99
3	Os seus amigos próximos	1	2	3	4	5	6	7	99
4	Amigos da família	1	2	3	4	5	6	7	99
5	Antigos professores ou colegas de trabalho	1	2	3	4	5	6	7	99

PERGUNTAR SE Q1A FOR 1 [TRABALHA] OU Q1B FOR 1 [TEM EMPREGO FIXO] E Q1E FOR 2 OU 3 [NÃO O MESMO EMPREGO OU NÃO SE LEMBRA]

Q11. Numa escala de 1-7, onde 7 é muito importante e 1 não é importante, por favor avalie qual a importância do papel desempenhado pelo seguinte na obtenção do seu emprego:

[RESPOSTA ÚNICA POR LINHA, ALTERNAR A ORDEM DAS LINHAS]

		Não é importante						Muito importante	Não sabe
1	A escola secundária que você frequentou	1	2	3	4	5	6	7	99
2	A universidade que você frequentou	1	2	3	4	5	6	7	99
3	O curso que você tirou	1	2	3	4	5	6	7	99
4	As notas que você teve	1	2	3	4	5	6	7	99
5	As suas competências linguísticas	1	2	3	4	5	6	7	99
6	A sua aparência	1	2	3	4	5	6	7	99
7	O seu desempenho na entrevista de emprego	1	2	3	4	5	6	7	99

PERGUNTAR SE Q1A FOR 1 [TRABALHA] OU Q1B FOR 1 [TEM EMPREGO FIXO] E Q1E FOR 2 OU 3 [NÃO O MESMO EMPREGO OU NÃO SE LEMBRA]

Q12. Às vezes as pessoas que estão à procura de emprego precisam pagar alguém para garantir que isso aconteça. Alguma vez você foi solicitado a pagar? Por favor, tenha em mente que as suas respostas permanecem estritamente confidenciais.

[RESPOSTA ÚNICA]

1. Sim
2. Não
98. Sem resposta

PERGUNTAR SE Q1A FOR 1 [TRABALHA] OU Q1B FOR 1 [TEM EMPREGO FIXO] E Q1E FOR 2 OU 3 [NÃO O MESMO EMPREGO OU NÃO SE LEMBRA] E Q12 FOR 1 [SIM]

Q13. Se sim, o quanto você foi solicitado a pagar em tal situação?

[RESPOSTA ÚNICA]

1. _____ MZN [se necessário, clarificar com o entrevistado se ele/a fala de '000 MZN] [POR FAVOR ESCREVA O MONTANTE TOTAL]

98. Recusou [NÃO LER]

99. Não sabe [NÃO LER]

PARTE 2 DESEMPREGADOS [MENSAGEM INTERNA]

PERGUNTAR SE Q1A FOR 2 [NÃO TRABALHA] E Q1B FOR 2

Q14. Você frequenta alguma formação académica ou pedagógica?

[RESPOSTA ÚNICA]

1. Sim

2. Não

PERGUNTAR SE Q1A FOR 2 [NÃO TRABALHA] E Q1B FOR 2 E SE Q14 FOR 1 [SIM]

Q15. Qual é a área de estudos dessa formação?

[RESPOSTA ÚNICA]

1. Educação/formação de professores

6. Ciências Naturais (que não seja informática; ex. Matemática, Física, Biologia...)

2. Humanidades (ex. Línguas, História)

7. Engenharia

3. Economia ou Gestão

8. Agricultura

4. Ciências Sociais (que não seja Economia; ex. Sociologia, Geografia...)

9. Saúde

5. Tecnologia (Informática, etc.)

10. Outra [OE]

PERGUNTAR SE Q1A FOR 2 [NÃO TRABALHA] E Q1B FOR 2 E SE Q14 FOR 1 [SIM]

Q16. Qual é o tipo de grau académico?

[RESPOSTA ÚNICA]

1. Licenciatura

4. Certificação profissional

2. Mestrado

5. Nenhum

3. Doutoramento

PERGUNTAR SE Q1A FOR 2 [NÃO TRABALHA] E Q1B FOR 2 E SE Q14 FOR 1 [SIM]

Q17. Quando você espera completar os seus estudos?

[RESPOSTA ÚNICA]

1. Este ano, _____ meses [1 a 12]

2. _____ ano [1 a 10]

98. Recusou [NÃO LER]

99. Não sabe [NÃO LER]

PERGUNTAR SE Q1A FOR 2 [NÃO TRABALHA] E Q1B FOR 2 E SE Q14 FOR 1 [SIM]

Q18. Você pretende procurar emprego logo após a conclusão dos seus estudos actuais?

[RESPOSTA ÚNICA]

1. Sim

2. Não

PERGUNTAR SE Q22 FOR 1 [SIM] E Q26A FOR 1 [SIM]

Q26B. Qual é o principal motivo que levou você a não aceitar essas ofertas de emprego? **[se várias razões são dadas, por favor, peça para se concentrar na razão principal]**

[RESPOSTA ÚNICA]

- | | |
|---|--|
| 1. O salário era muito baixo | 5. Espera uma oferta melhor em breve |
| 2. As horas de trabalho não eram convenientes (ex., muito poucas, demasiadas, horário desfavorável) | 6. Pediram para pagar (muito) para garantir o trabalho |
| 3. O trabalho não era numa área/sector desejado | 7. Ainda está a estudar |
| 4. O trabalho era num local não desejado | 8. Assuntos sociais ou religiosos |
| | 9. Outro [OE] |

PERGUNTAR SE Q1A FOR 2 [NÃO TRABALHA] E Q1B FOR 2 [SEM EMPREGO FIXO] E TANTO Q22 FOR 1 [SIM] OU Q18 FOR 1 [SIM]

Q26. Em quanto tempo você espera encontrar emprego?

[RESPOSTA ÚNICA]

- | | |
|---------------------------|-------------------------------|
| 1. Numa semana | 4. Num ano |
| 2. Num mês | 5. Em mais de um ano |
| 3. Dentro de alguns meses | 99. Não sabe [NÃO LER] |

PERGUNTAR SE Q1A FOR 2 [NÃO TRABALHA] E Q1B FOR 2 [SEM EMPREGO FIXO] E TANTO Q22 FOR 1 [SIM] OU Q18 FOR 1 [SIM]

Q27. Depois de encontrar um novo emprego, quanto você espera ganhar no primeiro mês? Por favor, dê-nos a sua estimativa de um salário ou rendimento mensal. **[SONDAGEM ADICIONAL SE O ENTREVISTADO NÃO PUDE DAR UMA ESTIMATIVA EM MZN]:** Por favor, você pode tentar dar uma estimativa?

[RESPOSTA ÚNICA]

- | | |
|---|-------------------------------|
| 1. _____ MZN [se necessário, clarificar com o entrevistado se ele/a fala de '000 MZN] [POR FAVOR ESCREVA O MONTANTE TOTAL] | 99. Não sabe [NÃO LER] |
| 98. Recusou [NÃO LER] | |

PERGUNTAR SE Q1A FOR 2 [NÃO TRABALHA] E Q1B FOR 2 [SEM EMPREGO FIXO] E SE Q27 FOR CÓDIGO 1 E TANTO Q22 FOR 1 [SIM] OU Q18 FOR 1 [SIM]

Q27a. A sua resposta à pergunta anterior é com base no trabalho a tempo inteiro ou a tempo parcial?

- | | |
|------------------|------------------|
| 1. Tempo inteiro | 2. Tempo parcial |
|------------------|------------------|

PERGUNTAR SE Q1A FOR 2 [NÃO TRABALHA] E Q1B FOR NÃO [SEM EMPREGO FIXO] E TANTO Q22 FOR 1 [SIM] OU Q18 FOR 1 [SIM]

Q28. Olhando para o futuro, em Junho de 2019, e assumindo que você tenha encontrado um novo emprego, sendo realista, quanto você espera ganhar por mês (após a dedução de impostos)? **[SONDAGEM ADICIONAL SE O ENTREVISTADO NÃO PUDE DAR UMA ESTIMATIVA EM MZN]:** Por favor, você pode tentar dar uma estimativa?

[RESPOSTA ÚNICA]

- | | |
|---|-------------------------------|
| 1. _____ MZN [se necessário, clarificar com o entrevistado se ele/a fala de '000 MZN] [POR FAVOR ESCREVA O MONTANTE TOTAL] | 99. Não sabe [NÃO LER] |
| 98. Recusou [NÃO LER] | |

PERGUNTAR SE Q1A FOR 2 [NÃO TRABALHA] E Q1B FOR NÃO [SEM EMPREGO FIXO] E TANTO Q22 FOR 1 [SIM] OU Q18 FOR 1 [SIM] E SE Q28 FOR CÓDIGO 1

Q28a. A sua resposta à pergunta anterior é com base no trabalho a tempo inteiro ou a tempo parcial?

1. Tempo inteiro
2. Tempo parcial

PERGUNTAR SE Q1A FOR 2 [NÃO TRABALHA] E Q1B FOR 2 [SEM EMPREGO FIXO] E TANTO Q22 FOR 1 [SIM] OU Q18 FOR 1 [SIM] E SE Q28 FOR CÓDIGO 1

Q28b. As previsões de rendimento futuro são tipicamente feitas com algum grau de incerteza. Qual você diria que é a probabilidade do seu salário em Junho de 2019 ser maior do que a estimativa que você deu? Por favor, dê um valor entre 0 e 100 - por exemplo, uma probabilidade de 5 significa que há uma probabilidade muito baixa de receber um salário maior, 50 significa que há uma possibilidade média de receber um salário maior, e 95 significa que há uma probabilidade muito alta de receber um salário maior.

1. _____ [0-100]
98. Recusou [NÃO LER]
99. Não sabe [NÃO LER]

PERGUNTAR SE Q1A FOR 2 [NÃO TRABALHA] E Q1B FOR 2 [SEM EMPREGO FIXO] E TANTO Q22 FOR 1 [SIM] OU Q18 FOR 1 [SIM]

Q28c. E, qual você diria que é o maior salário (por mês) que você possivelmente ganharia em Junho de 2019?

1. _____ MZN [se necessário, clarificar com o entrevistado se ele/a fala de '000 MZN] [POR FAVOR ESCREVA O MONTANTE TOTAL]
98. Recusou [NÃO LER]
99. Não sabe [NÃO LER]

PERGUNTAR SE Q1A FOR 2 [NÃO TRABALHA] E Q1B FOR 2 [SEM EMPREGO FIXO] E TANTO Q22 FOR 2 [NÃO] OU Q18 FOR [NÃO]

Q29. PERGUNTAR SE Q1A FOR 2 [NÃO TRABALHA] E Q1B FOR 2 [SEM EMPREGO FIXO] E

- SE Q18 FOR 2 [NÃO] E Q22 FOR 2 [SIM]: Por que você não pretende procurar trabalho diretamente após concluir seus estudos atuais?
- SE Q18 FOR 2 [SIM] E Q22 FOR 2 [NÃO]: Por que você não procura um emprego agora de forma activa?
- SE Q18 FOR 2 [NÃO] E Q22 FOR 2 [NÃO]: Por que você não procura emprego agora de forma activa ou não o faz diretamente após concluir os seus estudos atuais?

[RESPOSTA ABERTA]

1. Estuda a tempo inteiro
2. Cuida de pessoas dependentes (ex., crianças)
3. Proibida de trabalhar pelo marido
4. Proibido de trabalhar pela esposa
5. Saúde debilitada (doente)
6. Deficiente
7. Desistiu (sem trabalhos disponíveis)
8. À espera de graduar / terminar a tese
9. Outro [OE]
98. Recusou [NÃO LER]
99. Não sabe [NÃO LER]

PERGUNTAR SE Q1A FOR 2 [NÃO TRABALHA] E Q1B FOR NÃO [SEM EMPREGO FIXO] E TANTO Q22 FOR 2 [NÃO] OU Q18 FOR [NÃO]

Q30. Você espera procurar trabalho no futuro?

[RESPOSTA ÚNICA]

1. Sim
2. Não

PERGUNTAR A TODOS

Q31. Você está a fazer alguma formação vocacional ou profissional actualmente?

[RESPOSTA ÚNICA]

1. Sim 2. Não

PERGUNTAR SE Q31 FOR 1 [SIM]

Q32. Que tipo de formação vocacional ou profissional?

[RESPOSTA ÚNICA]

1. Línguas 4. Engenharia (mecânica / eléctrica / química)
 2. Empreendedorismo ou gestão 5. Condução / operar máquina
 3. Tecnologias de Informação (ex. Computadores, Informática) 6. Outro **[OE]**

PERGUNTAR SE Q31 FOR 1 [SIM]

Q33. Essa formação é paga?

[RESPOSTA ÚNICA]

1. Sim 2. Não

PERGUNTAR SE Q31 FOR 1 [SIM] E Q33 FOR 1 [SIM]

Q34. Quanto você paga por mês? Se a formação foi paga por mais de um mês, por favor faça uma estimativa do valor mensal.

[RESPOSTA ÚNICA]

1. _____ MZN **[se necessário, clarificar com o entrevistado se ele/a fala de '000 MZN] [POR FAVOR ESCREVA O MONTANTE TOTAL]**
 98. Recusou **[NÃO LER]** 99. Não sabe **[NÃO LER]**

PERGUNTAR A TODOS

Q35. Você já recebeu alguma informação sobre os resultados das rondas anteriores do inquérito?

	Sim	Não
Através de SMS	1	2
Participando de um evento público	1	2
A partir de amigos e colegas	1	2

PERGUNTAR A TODOS

Q36. Obrigado/a pela sua participação. Por ter participado nesta ronda, daremos crédito na sua conta de celular no valor de 50 MZN. Você deve receber este agradecimento até ao final do dia. Poderia por favor confirmar se podemos enviar-lhe este valor em crédito neste número, ou por favor dê-nos um número alternativo a que possa ser enviado:

1. Eu confirmo que o crédito pode ser enviado para este número
 2. Número de telefone alternativo: _____ **[OE NUMÉRICO – verificar se o número de telefone está correcto]**